



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

VILMA BARBOSA FELIX

**O MOVIMENTO HUMANISTA E A MARCHA MUNDIAL PELA
PAZ E NÃO VIOLÊNCIA** – A busca da superação das tensões entre
indivíduo e sociedade na criação das identidades coletivas

RECIFE
2014

VILMA BARBOSA FELIX

**O MOVIMENTO HUMANISTA E A MARCHA MUNDIAL PELA
PAZ E NÃO VIOLÊNCIA – A busca da superação das tensões entre
indivíduo e sociedade na criação das identidades coletivas**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação da professora Dr^a Liana Lewis, para obtenção do título de mestre em Sociologia.

RECIFE
2014

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva CRB4-1291

F316m Felix, Vilma Barbosa.

O Movimento Humanista e a Marcha Mundial pela Paz e Não Violência : a busca da superação das tensões entre indivíduo e sociedade na criação das identidades coletivas / Vilma Barbosa Felix. – Recife: O autor, 2014.
125 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Liana Lewis.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Sociologia, 2014.

Inclui referências e anexos.

1. Sociologia. 2. Identidade social. 3. Ação coletiva. 4. Movimentos sociais. 5. Humanismo. I. Lewis, Liana (Orientadora). II. Título.

301 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2014-157)

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO VILMA BARBOSA FELIX, DO CURSO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO.

Aos doze dias do mês de agosto do ano de dois mil e quatorze, reuniram-se na Sala de Seminários do 12º andar do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os membros da Comissão designada para a **Defesa de Dissertação de VILMA BARBOSA FELIX**, intitulada “**O Movimento Humanista e a Marcha Mundial pela Paz e Não Violência – A Busca da superação das tensões entre indivíduo e sociedade na criação das identidades coletivas.**” A Comissão foi composta pelas Professoras: **Profª. Drª. Liana Lewis (Presidenta/Orientadora); Prof. Dr. Gustavo Gomes da Costa Santos (Titular Interno); Profª. Drª. Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro (Titular Externa, CCSA/UFPE)**. Dando início aos trabalhos, a **Profª. Drª. Liana Lewis** explicou aos presentes o objetivo da reunião, dando-lhes ciência da regulamentação pertinente. Em seguida, passou a palavra à autora da Dissertação, para que apresentasse o seu trabalho. Após essa apresentação, cada membro da Comissão fez sua arguição, seguindo-se a defesa do candidato. Ao final da defesa a Comissão Examinadora retirou-se para, em secreto, deliberar sobre o trabalho apresentado. Ao retornar, a **Profª. Drª. Liana Lewis**, presidente da mesa e orientadora da candidata, solicitou que fosse feita a leitura da presente Ata, com a decisão da Comissão **aprovando a Dissertação por unanimidade, com indicação para publicação**. E, nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim, secretário do Programa, pelos membros da Comissão Examinadora e pelo candidato. Recife, 12 de agosto de 2014.

Sérgio Marcelo A. B. de Oliveira – Secretário

Profª. Drª. Liana Lewis

Prof. Dr. Gustavo Gomes da Costa Santos

Profª. Drª. Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro

Vilma Barbosa Félix

À minha mãe, Rita, que ao seu modo e com toda
sua generosidade, simplicidade e compaixão,
ensinou-me a acreditar no ser humano
e em um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

“e aprendi que se depende sempre
de tanta, muita, diferente gente
toda pessoa sempre é as marcas
das lições diárias de outras tantas pessoas”
Gonzaguinha

A realização deste trabalho não teria sido possível sem a contribuição de várias pessoas. Em primeiro lugar gostaria de agradecer a minha família, que sempre acreditou e estimulou a realização dos meus projetos. Em especial a meus pais Rita e Júlio Felix que sempre demonstraram admiração por esse esforço acadêmico. Da mesma forma a meus irmãos Wasti, Vania e Valknaer pela confiança depositada em minhas realizações e toda sorte de incentivos que deles recebo. Também agradeço ao carinho inspirador dos meus sobrinhos e em particular a Naíla que me ajudou na trabalhosa tarefa de transcrever algumas das entrevistas. Agradeço profundamente à companheira Micheline Batista que jamais permitiu que eu desistisse dos meus sonhos e à importante contribuição vinda de nossas intermináveis discussões teóricas, na realização de algumas entrevistas, entre tantos outros apoios. Agradeço aos amigos pelo apoio e força. Por fim, agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, em especial à minha orientadora, Professora Dr^a Liana Lewis, pelo estímulo, paciência e confiança que demonstrou em meu projeto desde o nosso primeiro encontro e agradeço a CAPES pela bolsa concedida durante todo o curso de mestrado e fundamental para realização desta pesquisa.

“A mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano.”

Clarice Lispector

RESUMO

Observamos nas sociedades contemporâneas uma permanente tensão entre as individualidades e coletividades. Com o processo de racionalização e individualização nessas sociedades, parece consenso constatar uma crescente e permanente supervalorização das individualidades. Ao mesmo tempo, observamos um número cada vez maior de ações coletivas em forma de protestos e manifestações, algumas efêmeras e realizadas por grupos com reivindicações pontuais, outras mais permanentes e sustentadas por movimentos sociais. Tais ações problematizam uma sorte de questões nos níveis econômico, político, cultural e social. Esse processo de individualização parece ameaçar a manutenção e continuidade das ações coletivas e as identidades coletivas. A literatura sobre essa temática levanta questões importantes sobre o surgimento e reconhecimento das pluralidades de novos atores, e a questão das identidades assume uma posição central na compreensão dos movimentos sociais contemporâneos. Este trabalho tem por objetivo analisar como os movimentos sociais buscam superar as tensões entre indivíduo e sociedade através da construção de suas identidades coletivas. Para tanto realizamos um estudo de campo com o Movimento Humanista e a realização da Marcha Mundial pela Paz e Não Violência. Tomamos como referencial de análise a abordagem dos novos movimentos sociais estabelecendo um diálogo com as teorias de mobilização de recursos e oportunidades políticas.

Palavras-chave: identidade coletiva, ações coletivas, movimentos sociais, Movimento Humanista.

ABSTRACT

We observe in contemporary societies that there is a permanent tension between individuals and collectivities. With the process of rationalization and individualization in these societies, consensus seems to note a growing and permanent overvaluation of individualities. At the same time we observe an increasing number of collective actions in form of protests and manifestations, some ephemeral and performed by groups with specific claims, others more permanent and sustained by social movements. Such actions problematize a sort of issues in the economic, political, cultural and social levels. This process of individualization seems to threaten the maintenance and continuity of collective actions and the collective identities. The existing literature on this topic raises important questions about the emergence and recognition of new actors pluralities and the question of identity assumes a central position in the contemporary social movements understanding. This study aims to examine how social movements seek to overcome the tensions between individual and society by building their collective identities. For this we conducted a field study with the Humanist Movement and the achievement of World March for Peace and Non Violence. We take as framework for analysis the new social movements approach establishing a dialogue with the theories of mobilization and political opportunities.

Keywords: collective identity; collective actions, social movements, Humanist Movement.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Logomarca da Marcha Mundial pela Paz e Não Violência.....	20
Figura 2 – Final da Marcha em Punta de Vacas – Mendoza – Argentina (1).....	21
Figura 3 – Final da Marcha em Punta de Vacas – Mendoza – Argentina (2).....	22
Figura 4 – A Marcha na cidade de Olinda – PE.....	25
Figura 5 – Elementos do Parque de Estudo e Reflexão Caucaia – SP.....	26
Figura 6 – Sede compartilhada dos organismos em Bogotá – Colômbia.....	28

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Organização do Movimento Humanista.....	19
Tabela 2 – Perfil dos entrevistados por idade, sexo, grau de instrução e profissão.....	73
Tabela 3 – Perfil dos entrevistados por país, cidade, ano que ingressou no movimento e organismo/grupo em que atua.....	75
Tabela 4 – Organismos e grupos do Movimento Humanista.....	82
Tabela 5 – Atuação nos organismos antes e depois da Marcha.....	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O MOVIMENTO HUMANISTA E A MARCHA MUNDIAL PELA PAZ E NÃO VIOLÊNCIA	16
2 OS MOVIMENTOS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL	32
2.1 O contexto latino-americano	32
2.2 Os movimentos sociais no Brasil	37
3 A IMPORTÂNCIA DAS IDENTIDADES PARA OS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	42
3.1 A questão das identidades nas sociedades contemporâneas.....	42
3.2 A importância das identidades para as teorias dos movimentos sociais.....	47
3.3 As dimensões e problemas da identidade.....	56
4 METODOLOGIA.....	63
4.1 Características do campo.....	68
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	73
5.1 Perfil do campo.....	73
5.2 O Movimento Humanista – Formas de atuação e organização.....	81
5.3 A realização da Marcha.....	103
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS.....	116
ANEXOS.....	122

Introdução

O Movimento Humanista surgiu no ano de 1969 na Cordilheira dos Andes, na Argentina, fronteira com o Chile, a partir de um pronunciamento realizado pelo seu fundador, Mario Rodrigues Cobos, conhecido como Silo, sobre a origem do sofrimento e as diferentes formas de violência que vão além da dor física. A partir daí este movimento se constituiu na luta contra todo e qualquer tipo de violência seja ela política, econômica, cultural ou interna e se expandiu pelos continentes, impulsionado, a princípio, pela fuga das ditaduras militares experimentadas na maioria dos países latino-americanos.

O Movimento Humanista se fundamenta no Novo Humanismo ou Humanismo Universalista, como também é conhecido. Propõe uma revalorização da dignidade do ser humano com base na solidariedade e liberdade, não se contrapondo diretamente às correntes do humanismo histórico. Baseia suas ações numa metodologia de ação denominada como não violência ativa, inspirada em grandes líderes mundialmente conhecidos como Mahatma Gandhi e Martin Luther King.

O Movimento Humanista compreende uma complexa teia que envolve a participação de cinco organismos constituídos juridicamente, entre eles o Partido Humanista (presente e atuante em alguns países), que tratam das diferentes temáticas relacionadas à questão da violência, além de uma agência de notícias e um grupo espiritual denominado a Mensagem de Silo. Seus ativistas podem atuar livremente em qualquer um desses grupos e mesmo em vários deles.

Quarenta anos depois de sua fundação, impulsionados pela eminente “guerra contra o terrorismo” – em outras palavras, a invasão do Iraque que ocorreu após o ataque terrorista de 11 de setembro nos Estados Unidos – os humanistas realizaram a primeira Marcha Mundial pela Paz e Não Violência. Essa marcha começou no dia 4 de outubro de 2009 na Nova Zelândia, passou por aproximadamente 100 países e 300 cidades, cruzou vários continentes, encerrando-se no dia 2 de janeiro de 2010, reunindo cerca de 15 mil pessoas, em Puntas de Vacas, Mendoza, na Argentina, onde o movimento teve origem. A marcha tinha como principais objetivos o desarmamento nuclear mundial, a redução progressiva do armamento convencional e a construção de tratados de não- agressão entre países.

Esta marcha representou, sem dúvida, o momento mais expressivo do Movimento Humanista e compactua com o fenômeno atual das marchas, a exemplo da Marcha das Vadias. Concomitantemente à sua realização, o Movimento Humanista passou por profundas reformulações em sua forma organizacional e aspectos como a visibilidade e possibilidade de expansão potencializados com a realização de uma marcha mundial que pode, por um lado, dar lugar a uma introspecção ou a um enfraquecimento de suas ações coletivas, e por outro contribuir para a construção de sua identidade coletiva. De qualquer forma, o Movimento Humanista conseguiu se expandir e apontar, como seus ativistas mesmo colocam, a necessidade de um mundo mais humano, menos violento, além da divulgação do conceito da não violência. Para eles, o importante na marcha não era a mobilização para ocupação das ruas, mas a sensibilização e a conscientização para construção de um mundo não violento.

Ao mesmo tempo, a crescente individualização das sociedades contemporâneas, promovida pela racionalização e diferenciação, entre outras coisas, parece por em constante conflito os aspectos relacionados à coletividade e às ações sociais. Então, perguntamos: como se relacionam os movimentos sociais dentro dessa permanente tensão entre a supervalorização de uma identidade individualizada, descentrada ou plural, e a construção de uma identidade coletiva? Assim, tomamos como objetivo central deste estudo analisar, através da Marcha Mundial pela Paz e Não Violência, realizada pelo Movimento Humanista, como os movimentos sociais buscam superar as tensões entre indivíduo e sociedade para criar suas identidades coletivas.

O Capítulo 1 deste trabalho consiste em descrever com o máximo de detalhes possível o Movimento Humanista – como se iniciou, como funciona, sua organização, metas, crenças, ações, assim como as mudanças ocorridas, a fim de entender o movimento em todas as suas dimensões. Paralelamente, descrevemos a realização da Marcha Mundial pela Paz e Não Violência, como foi construída, seus objetivos, atores envolvidos, estratégias e o que representou para o movimento.

No Capítulo 2, fazemos uma contextualização da América Latina, por ocasião do surgimento do Movimento Humanista, apontando alguns aspectos político-sociais predominantes que influenciaram as lutas sociais naquele momento. Também fazemos uma breve contextualização histórica dos movimentos sociais no Brasil, com o objetivo de levantar algumas questões importantes que permeiam os problemas relacionados aos movimentos sociais de hoje.

O Capítulo 3 está dedicado à importância que a questão da identidade assumiu para os movimentos sociais contemporâneos. Primeiro, argumentamos sobre a centralidade que o tema das identidades e a tensão entre as questões da individualidade e coletividade assumiram nas sociedades modernas. Segundo, tentamos demonstrar como o tema das identidades é essencial dentro de algumas das principais teorias dos movimentos sociais da atualidade, a saber, a abordagem europeia dos novos movimentos sociais e a abordagem americana de mobilização de recursos e oportunidades políticas. Por último, levantamos alguns aspectos que demonstram as dimensões e os problemas em se trabalhar com a questão das identidades relacionadas aos movimentos sociais.

No Capítulo 4, fazemos uma reflexão sobre alguns aspectos teóricos e metodológicos que envolvem as ciências sociais e, mais especificamente, o olhar sociológico, além de detalhar os métodos e técnicas utilizadas para construção do nosso *corpus*.

No Capítulo 5, analiso os resultados obtidos em nossa pesquisa de campo com humanistas do Brasil, Argentina, Chile e Colômbia, à luz das teorias dos movimentos sociais citadas anteriormente. Por fim, apresento nossas considerações finais, bibliografia e anexos.

1 O MOVIMENTO HUMANISTA E A MARCHA MUNDIAL PELA PAZ E NÃO VIOLÊNCIA

*Aprendi através da experiência amarga a
suprema lição: controlar minha ira e torná-la
como o calor que é convertido em energia.
Nossa ira controlada pode ser convertida numa
força capaz de mover o mundo.*
Mahatma Gandhi

O Movimento Humanista (MH), objeto empírico desta pesquisa, surge contemporaneamente a outras demandas populares que anseiam por reconhecimento, caso do movimento de mulheres, dos gays, dos ambientalistas, dos movimentos antirracistas, entre outros. Antes, os movimentos sociais estavam vinculados quase que exclusivamente às questões de classe e aos modos de produção, o que, baseado no modelo marxista, acabava por nos levar a um determinismo econômico.

Em seu momento fundacional, no final da década de 1960, o MH invocava, uma revalorização da dignidade do homem, colocando-o acima de qualquer outra coisa, inclusive acima de Deus, do Estado, da ecologia e do capital. Para este movimento, o termo humanista quer dizer “toda posição que sustente os valores definidos pela atitude humanista... Toda atividade prática de compromisso com os valores definidos pela atitude humanista. Qualquer doutrina que proclama a solidariedade e liberdade de eleição do ser humano...” (SILO, 1996, p. 40). Toda e qualquer forma de violência que coloque esses valores em xeque, portanto, oprime o ser humano e degrada a existência humana. A problemática da violência aparece claramente no Documento Fundacional do MH¹, onde Silo² (1994) declara que temos de passar da pré-história à verdadeira história logo que se elimine a violenta apropriação animal de uns seres humanos por outros.

Quarenta anos depois da fundação do MH, essas ideias impulsionariam a realização de um grande evento internacional: a Marcha Mundial pela Paz e Não Violência, que teve como principais propostas o desarmamento nuclear mundial, a

¹ É considerado pelos humanistas como um manifesto em todo o seu vigor. O primeiro Manifesto Humanista foi publicado em 1933 e o segundo 40 anos depois, em 1973.

² Mario Rodrigues Luis Cobos, mais conhecido como Silo (1938-2010). Idealizador do Novo Movimento Humanista ou Humanismo Universalista. Escritor, poeta e guia espiritual, recebeu o título de doutor Honoris Causa da Academia de Ciências da Rússia.

redução progressiva do armamento convencional e a construção de tratados de não-agressão entre países. Essa ação, uma iniciativa da ONG Mundo Sem Guerras e Sem Violência, ligada ao MH, foi desenvolvida simultaneamente em diversas partes do mundo entre outubro de 2009 e janeiro de 2010. A rota previa passar pelos cinco continentes, 100 países e cerca de 300 cidades. Seus organizadores tentavam obter mais visibilidade e, ao mesmo tempo, sensibilizar e mostrar a importância de vivermos em um mundo sem violência e sem guerras.

Essa Marcha representaria a ação mais expressiva do MH e compactua com um fenômeno muito atual e que a cada dia vem atraindo o interesse de estudiosos: a emergência das marchas, entre elas a Marcha dos Indignados (iniciada em maio de 2011 na Espanha, mas que também se estendeu pela Itália, Inglaterra, Portugal, Holanda, chegando a Hong Kong); a Marcha das Vadias (Canadá, Estados Unidos, Argentina, Costa Rica, México e Holanda); a Marcha da Maconha (destaque para países como Estados Unidos, Canadá e Brasil); e a Marcha da Liberdade (ocorrida no Brasil após a repressão à Marcha da Maconha).

Houve uma sincronia cosmopolita, febril e viral de uma sequência de rebeliões quase espontâneas surgidas na margem sul do Mediterrâneo e que logo se manifestaram na Espanha, com os Indignados da Puerta Del Sol, em Portugal com a Geração à Rasca, e na Grécia com a ocupação da Praça Syntagma. Em todos os países houve uma mesma forma de ação: ocupação de praças, uso de redes de comunicação alternativas e articulações políticas que recusavam o espaço institucional tradicional. (CARNEIRO, 2012, p. 8)

Ao longo da história, sobretudo ao longo da história do pensamento ocidental, vemos que a ideia de humanismo perpassa um longo curso que vai desde o Renascimento, onde aparece mais claramente, até os dias de hoje. Passamos pelo humanismo cristão, bem citado por Dalle Nogare (1985); por uma aproximação com um humanismo marxista, como tenta fundamentar Mandolfo (1964); seguido por um humanismo existencialista, repensado por Sartre; humanismo integral de Maritain; entre outros. O fato é que há uma gama de autores importantes na filosofia e nas ciências sociais que se preocuparam com a questão do humanismo, incluindo, ainda, Martin Heidegger (1991).

Mesmo as várias correntes anti-humanistas fizeram valer suas ideias ao longo da história. Entre elas, citamos com destaque o estruturalismo e o pós-estruturalismo.

Autores como Lévi-Strauss e Michel Foucault, que concentraram sua crítica na negação do sujeito histórico e nas dicotomias natureza/cultura (romantismo), humano/inumano (positivismo), sujeito/objeto (fenomenologia/hermenêutica), nos legaram uma importante contribuição na tentativa de interpretar as complexidades sociais modernas, na defesa de novos atores e movimentos, sobretudo no reconhecimento das pluralidades culturais.

Cotidianamente, a palavra humanismo é utilizada em vários sentidos para expressar questões ligadas ao humano de uma maneira geral. Segundo Puledda (1996, p. 5), o termo é comumente usado para indicar “toda tendência de pensamento que afirme a centralidade, o valor, a dignidade do ser humano, o que mostra uma preocupação ou interesse primário pela vida e pela posição do ser humano no mundo”. No final da década de 1960, na Argentina, assistimos a uma espécie de retomada radical desses valores. Em um cenário comprometido com as adversidades estabelecidas pela ditadura militar vivida não apenas naquele país, mas em quase toda a América Latina, o pensador Mario Rodrigues Cobos lançou as bases do MH ao discursar, para aproximadamente 200 pessoas e na presença da imprensa internacional, sobre a origem do sofrimento – o desejo, e sobre as diferentes formas de violência que extrapolam a dor física.

O MH hoje, que segundo seus coordenadores passa por uma reformulação depois da realização da Marcha pela Paz, não se apresenta como instituição, embora compreenda uma complexa teia de cinco organismos, como eles preferem designar – Partido Humanista (PH), Centro Mundial de Estudos Humanistas (CMEH), Comunidade para o Desenvolvimento Humano, Convergências das Culturas e Mundo Sem Guerras e Sem Violência, além de uma comunidade para divulgação e reflexão espiritual chamada Mensagem de Silo e uma agência internacional de notícias, a Pressenza. Estes dois últimos, ainda que façam parte do movimento, não se constituem como organismos. Na verdade, o MH funciona como uma convergência de organizações para o desenvolvimento de atividades baseadas nas propostas do humanismo universalista e orientando seus ativistas a escolherem um desses organismos para direcionar as suas ações.

Tabela 1: Organização do Movimento Humanista



Fonte: Elaboração própria

Até o início de 2009, além desses organismos, os ativistas atuavam por conselhos autônomos, formando uma rede, onde cada um tinha a liberdade e, talvez, responsabilidade de formar outros novos conselhos e agregar novos atores. Agora são orientados a se agrupar dentro desses organismos que tentam sintonizar as coordenadas dos grupos e frentes de ação. A práxis do movimento compreende desde seminários, palestras, atos públicos etc., funcionando a partir de uma interação dos ativistas com outros grupos, organizações, instituições e movimentos sociais. No Brasil e mais especificamente em Pernambuco durante os preparativos para realização da Marcha, identificamos tentativas de aproximação, algumas com sucesso e outras não, com o Partido Comunista Brasileiro (PCB), com o Movimento Negro Unificado (MNU) e com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), entre outros. Embora não se diga claramente, ao que parece, essa articulação em redes é uma das principais estratégias para disseminação dos objetivos do MH, que é sua metodologia de ação denominada “não violência ativa”. Essa metodologia consiste, de acordo com o *Dicionário Humanista*, “na denúncia sistemática de todas as formas de violência que o sistema exerce. Também, tática de luta aplicada a situações pontuais em que se verifica qualquer tipo de discriminação” (SILO, 1996, s/p).

A Marcha Mundial foi uma ação que começou na Nova Zelândia no dia 2 de outubro de 2009, data em que se comemora o aniversário de Mahatma Gandhi, que,

juntamente com Tolstói e Martin Luther King, representam a verdadeira inspiração para o Novo Movimento Humanista. A data foi declarada Dia Internacional da Não Violência pela Organização das Nações Unidas (ONU) e assinala, segundo os ativistas, uma das conquistas do movimento. A Marcha, que passou por Pernambuco em 17 de novembro, terminou no dia 2 de janeiro de 2010 em Punta de Vacas, Cordilheira dos Andes, onde se iniciou o movimento, no já distante ano de 1969.

Figura 1 - Logomarca da Marcha Mundial Pela Paz e Não Violência



Fonte: Internet (<http://www.theworldmarch.org>)

Segundo seus organizadores, a Marcha pode ser considerada como uma demonstração da força do MH, pois sua finalização em Puntas de Vacas conseguiu reunir cerca de 15 mil pessoas, de diversas partes do mundo, num local de difícil acesso, perto da fronteira entre Chile e Argentina³. Com este evento, o MH deixa claro, através dos seus sites na internet (ferramenta muito utilizada pelos ativistas para comunicação e mobilização), que “é chegada a hora, há muito esperada pelos humanistas, de um maior engajamento mundial que sensibilize as nações para o fim das guerras e de todas as formas de violência no planeta”.

³ Ver “La Marcha Mundial que pasó por Mendoza”. Disponível em: http://www.diariouno.com.ar/contenidos/2010/01/02/noticia_0007.html. Acesso em: 26 out. 2010.

Figura 2 - Final da Marcha em Puntas de Vacas – Mendoza – Argentina (1)



Fonte: Foto da autora.

A Marcha pela Paz, segundo seus ativistas, trabalhou sempre, ainda que de maneira implícita, na divulgação da não violência ativa como forma de ação. Para eles, a utilização dessa metodologia não pode se limitar aos momentos de mobilização, mas deve se transformar numa maneira de viver e se expressar, presente numa amplitude que vai do individual ao social, passando pelo político, cultural, econômico etc. Ou seja, num trabalho incessante e cotidiano, iniciado a partir da forma como o indivíduo lida consigo mesmo. De tal maneira que o momento da mobilização não representa para os ativistas o objetivo central do movimento, mesmo que o formato das articulações para essa mobilização tenha sido semelhante ao que vem acontecendo nessas ondas de protestos. A Marcha tinha como principais propostas o desarmamento nuclear, a redução do desarmamento convencional e tratados de não-agressão entre países.

Figura 3 – Final da Marcha em Puntas de Vacas – Mendoza – Argentina (2)



Fonte: Foto da autora.

A proposta da Marcha Mundial pela Paz e Não Violência não significava necessariamente ou exclusivamente a ocupação de ruas ou espaços públicos. Segundo seus organizadores, o que realmente importava era a possibilidade de reunir o máximo de pessoas possível para refletir sobre a problemática da violência e a possibilidade de sensibilização e divulgação da metodologia da não violência ativa. Assim, paralelamente ou como atividades da marcha, aconteciam palestras, panfletagem, exibição de vídeos realizados pelo MH e atividades artísticas.

A ideia era realmente atrair a atenção da opinião pública e dos governantes. Para tanto, o MH organizou pequenos grupos de militantes, como subgrupos de um comitê central, que divididos percorreriam algumas cidades dos países que abraçaram a causa. Os sites do MH indicam sua presença em aproximadamente 100 países e em grande parte deles seus ativistas locais teriam a responsabilidade de se articularem e planejarem o evento para recepção da comitiva da marcha. Mesmo que uma determinada cidade não fosse contemplada com a presença da comitiva itinerante, as atividades relacionadas à marcha aconteceriam. Por onde a comitiva passava se tentava uma audiência com o chefe de Estado, na esperança de recolher assinaturas em um tratado de não agressão. Em Pernambuco, o governador Eduardo Campos (Partido Socialista Brasileiro) e o prefeito da cidade do Recife, João da Costa (Partido dos Trabalhadores), receberam a comitiva da Marcha.

O movimento estimulava a criação de comitês locais e livres, constituídos não necessariamente por membros do movimento, mas sobretudo por simpatizantes que

tinham a liberdade de organizar as atividades da marcha. As informações e orientações mais gerais eram repassadas através dos sites específicos da marcha como por exemplo, o www.marchamundial.org e www.theworldmarch.org. Nestes sites é possível observar a seguinte estrutura de organização: comitê mundial, comitê nacional, comitês regionais e comitês locais. Outro instrumento fundamental para divulgação e organização da marcha foi a criação de uma rede social virtual (www.marchamundial.net) onde os simpatizantes eram convidados a declarar sua adesão dando depoimentos, inclusive através de vídeos, a criar comitês locais e/ou sua própria página, trocando informações e divulgando suas atividades.

Ao final da Marcha, a rede brasileira acusava a criação de 100 comitês, embora seja importante salientar a existência de muitos comitês com apenas um único participante. As adesões também eram divididas entre: individuais, organizações, prefeituras e faculdades. As adesões individuais somavam 1.653, entre pessoas comuns e personalidades importantes como a presidente da Argentina, Cristina Kirchner; a presidente do Chile, Michelle Bachelet; o ex-presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter; o ex-presidente de Portugal, Mario Soares; a ativista guatemalteca Rigoberta Menchú Tum, prêmio Nobel da Paz em 1992; os cantores Art Garfunkel e Bryan Adams; entre tantos outros.

A Marcha passou pela Colômbia entre os dias 15 e 17 de dezembro de 2009, iniciando pela cidade de Bogotá, onde foi recebida pelo prefeito desta cidade, seguiu com uma grande caminhada até o Parque Simon Bolívar, onde aconteceram shows musicais e apresentações culturais. Dali a Marcha seguiu para outras cidades como, por exemplo, Bucaramanga, sendo recebida pelo governador de Santander, Horácio Serpa Uribe. Um momento crucial na passagem da Marcha pela Colômbia foi o ato simbólico que aconteceu na fronteira entre as cidades Ipiales-Colômbia e Tulcán-Ecuador, onde o cantor colombiano Juanes, mundialmente conhecido, entregou ao cantor equatoriano Juan Fernando Velasco a bandeira da Marcha, na Ponte de Rumichaca. Este ato simbólico gerou muita expectativa na população da fronteira entre os dois países, pois o objetivo era fazer avançar a retomada das relações diplomáticas abaladas com a crise a entre Colômbia, Equador e Venezuela, desencadeada após a Colômbia invadir o território equatoriano para matar Raúl Reyes e um grupo de 16 guerrilheiros das Forças

Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) em março de 2008⁴ e no momento em que era retirada a base americana de Manta no Equador, enquanto que a Colômbia abria suas portas para sete bases militares dos EUA em seu território. Os humanistas também consideram bastante positiva a cobertura que as televisões e os meios de comunicação deram à marcha, sobretudo a TV Caracol (Cf. RUBIA, 2010).

No Chile, a Marcha foi recebida por vários prefeitos e governadores, seguindo o mesmo esquema dos demais países por onde passou. Aqui damos destaque à audiência conseguida com a presidente Michelle Bachelet e com o prefeito de Santiago, Pablo Zalaquett, que realizou uma cerimônia de reconhecimento ao aporte da Marcha e entregou o título de visita ilustre ao seu organizador, Rafael De La Rubia, que havia sido expulso desse país há 36 anos por defender a ideia “Paz é Força”, durante o golpe militar que levou à ditadura chilena. Os chilenos realizaram partidas de futebol pela paz, junto com a Associação Nacional de Futebol Profissional (ANFP). Também damos destaque ao Concerto Pela Paz, realizado no Parque O’Higgins com bandas e artistas chilenos, reunindo cerca de 80 mil pessoas (Cf. RUBIA, 2010).

No Brasil, a Marcha passou por diversas cidades, entre elas, Salvador, Niterói, Rio de Janeiro, Caucaia, Florianópolis, Curitiba, Porto Alegre etc. Em Brasília, a comitiva da Marcha foi recebida por Paulo Vanucci, ministro de Direitos Humanos, no Palácio do Itamaraty. Em Pernambuco, na ocasião da Marcha Mundial, o MH não possuía sede e as reuniões do comitê Olinda/Recife ocorriam em espaços cedidos por instituições simpatizantes. O objetivo não era diferente: construir alianças com diversas organizações, no sentido de conseguir apoio, divulgação e financiamento. Toda a realização da marcha aconteceu nessas condições, através de doações de pessoas e organizações simpatizantes. Também é o caso da passagem da Marcha pela cidade de Olinda (PE), onde recebeu apoio e adesão do prefeito Renildo Calheiros (PCdoB) que também recebeu a comitiva da Marcha. No Estado de Pernambuco a Marcha contou ainda com a presença de outros movimentos sociais, grupos artísticos e culturais⁵. Em

⁴ Ver “Equador rompe relações diplomáticas com a Colômbia por conta da crise das Farc”. Disponível em: < <http://noticias.uol.com.br/ultnot/2008/03/03/ult23u1344.jhtm>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

⁵ Para realização da Marcha no Estado de Pernambuco identificamos parcerias com as organizações: CEN (Centro de Entidades Negras); Projeto Plante a Paz; Nusp (Núcleo Acadêmico em Prevenção à Violência – UFPE); Afoxé Alafin Oyó; GTP+ (Grupo de Trabalho em Prevenção Positivo); MNU (Movimento Negro Unificado); MovPaz (Movimento Internacional pela Paz e Não-Violência); Casa Hebert de Souza; Ponto de Cultura Coco de Umbigada; OAB – PE; APEC (Associação Pernambucana de Cegos); Centro Cultural Tanakara, entre vários outros. Disponível em: <http://www.ufpe.br/proext/index.php?option=com_content&view=article&id=106:pernambuco-recebe-a-marcha-mulldial-pela-paz-e-nao-violencia&catid=13:evento&Itemid=122> Acesso em: 19 jul. 2014.

Olinda terminou com pequenos discursos em um palanque montado na frente da prefeitura, onde discursaram o prefeito, vereadores e um dos coordenadores do comitê itinerante da marcha.

Figura 4 – A Marcha na cidade de Olinda – PE



Fonte: Internet (www.olinda.pe.gov.br)

Na Argentina e no final das atividades da Marcha Mundial, que aconteceu no Parque de Estudo e Reflexão de Punta de Vacas, também era possível observar parcerias com diversas instituições, entre elas damos destaque aos alojamentos disponibilizados aos participantes do evento pelo Exército argentino em Puento del Inca e Uspallata, na província de Mendoza. Além disso, os ativistas vibraram com a decisão do governo argentino de disponibilizar um trem de Buenos Ayres até Mendoza exclusivamente para os participantes e a possibilidade de atender à reivindicação da população que pedia o retorno desse serviço ferroviário desativado desde a década de 1990.

Segundo alguns sites, o MH está presente em mais de 120 países e em quase toda a América Latina. No Brasil o movimento possui pelo menos três parques de estudo e reflexão, um deles inclusive em Pernambuco⁶, ainda que este atualmente se

6 Ver “Lançamento do Parque de Estudo e Reflexão Igarassu marca Dia Internacional da Não-Violência”. Disponível em:

<http://www.vivapernambuco.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=1186:lançamento-do-parque-de-estudo-e-reflexão-igarassu-marca-dia-internacional-da-nao-violência&catid=2:blog-01&Itemid=2>. Acesso em: 27 out. 2010.

apresente como um projeto suspenso temporariamente, como nos mostrará o nosso campo. Os parques são um espaço para a formação e desenvolvimento da consciência humanista e uma espécie de “templo ou refúgio espiritual” para os ativistas. Na ocasião da Marcha existiam aproximadamente 20 parques em países como Estados Unidos, Alemanha, Bolívia, Espanha, Itália, Índia, Chile, Colômbia, Hungria, Argentina, França e Filipinas. Atualmente, esse número chega perto dos 50 e imagina-se que pelo menos 30 deles foram criados após a marcha, o que pode indicar como este movimento vem crescendo, bem como os recursos conquistados com a realização desse evento. É importante colocar que os parques não representam uma sede do MH, nem escritórios dos organismos. São, antes de tudo, espaços de desenvolvimento espiritual e transcendência, promovidos pela “Escola de Silo”. Esses espaços seguem rígidas normas de construção em todo o mundo, parecem funcionar como templos e são carregados de simbolismos e aspectos espirituais/religiosos⁷. Na Figura 5, vemos os elementos do Parque Caucaia (fonte, monólito, sala de meditação e o portal).

Figura 5 – Elementos do Parque de Estudo e Reflexão Caucaia – SP



Fonte: Internet (<http://parquecaucaia.org.br>)

⁷ “...com doações dos próprios membros, os parques têm entre 5 mil e 15 mil metros quadrados de área e seguem um mesmo padrão. Oferecem bosques, local para estudos, alojamento para retiro e elementos arquitetônicos carregados de significado. A “fonte de água”, por exemplo, representa alegoricamente a energia da fusão dos princípios feminino e masculino. O “monólito”, monumento de aço inoxidável, serve para refletir a época atual e fixar a coordenada do tempo em que o lugar foi fundado. Na “estela”, ou muro do reconhecimento, estão gravados os nomes de todos que contribuíram para a construção, reatualizando as antigas estelas mesopotâmicas, egípcias, sumérias e maias, que deixavam testemunhos dos eventos ou fatos significativos ocorridos no momento da sua fundação. Na entrada, um portal em estilo oriental “marca o limite entre o mundo e a interioridade do ser humano, buscando produzir uma mudança no estado interno de quem entra no lugar”, explica Alexandre Sammogini, coordenador do Parque Caucaia. Além dos ideais filosóficos, o que se destaca nos lugares é o estímulo à transcendência, configurado na sala de meditação, totalmente branca. Seu interior simboliza o acesso a uma experiência interna mais profunda, através de um espaço semiesférico sem ícones, símbolos ou imagens. Os muros externos fazem o enquadramento de uma esfera, cuja cúspide indica a direção para o alto.” Disponível em: <<http://revistaplaneta.terra.com.br/secao/espiritualidade/parques-de-estudo-e-reflexao>>. Acessado em: 10 abr. 2013.

Como se apresenta hoje, o novo humanismo ou humanismo universalista parece não negar as correntes que formaram o humanismo histórico, nem suas variações ao longo do tempo. Para o MH, a natureza do homem está em sua historicidade social, ressaltando a necessidade do respeito às diversidades culturais e à prática da não violência. Com essa perspectiva, esse movimento forma as bases de sua ação interagindo com outros movimentos sociais, estabelecendo uma relação de troca, tentando criar uma rede de solidariedade que extrapola as intenções meramente materiais, valorizando a sensibilização dos indivíduos e semeando um campo para as práticas não violentas.

Essa visão mais filosófica do MH, inspirada no Humanismo Universalista ou no Novo Humanismo, onde a palavra novo aparece intencionalmente ou não, parece estar de acordo com as características mais gerais dos novos movimentos sociais (NMS), por apresentar um forte conteúdo cultural, a relevância da questão das identidades e a importância do cotidiano como espaço de interação, conflitos e solidariedades (MELUCCI, 2001).

De qualquer forma, a presença dos organismos dentro no MH parece demonstrar uma intenção de se apresentar em todas as esferas da vida (cultural, social, filosófica, política, religiosa etc.), de forma teórica e prática, individualmente e coletivamente. No que diz respeito à forma de organização do MH e seus espaços de atuação, é importante notar que a presença de alguns organismos como o Partido Humanista (que ainda não existe oficialmente no Brasil, mas já lançou candidato nas eleições presidenciais do Chile), ou a ONG Mundo Sem Guerras, não caracteriza necessariamente uma institucionalização do movimento, mesmo que para alguns autores "... um movimento social *strictu sensu* deixa de ser um movimento quando se institucionaliza, quando se torna uma ONG por exemplo, embora possa continuar como parte de um movimento mais amplo, enquanto organização de apoio daquele movimento." (GOHN, 2004, p. 247).

Figura 6 – Sede compartilhada dos organismos em Bogotá – Colômbia



Fonte: Foto da autora.

Por outro lado, a existência do PH como um dos organismos do MH parece fazer uma inversão na ordem das associações, se comparado aos movimentos históricos. Touraine (1997, p. 101) mostra que, antes, os movimentos sociais estavam *subordinados* a partidos políticos, que em suas práticas revolucionárias atribuíam apenas à elite intelectual e política a capacidade de interpretar a história: “o movimento social sempre se subordinará a uma ação e uma consciência chegada de fora. Mesmo o movimento operário se subordinou na maior parte das vezes à direção de um partido político”. No caso do MH, é o partido que é capturado pelo movimento social, ou ele nasce junto e para o MH, o que já nos faz crer que esse movimento tem a intenção de entrar no jogo de disputa do poder institucional, seguindo uma linha mais parecida, talvez, com os movimentos ambientalistas e os Partidos Verdes.

No que diz respeito à capacidade do MH de entender o mundo, a sua filosofia, é importante notar que foi o seu líder, Silo, quem criou o conteúdo “teórico” e filosófico do movimento, mesmo que exista dentro do movimento um organismo específico, o Centro Mundial de Estudos Humanistas, com o objetivo de criar uma produção intelectual e teórica para o movimento com capacidade e autonomia de construção no nível das dinâmicas das interações desenvolvidas.

O modelo de organização usado pelo MH para realizar a marcha parece ter se inspirado na forma de atuação do “Movimento Antiglobalização”, surgido na virada deste novo milênio e que abriu novas perspectivas sob a capacidade de movimentos ou de redes de movimentos transnacionais (GOHN, 2008). Em muitos lugares, como já foi dito, não se limitou à ocupação dos espaços públicos, pois, “Paralelamente às manifestações nas ruas, ocorrem mesas, debates e seminários... Onde se busca ir além da crítica e são debatidas ações propositivas realizadas em várias partes do mundo” (GOHN, 2007, p. 37). Destacamos ainda, como características marcantes deste movimento, a heterogeneidade dos atores, a utilização da internet para articulação e mobilização em diversas partes do mundo (ver <http://www.reclaim-the-streets.net/>), realizando protestos, marchas, ocupações de espaços públicos, geralmente acompanhando as agendas da Organização Mundial do Comércio, das conferências da Cúpula da União Europeia, ONU, G8, entre outras.

O Movimento Antiglobalizante contava, ainda segundo Gohn, com um alto volume de recursos financeiros, enquanto que na Marcha pela Paz se contava com doações dos próprios ativistas, parcerias com outros movimentos e com o apoio do Estado. É o caso da passagem da Marcha pela cidade de Olinda (PE), onde os recursos materiais (confecção de cartazes, banners, camisetas etc.), bem como a organização logística, foi quase que exclusivamente realizada pela prefeitura daquela cidade, inclusive a mobilização dos alunos da rede municipal de ensino que compareceram acompanhados dos respectivos professores, como uma atividade extraclasse. Sem o apoio e presença desta Prefeitura dificilmente a Marcha teria se realizado em Olinda, o que levanta questões sobre o seu real poder de mobilização e a necessidade de vínculos com o Estado, pelo menos nesta cidade.

Após a Marcha, curiosamente, observou-se uma migração de muitos ativistas, sobretudo os que atuaram na organização do evento em Pernambuco, para a Mensagem de Silo⁸, grupo ou comunidade dentro do MH para promover um desenvolvimento de

⁸ “As pessoas a quem chega a Mensagem costumam encontrar-se para realizar cerimônias e assistir a experiências reconfortantes e sentidas um dia à semana. Algumas delas tomam em suas mãos a propagação da Mensagem. Qualquer grupo de pessoas no que se compartilham ideias, sentimentos e procedimentos em base à Mensagem pode ser considerado como uma Comunidade da Mensagem. Toda comunidade se assenta em dois pilares: a livre interpretação e a livre agrupação em torno da Mensagem. A Mensagem é expressão do “Profundo”, da interioridade do espírito humano, capaz de transcender o cotidiano. É o meio capaz de pôr-nos em presença do Sagrado. Chegará a todos os rincões do mundo porque toca os corações precisados de sentido, afeto e esperança.” Disponível em: <<http://www.amensagemdesilo.org.br/index.htm>>. Acessado em: 10 abr. 2013.

uma nova espiritualidade humana fundamentada na não violência. Considerando que, nesse momento de maior visibilidade devido à realização da Marcha, os ativistas foram orientados a ingressar em um dos organismos e que a Mensagem de Silo não compõe especificamente um desses organismos, embora esteja presente em todos eles, era de se esperar que muitos ativistas ingressassem na ONG realizadora do evento (Mundo sem Guerras) ou mesmo no PH, visto que uma das organizadoras em Pernambuco já atuava no sentido de formar as bases desse partido aqui. Isso já demonstra que houve uma possível mudança de orientação e objetivos, ou mesmo que agora parece estar mais transparente a presença de um forte *ethos* religioso no movimento. Temas que serão desenvolvidos na análise dos dados levantados no campo.

Outra característica interessante do MH, tentando desvelar essa via mais espiritual do movimento, foi o aspecto de “peregrinação” que a Marcha assumiu em sua finalização no Parque Punta de Vacas (primeiro parque de estudo e reflexão do MH), na Cordilheira dos Andes, entre a Argentina e o Chile, que foi local de refúgio do seu líder nos anos de ditadura e início do movimento. Local geograficamente de difícil acesso, tanto em termos climáticos quanto em termos de mobilidade, alimentação e hospedagem, dando um certo caráter de sofrimento ou penitência necessário à purificação individual para a penetração num espaço sagrado (como acontece em muitas seitas), pois assim parece ser considerado este lugar pelos ativistas, embora não o expressem nessas palavras. Difícil não imaginar que a Marcha teria uma maior visibilidade e adesão caso tivesse sido finalizada em Buenos Ayres, por exemplo.

É como se fosse dado um direcionamento ou uma importância maior ao desenvolvimento ou à expansão da consciência individual, para conscientização do potencial humano e só a partir daí os indivíduos estariam prontos para atuarem em outros organismos do movimento ou em qualquer outro movimento social, estabelecendo uma passagem do indivíduo à sociedade, via espiritualidade, mas sem esquecer a importância do político, inclusive institucionalmente, haja vista a presença de um partido político dentro do movimento. Claro que observações como essas merecem uma investigação mais profunda, mas o fato é que essas percepções a respeito desse movimento apresentam uma oscilação ou maleabilidade que permitiria facilmente ao MH transitar entre o que seria um movimento pacifista e/ou um movimento espiritualista.

Atualmente o Movimento Humanista parece experimentar uma tensão entre a necessidade de uma introspecção e as possibilidades de expansão com a visibilidade

conquistada com a realização da marcha. Entre a necessidade de um trabalho interno e individual buscado na Mensagem de Silo e a construção de uma solidariedade que impulse ações sociais importantes dentro de sua ideologia e realizadas pelos organismos do movimento. Ao mesmo tempo, também parece consenso constatar nas sociedades contemporâneas uma supervalorização das individualidades. Por outro lado, as ações coletivas atuais muitas vezes aparecem como ações pontuais marcadas por efemeridades que ameaçam sua própria continuidade e a construção de identidades coletivas e a própria ação.

Então, de que forma os movimentos sociais e as ações coletivas, sendo reflexos do que somos e/ou do que queremos ser, conseguem superar esse permanente conflito que se estabelece entre o individualismo e a coletividade? Entre a supremacia de uma identidade individualizada, ainda que fragmentada, descentrada ou plural, e a construção de uma identidade coletiva? Como num mundo de racionalização e diferenciação, onde se impõe a afirmação dos sujeitos-atores, indivíduos-consumidores que necessitam interferir no seu próprio destino, se constrói e se mantém uma identidade coletiva, sem a qual nenhum movimento social existiria ou sobreviveria? Tentaremos analisar esse problema sociológico através da busca pela construção da identidade do Movimento Humanista.

Através das impressões iniciais sobre o MH, pensamos que a realização da marcha tenha servido como ação deliberada, como tentativa de construção de uma identidade coletiva, cujas bases estariam na superação da individualidade contemporânea, promovida pela transcendência do indivíduo a um ser espiritualizado e capaz de gerar uma nova ordem social. Noutras palavras, questionamos como a tensão permanente entre individualidade e coletividade tem afetado as formas, o surgimento, os discursos e os conteúdos dos movimentos sociais e das ações coletivas, que no caso específico do MH, parece se utilizar estrategicamente de um *ethos* religioso não só como elemento mobilizador, mas como elemento agregador, supostamente capaz de construir códigos globais e transformar o mundo.

Para entendermos melhor o Movimento Humanista, desde o seu surgimento, passando pela realização da marcha e sua situação hoje, parece importante tentarmos fazer uma breve contextualização da América Latina e dos movimentos sociais no Brasil. É o que tentaremos mostrar no capítulo seguinte.

2 OS MOVIMENTOS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL

Los que luchan
Hay hombres que luchan un día y son buenos;
Hay otros que luchan un año y son mejores;
Hay quienes que luchan muchos años y son muy buenos;
Pero hay los que luchan toda la vida,
Esos son los imprescindibles
Bertold Brecht

2.1 O contexto latino-americano

Não podemos deixar de destacar que o Movimento Humanista (MH) nasceu em 1969 e vem crescendo num cenário de desigualdades, intolerância e violência, num continente periférico (América Latina) e com os ideários neoliberais sendo desenvolvidos. Podemos dizer que o projeto modernista de evolução e desenvolvimento neoliberal não se realizou ao mesmo tempo em que cresciam os problemas gerados pelas desigualdades, injustiças sociais e conflitos políticos, como as ditaduras, e onde se extinguíam as liberdades individuais e todo o poder de associações e mobilizações na maior parte do continente. Nesse cenário, as teorias modernistas tratavam de consolidar nossa situação de atraso em relação ao mundo desenvolvido, em todas as áreas. Essa situação fez com que alguns pensadores passassem a justificar as teorias da dependência que se verificavam nas várias dimensões da vida social, não só na concepção de mundo, como na produção do conhecimento, como explica Domingues (2007).

É sabido que o desenvolvimento econômico prometido com o advento da globalização, na segunda metade do século XX, não aconteceu nem na América Latina, nem em outras partes do mundo. O dogma da economia de mercado como única salvação para os países pobres, que deveria ser usado como modelo para seu desenvolvimento, serviu apenas para evidenciar as consequências desastrosas das ações do neoliberalismo. Em decorrência disso assistimos ao achatamento do Estado, a ondas desenfreadas de privatizações, à abertura irrestrita das fronteiras às empresas internacionais, ao desemprego e ao aumento da pobreza relativa e absoluta. Ou seja, assistimos à exclusão generalizada que acabou invalidando os contos neoliberais de que crescimento econômico gera, por si só, melhoria na qualidade de vida da população, como comenta Stavenhagen (1997).

Para Casanova (2002), a crise conjuntural, hegemônica e sistêmica aumentou em larga escala o empobrecimento das culturas periféricas, gerando uma desregulamentação, informalização, discriminação e exclusão sem precedentes em toda a história da humanidade, exigindo, dos novos movimentos sociais, estratégias de ação que ultrapassassem ou complementassem as antigas lutas de classes concentradas no modo de produção, como valorizavam os marxistas. Afinal, mesmo visões distintas do humanismo, como a antiutilitarista, nos ensinam que as trocas sociais não se resumem a mercadorias. Aqui, parece fundamental ressaltar que, para o Movimento Humanista, toda exclusão gera violência e toda violência deve ser combatida.

Obviamente, não podemos desconsiderar que esta situação que constitui a história dos países latino-americanos vem mudando ao longo dos últimos anos, sobretudo com a chegada ao poder de alguns governantes de esquerda, a partir dos quais podemos observar mudanças sociais, políticas e econômicas significativas, como é o exemplo do Brasil nos últimos quase doze anos. De qualquer forma, não podemos relevar o peso que essas condições influenciaram e até mesmo direcionaram os processos sociais, políticos, culturais e econômicos neste continente, sobretudo as lutas sociais.

Segundo Casanova (2002), a opressão imposta pelo neoliberalismo, pelo imperialismo e pelo colonialismo – como fenômeno intranacional, internacional e transnacional –, impulsionou os movimentos sociais do fim do século XX a buscarem alternativas de ação, associação, organização e de espacialidade ou territorialidade. As lutas também passaram a ser universais, ou seja, a sua localização não estaria mais situada apenas no local real, mas também no virtual e universal. Em outras palavras, os movimentos sociais passaram a expressar outras demandas e ideários políticos mais amplos, ainda que específicos e particulares, mas sobretudo inclusivos, abarcando essas desigualdades e discriminações históricas diferenciadas (SCHERER-WARREN, 2008). Nesse sentido, a evolução das novas tecnologias possibilitou trocas e intercâmbios, fortalecendo, entre outras coisas, a solidariedade e a fraternidade entre os atores e grupos sociais.

Scherer-Warren (2009) faz um apanhado das principais mudanças em relação às teorias dos movimentos sociais na América Latina no século XX. Segundo essa autora, até o início dos anos 1970, as concepções polarizavam-se em torno do marxismo e funcionalismo e a mudança social era vista como um processo global e macroestrutural, em torno da modernização e da dependência. A partir dos anos 1970, sob a influência

do paradigma europeu representado por pensadores como Touraine, Melucci, Laclau e Castells, entre outros, há uma transição da importância da sociedade política para a sociedade civil e das lutas de classe para os movimentos sociais. As análises passam do macro para o micro, da determinação econômica para a multiplicidade de fatores.

Os anos 1980 são caracterizados por verem os movimentos sociais como referência central nas reflexões teóricas, havendo uma substituição das análises dos processos globais pelos estudos de casos e seus elementos inovadores. Como perspectiva para os anos 1990, Scherer-Warren apontava duas direções: a perda da relevância dos movimentos sociais, os antimovimentos ou desmovimentos e uma busca por novas perspectivas para o estudo dos movimentos sociais a partir das transformações internas ocorridas nos países latino-americanos.

Scherer-Warren, avaliando o potencial dos novos movimentos sociais (NMS) para a transformação do autoritarismo e a criação de uma sociedade mais democrática, diz que essa transformação deve acontecer a partir da sociedade civil sobre si mesma, para a partir daí chegar ao Estado. “É assim que os NMS, atuando mais diretamente no seio da sociedade civil, representam a possibilidade de fortalecimento desta em relação ao aparelho de Estado e perante a forma tradicional do agir político por meio dos partidos” (SCHERER-WARREN, 2009, p. 53). Argumentação compartilhada por Casanova quando este diz que os

nuevos movimientos sociales mostraran más posibilidades de actuar que los viejos frentes nacionales o populares, o que las uniones y federaciones y que los partidos políticos, insertos en su mayoría en el curso y el discurso anterior, y que formaban parte del Estado Benefactor o Desarrollista. (CASANOVA, 2002, p. 223)

Esses autores concordam, ainda, com alguns aspectos que caracterizam esses movimentos, como o da criação de um novo sujeito social que redefine o espaço e o conceito de cidadania por demandar o direito de participar de decisões que afetam o destino de seus membros e o respeito por suas formas culturais, tomando como pano de fundo a busca por democracia e pluralismo. Na mesma linha, Sader (1991) argumenta que os movimentos sociais fazem emergir um sujeito novo, o sujeito coletivo, cujo cenário de atuação, o mundo cotidiano, provoca um alargamento da política.

Numa tentativa de fazer um balanço histórico que compreenda a rica experiência das lutas seculares que trazem na bagagem os movimentos sociais na América Latina, Monica Bruckmann e Theotonio dos Santos (2005) assinalam aspectos importantes que

influenciaram a formação dos movimentos sociais que vão desde as influências dos imigrantes anarquistas, com as organizações de greves gerais, até a Internacional Comunista, quando estes movimentos assumem uma posição mais marxista. Neste período, que vai até os anos de 1930, os autores assinalam como questão principal na pauta reivindicatória a luta pela terra, principalmente no Brasil, em face do lento projeto modernista, o movimento operário ainda estava se constituindo como um movimento assalariado.

Nessa conjuntura de início do processo de industrialização na América Latina, ainda segundo esses autores, existiu uma aproximação dos movimentos sociais, agora reforçados com setores da classe média e do movimento estudantil, com o populismo e as ideias nacional-democráticas, numa luta, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, contra o imperialismo e o colonialismo. A partir de então, e principalmente a partir dos anos de 1960, entram em cena de forma decisiva as questões étnicas e raciais (índios e negros) e de gênero, dando um novo enfoque e uma sobrevida decisiva para a resistência dos movimentos sociais. Até que as experiências neoliberais, comandadas pelo Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, submeteram a América Latina a graves problemas econômicos e sociais que foram aos poucos destruindo o tecido social, desestruturando instituições à base da violência, cooptação e silêncio dos movimentos sociais.

Ao mesmo tempo, esses autores compartilham das mesmas argumentações de Casanova, quando este conclui que as lutas emergentes que os novos movimentos sociais trazem em sua agenda, como a questão da identidade, a defesa do meio ambiente, raça, gênero, cidadania etc., vão aos poucos se desenhando como uma luta antissistêmica, pois,

con el tiempo, estas reivindicaciones pasan a integrar todo un proyecto cultural que exige el rompimiento con la estructura económico que generó el machismo, el racismo, el autoritarismo. Podemos encontrar una identificación sustancial entre el modo de producción capitalista, como fenómeno histórico, con estas formas culturales que penetran profundamente en todo la superestructura de la sociedad moderna. (BRUCKMANN & DOS SANTOS, 2005, s/p)

Em toda a exposição de Casanova para a construção de uma alternativa dialética aos sistemas capitalistas, ele deixa clara a importância da redefinição de conceitos, recolocando a necessidade de um projeto alternativo que dê cabo das transformações

ocorridas no mundo, considerando acima de tudo a importância do reconhecimento dos novos e velhos atores, dos espaços locais, nacionais, internacionais e transnacionais, e valorizando as lutas específicas, múltiplas e que se identificam ao ultrapassar fronteiras reais e virtuais. Nesse caminho reaparece, como pano de fundo para sobrevivência e soberania dos povos e nações, a busca pelo socialismo e pela democracia.

Pero el regreso del proyecto socialista no quita su papel hegemónico al proyecto de democracia con poder y pluralismo. Más bien replantea el problema de cómo seguir dando prioridad a la democracia en condiciones crecientes de barbaries, asedio y miseria y con plena consciencia de que sin democracia no habrá socialismo, y sin socialismo no habrá democracia. Ese es el problema principal a estudiar en los proyectos y procesos anteriores y en los actuales. (CASANOVA, 2002, p. 235)

Em sua sociologia engajada, Casanova entrelaça uma responsabilidade que deve ser compartilhada por todos os atores sociais, sejam militantes ou teóricos. Uma responsabilidade que não se limita à transformação política, econômica, social e cultural, mas também a uma mudança que desafia a produção teórico-metodológica. Da mesma maneira que a abordagem de tantos temas envolvidos nestes argumentos necessitam uma nova atenção teórica, os movimentos sociais como agentes fundamentais neste cenário também desafiam a imaginação sociológica ao evidenciar um campo temático rico em possibilidades, clássicas ou emergentes, relacionadas às dinâmicas das relações sociais e/ou de movimentos teóricos (MUTZENBERG, 2011, p. 138).

Para Gonh (2004, p. 211), “não se poder falar em um paradigma teórico latino-americano sobre os movimentos sociais, é mais uma colocação estratégica do que real. O que existe é um paradigma bem diferenciado de lutas e movimentos sociais, na realidade concreta”. Para a autora, a América Latina apresenta uma crescente diversidade de lutas e mobilizações e a trajetória dos estudos sobre movimentos sociais acompanha teorias de modelos comparativos como as teorias da modernização, da marginalidade e da dependência, nos anos 50 e 60. Nos anos 70 esses estudos são marcados predominantemente pela influência marxista que vai sendo substituída nos anos 80 pela teoria dos novos movimentos sociais. Segundo a autora, as abordagens europeias sempre estiveram mais presentes na América Latina e o paradigma americano dos estudos sobre o tema influenciou pouco no continente nesse período.

A contextualização acima serve também para explicar o motivo pelo qual, ainda hoje na América Latina, as lutas pela inclusão social, direitos básicos e humanos, reconhecimento e democracia continuam tão presentes. Neste cenário, parece consenso a percepção de que as teorias sociais clássicas não podem mais dar conta de toda a complexidade que envolve as transformações das sociedades contemporâneas e mais especificamente da América Latina, devendo-se buscar uma saída para o velho dualismo entre estrutura e agência, individualismo e holismo.

2.2 Os movimentos sociais no Brasil

O contexto brasileiro, com suas devidas especificidades, não destoia muito dos principais problemas encontrados na América Latina apontados anteriormente, que acompanham o surgimento do Movimento Humanista no ano de 1969. No Brasil, como em alguns países da América Latina, vivíamos a terrível experiência da ditadura militar que durou de 1964 à abertura política em 1985. Esse período também corresponde a uma classificação na trajetória dos movimentos sociais, analisados por alguns autores como Gonh (2004), Scherer-Warren (2005), Mutzenberg (2011) e Cardoso (2004). Eles colocam que, até o final da década de 1970 e início dos anos 80, proliferaram movimentos sociais populares que reivindicavam o processo de redemocratização nestes países em oposição ao regime militar, especialmente pelos movimentos de base cristãos inspirados pela Teologia da Libertação (GONH, 2007, p. 19).

Na luta contra os regimes autoritários surgiram, nesses períodos, movimentos sociais populares e de trabalhadores que trouxeram novas formas de organização coletivas, novos sujeitos e repertórios de ação que buscavam ampliar a participação política dos grupos e alteravam as práticas cotidianas da vida de todos (SCHERER-WARREN, 2005, p. 57). Era a emergência dos novos movimentos sociais que chegavam com a promessa de serem os novos instrumentos políticos de transformação social.

Esse período (1970–1980) foi marcado pela (re)organização dos movimentos sociais, tradicionais e novos, revitalização do sindicalismo rural e urbano, com novas características expressas pelo que se denominou novo sindicalismo, formação de organismos de apoio àquelas organizações, as ONGs, e a mobilização de distintas instituições da sociedade brasileira. (MUTZENBERG, 2011, p.129)

A partir dos meados dos 1980 no Brasil, esses autores apresentam algumas mudanças significativas para o estudo dos movimentos sociais. Elas acompanham as mudanças que surgem no próprio Estado brasileiro com a Constituição de 1988. Começava então um período de institucionalização dos movimentos sociais pois estes agora, teriam que lidar com os espaços e relações públicas reivindicados e conquistados pela abertura do sistema político com a redemocratização.

O fato inegável é que os movimentos sociais dos anos 70/80 contribuíram decisivamente, via demandas e pressões organizadas, para a conquista de vários direitos sociais novos, que foram inscritos em leis na nova Constituição brasileira de 1998. (GOHN, 2007, p. 20)

Os anos de 1990 é o período onde se intensifica essa institucionalização dos movimentos, caracterizado, entre outras coisas, pela nova ordem constitucional e o surgimento dos conselhos participativos, do surgimento das ONGs de apoio aos movimentos e dos fóruns. Estes últimos estabeleciam as práticas de encontros nacionais em larga escala, promovendo diagnósticos dos problemas sociais e definindo metas e objetivos estratégicos para solucioná-los (GOHN, 2007, p. 20). Dessa forma, os movimentos sociais no Brasil passam de um nível reivindicatório, de oposição ao Estado, para a implementação das conquistas, ou seja, de um nível meramente reivindicativo para um nível operacional-propositivo (MUTZENBERG, 2011, p. 129). Mudança que, por outro lado, também afetou as formas organizativas dos movimentos antes, por assim dizer, mais frouxas e espontâneas.

Mutzenberg (2011, p. 130) sintetiza uma classificação desses novos movimentos: a) movimentos identitários que lutam por direitos sociais, econômicos, políticos e culturais (gênero, geração, portadores de necessidades especiais, imigrantes, territoriais, étnico-raciais, religiosos etc.); b) movimentos de lutas por melhorias nas condições de vida e trabalho, tanto rurais como urbanos (terra, trabalho, equipamentos coletivos, habitação etc.); e c) movimentos globais ou globalizantes (Fórum Social Mundial, Via Campesina, Jornada Ação Global dos Povos etc.). Esta classificação também é compartilhada por outros autores como Gohn (2004) e Melucci (1996).

Mas, para entender melhor essa trajetória dos movimentos sociais no Brasil, parece necessário esclarecer certos aspectos importantes que fazem parte das transformações ocorridas tanto no Brasil como nos próprios movimentos sociais. Para Oliveira (2007), entre 1964 e 1990 no Brasil ocorreu uma época de forte intervenção

política que, sob o regime militar, acelerou a transformação das forças produtivas, promovendo um crescimento econômico com base em empresas estatais e forte controle da classe trabalhadora, o que aos poucos promoveu um deslocamento, direcionando o desenvolvimento para o capital estrangeiro, predominância das multinacionais e também uma pesada dívida externa.

Para este autor, torna-se importante lembrar que a hegemonia neoliberal vinha se desenvolvendo na América Latina desde o final da década de 1970, era experimentada nesta região inicialmente através de uma alta dívida externa e a presença das multinacionais, em pleno processo de mundialização do capital, com modelos de reformas econômicas fundamentados no controle da inflação. Assim, temos que

Desregulamentação do mercado, abertura indiscriminada às importações, perda do controle cambial, financeirização total da dívida interna e da dívida externa e, não menos importante, a construção do discurso com o qual se acusava os adversários de “corporativismo”, negando a “ação comunicativa” anterior e tentando instaurar uma nova sensibilidade, cuja motriz central era tanto o discurso liberal da iniciativa dos indivíduos, quanto a desregulamentação e o desmanche que davam bases materiais à nova “ação comunicativa” (OLIVEIRA, 2007, p. 30-31)

O fato é que muitos autores apontam a década de 1990 justamente como o período que compreendeu os governos de Fernando Collor e de Fernando Henrique Cardoso, como uma fase de declínio das manifestações e desmobilização dos movimentos políticos. Embora muitos motivos possam ser elencados para esta situação, como por exemplo, a ausência de um inimigo principal como o regime militar e a necessidade de uma organização mais forte nos movimentos para, entre outras coisas, fiscalizar as ações governamentais que implementavam as reivindicações coletivas, não podemos desmerecer a importância dessas práticas neoliberais.

Nesse contexto brasileiro, vários estudiosos estabelecem um leque de temas apresentados pelos principais movimentos sociais no Brasil. Segundo Mutzenberg (2011) a questão da democracia funcionava como uma espécie de centro que agregava os demais temas que norteavam as ações desses movimentos e que também concentraram a atenção dos estudiosos nessa área. Compondo a constelação temática em torno da democracia e com a mesma importância, aparecem as questões da cidadania, cultura política, sociedade civil, Estado e a questão da identidade.

Levando-se em consideração que a entrada em cena dos novos movimentos sociais e a pluralidade de sujeitos e as demandas que os acompanha, não é de se espantar a complexidade que envolve os temas da sociedade civil e da identidade no contexto brasileiro e latino-americano. Para Dagnino (2004), o antagonismo e o confronto que caracterizaram a relação entre Estado e sociedade civil e que serviram para reforçar este último, cederam lugar a uma perspectiva de ação conjunta que possibilitaria consolidar e alargar nossa democracia. Mas seu argumento é a constatação de uma confluência perversa que ameaça a construção de espaços públicos de participação política da sociedade civil, como projeto político democratizante e participativo, de um lado, e pelo projeto neoliberal do outro, com a sua proposta de um Estado mínimo, sem responsabilidades sociais, podendo fazer com que o próprio projeto de redemocratização acabe servindo apenas ao projeto neoliberal

subjacente ao próprio esforço de criação de espaços públicos onde o poder do Estado pudesse ser compartilhado com a sociedade. Entre os espaços implementados durante esse período destacam-se os Conselhos Gestores de Políticas Públicas, instituídos por lei, e os Orçamentos Participativos. De outro lado, com a eleição de Collor em 1989 e como parte da estratégia do Estado para a implementação do ajuste neoliberal, há a emergência de um projeto de Estado mínimo que se isenta progressivamente de seu papel de garantidor de direitos, através do encolhimento de suas responsabilidades sociais e sua transferência para a sociedade civil. Este projeto constitui o núcleo duro do bem conhecido processo global de adequação das sociedades ao modelo neoliberal produzido pelo Consenso de Washington. (DAGNINO, 2004, p. 96)

Em seu argumento, Dagnino (2004), coloca que esse cenário de disputa de projetos políticos e culturais antagônicos se apresenta como palco do deslocamento de ideais e de resignificação de conceitos comuns. Essa “confluência perversa” proporciona um obscurecimento das distinções e divergências, por meio de um vocabulário comum e de procedimentos e mecanismos institucionais que guardam uma similaridade significativa. Assim, dentro do projeto neoliberal, um conceito como sociedade civil passa a ser compreendido e reduzido ao Terceiro Setor e às ONGs, valorizadas na relação com o Estado, justamente por proporcionar a transferência de responsabilidades. O conceito de cidadania obviamente passa a ser traduzido no sentido mais liberal e visto até hoje com um foco extremamente individualizado, significando a integração ao mercado, ou seja, cidadão igual a consumidor.

Este processo de criação de novos significados também foi exposto por Mato (2004), que discute a importância de uma análise transnacional que evite as limitações de uma perspectiva exclusivamente nacional ou local para a ideia de representação social. Sua análise é importante porque aprofunda as formulações que condensam sentido e orientam a percepção dos discursos, imagens e práticas dos atores sociais em suas experiências sociais. É importante lembrar que o MH, apesar de ter nascido na Argentina, expandiu-se geograficamente e acabou adquirindo um caráter transnacional.

Nestes tempos de globalização, a produção social de representações de ideias de sociedade civil se relaciona não só com as práticas de atores sociais locais e nacionais, mas também com as de atores sociais transnacionais. Os processos de produção social de representação de ideias politicamente significativas envolvem diferenças, negociações e conflitos sociais de representações de ideias de sociedade civil entre atores sociais. São processos de construção de sentido, de criação e circulação de significados, de práticas de resignificação, nas quais participam atores nacionais e transnacionais. (MATO, 2004, p. 69)

Para Mutzemberg (2011), todas as questões apresentadas acima estimulam as análises que não privilegiam as opiniões já constituídas. Ao mesmo tempo, esses aspectos têm orientado a produção recente sobre as ações coletivas, lembrando a importância de entender um movimento social em toda sua dimensão, desde sua formação e não apenas no campo institucional. A complexidade e diversidade que acompanha a chegada dos novos movimentos sociais, com a pluralidade de atores, formas organizativas, motivações, repertórios e ideologias, assim como o cenário de transformações sociais, políticas e culturais que temos experimentado, desafiam e tensionam cada vez mais as teorias e as metodologias nas ciências sociais. No capítulo seguinte, faremos considerações sobre algumas das principais teorias dos movimentos sociais e sobre como se relacionam com a questão das identidades, expondo a tensão existente entre indivíduo e sociedade.

3 A IMPORTÂNCIA DAS IDENTIDADES PARA OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Identidade

*Preciso ser um outro
 Para ser eu mesmo
 Sou grão de rocha
 Sou o vento que a desgasta
 Sou pólen sem insecto
 Sou areia sustentando
 O sexo das árvores
 Existo onde me desconheço
 Aguardando pelo meu passado
 Ansiando a esperança do futuro
 No mundo que combato morro
 No mundo por que luto nasço.*

Mia Couto

3.1 A questão das identidades nas sociedades contemporâneas

As discussões que permeiam os debates sobre os movimentos sociais da atualidade, de sua forma ou como se formam dentro das complexidades sociais, levantam sempre em primeiro plano a problemática das identidades, que por sua vez parece sempre apresentar um ponto de tensão entre o indivíduo e a sociedade. Os teóricos pós-modernos não hesitam em mostrar o surgimento de identidades plurais, imersas num tempo difuso, fragmentadas, descentradas e efêmeras.

Nesse sentido, autores como Stuart Hall (2006) e Chantal Mouffe (2003) têm defendido a ideia de um sujeito plural, universal e coletivo, capaz de se articular em constantes movimentos e em diversas posições na sociedade, o que nos ajuda na tentativa de interpretar as complexidades sociais de hoje, a exemplo das reivindicações em prol das pluralidades culturais e do reconhecimento dos Novos Movimentos Sociais (NMS), cujas demandas têm se mostrado bastante específicas, embora possam estar articuladas local e globalmente. Para Hall (2006, p. 7), a essência das discussões teóricas em torno dessa temática consiste no fato de que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”.

Castells (2007) indica como característica da sociedade da informação uma tendência conflitante entre globalização e identidade, situando uma nova ordem social promovida pela revolução tecnológica da informação e a reestruturação do capitalismo. Esse contexto, que tem como uma das consequências a individualização da mão de obra e que está se difundindo globalmente, também promove uma transformação nas bases materiais da vida, a saber o tempo e o espaço. Ao mesmo tempo, esse autor levanta a importância do surgimento de uma poderosa identidade coletiva que desafia a própria globalização por sua singularidade cultural e um autocontrole individual, onde os movimentos sociais e a própria política aparecem como resultantes da interação entre a globalização, a identidade e o Estado.

É nesse contexto atual, onde os impactos da globalização, de crises, de mudanças políticas, de rápidas e constantes inovações tecnológicas e de um amplo processo de individualização, que as ações coletivas e os movimentos sociais se (re)afirmam na busca da construção de identidades coletivas e nas transformações da sociedade contemporânea. Acreditamos que o Movimento Humanista e a Marcha Mundial pela Paz e Não Violência se incluam dentro desse contexto e que se aproximam da abordagem dos novos movimentos sociais.

Na América Latina, onde a globalização se constituiu através de um modelo colonial, autoritário e neoliberal e transformou os atores sociais em sujeitos globais, também proporcionou uma revalorização das culturas locais, instigou buscas por uma identidade local e ao mesmo tempo global. “Entender a América Latina hoje só pode acontecer se pensarmos que não há uma identidade única latino-americana, mas múltiplas identidades étnicas, nacionais, de gênero etc., contidas em tal espaço” (CANCLINI, 2004, p. 174). Essa valorização das identidades também orientou a elaboração das teorias dos NMS, como apontam Touraine (1997) e Melucci (1996), focando a importância das identificações dos sujeitos, dos atores, neste cenário tão diverso. Assim, para Martín-Barbero (2006), temos que pensar uma via que reconheça as diferenças não como fragmentação, mas como uma interação necessária que sustenta a pluralidade, no caminho da construção de uma democracia participativa e plural.

Mesmo no caso da América Latina, parece prudente concordar com Melucci (2001), cujas reflexões apontam um deslocamento de paradigmas teóricos clássicos, na refutação de que os movimentos sociais não podem ser concebidos apenas como contradições, como um efeito de crises estruturais, direcionados a uma racionalidade instrumental ou mesmo que estejam submersos em determinações macrossociais.

Melucci busca uma síntese que descortina nos movimentos sociais contemporâneos a importância das dimensões culturais, da linguagem, do cotidiano, da formação das identidades coletivas, da reflexividade, da diversidade, que redefinem as questões de tempo e espaço dos atores e da própria ação.

Sabemos que uma característica fundamental das sociedades contemporâneas é o crescente processo de individualização. Para Melucci, a própria capacidade reflexiva do ator em produzir o sentido da sua ação tem um grande potencial de diferenciação e por vezes de conflito, que passa a ideia primeira de uma produção individual, mas que resulta num produto coletivo, a saber, a ação social.

Existe um inter-relacionamento crescente entre os problemas da identidade individual e a ação coletiva; a solidariedade do grupo não está separada da busca pessoal e das necessidades afetivas e comunicacionais dos membros, na sua existência cotidiana. (MELUCCI, 2001, p. 97).

Norbert Elias (1994) também demonstra grande preocupação com essas questões. Em “A sociedade dos indivíduos”, ele discorre sobre a necessidade de aprofundarmos nossas reflexões sobre a relação entre o indivíduo e a sociedade, sobre a formação da identidade “eu” e da identidade “nós”, buscando uma síntese que supere a antinomia estabelecida quando se elege como unidade de análise uma dessas identidades. Para Elias, a individualidade e a inter-relação das pessoas não são antitéticas. A forma e as diferenciações que compõem a individualidade só são possíveis quando uma pessoa nasce no interior de uma sociedade e são marcadas, principalmente, pelo controle dos instintos. Cada pessoa ocupa um determinado lugar, uma determinada função, obedecendo a uma ordem oculta que não é tão claramente percebida, mas que unifica e molda as liberdades individuais.

Assim, ao mesmo tempo em que o “termo indivíduo consiste em expressar a ideia de que todo ser humano é ou deve ser uma entidade autônoma e, ao mesmo tempo, de que cada ser humano é, em certos aspectos, diferente de todos os demais” (ELIAS, 1994, p. 130), o autor demonstra que cada indivíduo está ligado uns aos outros através de uma rede permanente de dependência funcional, seja ela direta ou indireta.

E a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais, que chamamos sociedade... e ao falarmos em leis sociais ou regularidades sociais, não nos referimos a

outra coisa senão isto: às leis autônomas das relações entre as pessoas individualmente consideradas. (ELIAS, 1994, p. 23)

Mesmo que em suas reflexões Elias aponte para um quadro evolutivo, o próprio desenvolvimento da vida social facilita um potencial de diferenciação que parece valorizar a individualização. Com o processo civilizatório da época moderna, as relações humanas apresentam um alto grau de maleabilidade e adaptabilidade, ajustadas pela linguagem e inseridas num processo histórico onde tanto a autoconsciência como a composição social, que Elias chama de *habitus*, se transformam com a mudança histórica, e isso explicaria por que em determinados períodos ou sociedades a balança nós-eu pende mais para um lado ou para o outro. Evidentemente que, nas sociedades complexas contemporâneas, observa-se uma tendência à valorização das identidades-eu. Essa propensão à individualização também é mostrada na teoria weberiana com o desenvolvimento do processo de racionalização.

O sentido de nossos tempos é caracterizado pela racionalização e intelectualização e, acima de tudo, pelo desencantamento do mundo. Precisamente os valores últimos e mais sublimes retiraram-se da vida pública, seja para o reino transcendental de vida mística, seja para a fraternidade das relações humanas diretas e pessoais. (WEBER, 1963, p. 182)

Embora não se possa dizer que Weber (2007) siga uma lógica teórica de desenvolvimento histórico, ele demonstra uma grande preocupação com a ambiguidade presente na modernidade, entre as demandas individuais e sua relação com o mundo social, que é muito bem expressa quando ele problematiza a relação entre uma ética protestante e o espírito do capitalismo, que se corporifica na tomada de decisão dos indivíduos diante da incerteza da salvação e suas relações humanas, confrontando uma ética racional e uma ética da responsabilidade, expressas na atitude puritana, calvinista, e nas exigências da sociedade capitalista.

Para Weber, é o desenvolvimento do processo de racionalização e intelectualização que conduz ao afastamento da religião de várias esferas da vida, a racionalização que leva ao desencantamento do mundo também leva ao domínio da objetividade do conhecimento, à secularização e à formação de Estados laicos. Importante evidenciar que desencantamento e secularização são fenômenos distintos, ainda que estejam entrelaçados, como nos mostra Pierucci:

o desencantamento do mundo ocorre justamente em sociedades profundamente religiosas, é um processo essencialmente religioso, porquanto são as religiões éticas que operam a eliminação da magia como meio de salvação... Secularização, por outro lado, implica abandono, redução, subtração do status religioso... é a defecção, uma perda para a religião e emancipação em relação a ela. (PIERUCCI, 1998, s/p).

Mas, o desenvolvimento permanente da racionalidade nas sociedades modernas parece também ter colocado em xeque o próprio status da positividade iluminista, pois essa mesma objetividade do conhecimento parece fazer voltar a desencantar quando se anuncia o “fim das ideologias” ou das utopias que substituíram em parte as ilusões religiosas como fenômeno agregador. Muito se discute hoje, seguindo essa linha de raciocínio, sobre uma possível busca de reencantamento do mundo como tentativa de superar as contradições e problemas contemporâneos, gerados em torno do grande processo de individualização das sociedades modernas. O Movimento Humanista, ao desenvolver um grupo de caráter explicitamente espiritual como a Mensagem de Silo, que procura desenvolver em seus membros a busca de uma verdade interior, do sagrado, como mostraremos na análise de nosso campo, parece apostar numa perspectiva de transformação ou transcendência individual para a partir daí se (re)ligar, agregar seus membros e transformar a sociedade.

Atualmente, observa-se uma grande discussão sobre um possível “retorno do sagrado”, que vai desde o surgimento de um grande número de seitas, o fortalecimento das religiões orientais, até a própria aproximação entre o cristianismo na América Latina e a Teologia da Libertação, para não falar, em exemplos mais próximos e atuais, como o crescimento do pentecostalismo nas Américas e na África, percebido claramente, com a crescente formação das bancadas evangélicas no Parlamento brasileiro e no que poderia levar essa aproximação entre religião e Estado para o mundo, vistos os problemas históricos que essa relação apresenta em vários continentes.

Segundo Melucci, uma das características presente na descrição dos movimentos sociais contemporâneos é a constatação de utopias regressivas de conteúdo religioso como possível motivação e mobilização para a ação social, mesmo que possam despolitizar as questões relacionadas à identidade e à vida cotidiana.

Trata-se de uma religião liberta do aparato ritual e organizativo das igrejas e, portanto, mais próximas da busca de uma transcendência da ordem social do que uma prática litúrgica. O conteúdo religioso, enquanto mito totalizante sobre o qual se baseia a identidade, pode

transformar-se numa forma cultural de resistência à racionalidade instrumental dos aparatos dominantes. (MELUCCI, 2001, p. 85)

Nas sociedades contemporâneas, fundadas na informação, ainda segundo Melucci (2001), as formas de controle e poder se expressam de maneira muito complexa, visto que, para garantir a integração em seus níveis mais íntimos ou profundos, há que compactuar com o sentido do agir individual e coletivo, ou seja, com a maneira como os atores recebem, interpretam e reproduzem a informação. Parte daí uma capacidade maior de produzir conflitos vindos da diferenciação ou multiplicidade dos âmbitos de vida, a variabilidade na dimensão temporal provocada pela intensidade do ritmo contínuo de mudanças, além do excedente cultural que amplia as possibilidades simbólicas disponíveis.

3.2 A importância das identidades para as teorias dos movimentos sociais

Para Sztompka (2005), os movimentos sociais são um fenômeno histórico universal que, segundo alguns historiadores, estão presentes sob a forma de rebeliões na Antiguidade, com os movimentos religiosos na Idade Média e os movimentos culturais no Renascimento. Mas, foi justamente na modernidade que a “era dos movimentos sociais” realmente começou. Segundo Sztompka, os movimentos sociais talvez sejam a mais poderosa força de mudança em nossa sociedade. A base de sua teoria consiste justamente em mostrar a relação existente entre movimento social e mudança social. O autor considera os movimentos sociais como mediações na cadeia causal da práxis social e os vê ao mesmo tempo como produto de mudanças sociais anteriores e produtores (ou pelo menos coprodutores) de novas transformações sociais (SZTOMPKA, 2005, p. 468).

Apesar de parecer evidente essa relação entre movimentos sociais e mudanças sociais, durante boa parte do século XX as teorias sobre movimentos sociais estavam voltadas para as ideologias, a organização e a racionalidade. Esses movimentos eram descritos como categorias muito gerais como socialismo, capitalismo, fascismo etc., cujo objeto de estudo consistia no conhecimento da base econômica ou de classe do movimento ou em interesses que demonstravam o status do grupo na estrutura social. O problema básico dos analistas era entender o processo de formação dos movimentos

através da estrutura social e dos problemas colocados por estes, com foco nas posições ocupadas pelos grupos, o que se vinculava à dicotomia capital x trabalho (LARAÑA, 1994).

Com o surgimento da teoria dos novos movimentos sociais, o enfoque passa a abordar aspectos da vida cotidiana e o status social substitui a importância das classes sociais especificando uma pluralidade de valores relacionados à imagem que o indivíduo tem de si mesmo e a um forte sentimento de pertencimento a um grupo. A busca de uma identidade coletiva passa a assumir uma posição central nas pesquisas sobre movimento social. Autores como Cohen (1985) explicam o que então se denominou como paradigma identitário, revelando a centralidade e a importância que o tema concentrou tanto na Europa quanto na América Latina desde os anos 1980. A partir do debate estabelecido entre a teoria dos novos movimentos sociais e a teoria de mobilização de recursos, a questão da identidade também passa a despertar interesse nas abordagens de tradição norte-americana.

Com o objetivo de trazer alguns esclarecimentos sobre os novos movimentos sociais na América Latina, Laclau (1986) se preocupa em entender esse caráter de mudança trazido por esses movimentos e principalmente compreender em que aspectos essas novas formas ocasionam uma crise no paradigma tradicional das ciências sociais. Para ele, as conceituações tradicionais apresentam três características principais: as identidades eram determinadas pela estrutura social; o tipo de conflito era determinado em termos diacrônico-revolucionário; e os espaços de conflito eram reduzidos a um espaço político unificado onde a presença dos agentes assumia a forma de representações de interesses. Em sua visão, os novos movimentos sociais romperam essas três unidades que caracterizavam os agentes sociais e as formas assumidas pelo conflito.

Segundo Laclau, em primeiro lugar, o grupo deixa de ser referente, ordenado e coerente, tornando-se cada vez mais difícil identificar as posições dos sujeitos, que se apresentam como resultado de construções políticas complexas, baseadas na totalidade das relações sociais, e que não podem decorrer unilateralmente das relações de produção. Em segundo lugar, essa mudança em relação à posição dos agentes ocasionou uma crise na teoria diacrônica de estágios, sendo impossível relacionar as posições individuais com uma sucessão racional de estágios. Em terceiro lugar, a identidade dos agentes sociais não é mais constituída num único nível da sociedade, os agentes estão

presentes em outros níveis e assim também não pode mais ser compreendida como uma representação de interesses.

A força de seus argumentos consiste na percepção de uma nova dimensão para o político, pois os novos movimentos sociais também promovem uma politização da vida social, citando como exemplo o slogan feminista: “o pessoal é político”. Entretanto, consideramos como a mais importante contribuição de Laclau para a relação entre identidade e movimentos sociais a ruptura da noção da centralidade do sujeito, enquanto unidade racional, transparente, permanente e homogênea, ressaltando com isso a importância da pluralidade dos atores para essa abordagem.

não há nenhuma posição de sujeito cujas conexões com as outras posições possam ser permanentemente asseguradas; e, por consequência, não há nenhuma identidade social integralmente adquirida que não esteja sujeita, em maior ou menor escala, à ação de práticas articulatórias. (LACLAU, 1986, S/P)

Como um dos principais expoentes da teoria dos novos movimentos sociais, Melucci argumenta em defesa da identidade entendendo que a ação coletiva acontece a partir da sociedade civil, ressaltando os aspectos culturais e a importância das práticas e interações na vida cotidiana dos atores. Como princípios de análises, Melucci define três dimensões fundamentais e sem as quais uma ação coletiva não poderia ser entendida como movimento social: a solidariedade, o conflito e a ruptura com os limites do sistema onde ocorre a ação.

Um movimento é a mobilização de um ator coletivo, definido por uma solidariedade específica, que luta contra um adversário para a apropriação e o controle de recursos valorizados por ambos. A ação coletiva de um movimento se manifesta através da ruptura dos limites de compatibilidade do sistema dentro do qual a ação mesma se situa. Defino os limites de compatibilidade como aquela série de variabilidade dos estados sistêmicos que permite a um sistema manter sua própria estrutura... (MELUCCI, 2001, p. 35)

Essas três características mostram os movimentos sociais como resultados de processos heterogêneos, dentro de um sistema de possibilidades e interatividades, onde os indivíduos desenvolvem um processo de reflexibilidade que dá sentido a sua ação e às dos outros na vida cotidiana. Na mesma linha, mas explicitando uma reflexão que enfatiza os processos políticos das ações coletivas, temos que

a ação é, assim, um processo interativo de construção no interior de um campo político, onde atores se articulam, compondo diferenças e semelhanças, intermediadas pelo discurso, tornando-se participantes potenciais ou efetivos, diretos ou indiretos, do jogo de forças e com possibilidades de influir nas próprias regras desse jogo político, como processo ativo de construção social. É neste conflito que se constroem as identidades. (MUTZEMBERG, 2002)

As concepções de ação coletiva e movimentos sociais, onde a questão das identidades assume uma posição fundamental, também parecem mais uma vez indicar a necessidade de superação que as limitações entre a escolha de uma abordagem individualista ou holista representaria para estes estudos. Ainda que a permanente tensão entre indivíduo e sociedade permeie toda a nossa reflexão sobre a busca das identidades nos movimentos sociais, parece-nos razoável a tentativa de encontrar uma mediação que considere tanto a importância do indivíduo como da coletividade. Na reflexão de Melucci (2001, p. 23), “a identidade coletiva não é um dado ou uma essência, mas um produto de trocas, negociações, decisões, conflitos entre os atores”. Ela se constrói nas relações sociais, na interação e é compartilhada entre pessoas e grupos.

Dou, ao contrário, à identidade coletiva uma definição interativa e compartilhada, que vários indivíduos produzem acerca das orientações da ação e campos de oportunidades e de vínculos no qual ela se coloca: interativa e compartilhada significa construída e negociada através de um processo repetido de ativação das relações que ligam os atores. (MELUCCI, 2001, p. 69).

Com esse argumento, Melucci também deixa clara a impossibilidade de pensarmos em movimentos sociais sem pensarmos em uma teoria da ação e ao mesmo tempo sua vinculação com a questão das identidades coletivas. Para este autor, as identidades coletivas devem ser pensadas como um processo contínuo de construção, onde devem ser levadas em conta as complexidades internas de um ator e suas relações com o ambiente. Tal processo é a base para a construção das expectativas e para o cálculo dos custos e benefícios da ação (MELUCCI, 2001, p. 69).

Esta condição também implica numa alta reflexividade dos atores na direção da formação e manutenção dos interesses coletivos, ou seja, é preciso considerar que existe uma identidade coletiva, uma percepção do “nós” e dos “outros” para que se garanta a

continuidade da ação e mesmo as possibilidades para a mobilização. Essa abordagem culturalista de Melucci relaciona-se com o Movimento Humanista quando este, ao valorizar uma autorreflexividade através de uma busca interior estimulada pelo desenvolvimento espiritual, parece estar tentando fortalecer uma unidade maior de reconhecimento e força para motivar sua luta por transformações sociais.

Outro aspecto interessante que Melucci traz à tona em seu conceito é que o potencial de mobilização deve ser entendido a partir das relações sociais e não individuais. São as redes sociais, as redes de relacionamento que podem promover o envolvimento e facilitar a mobilização, pois “os indivíduos interagem, influenciam-se, negociam no interior dessas redes e produzem os quadros cognitivos e motivacionais necessários para a ação” (MELUCCI, 2001, p. 67). Assim, Melucci leva em consideração o indivíduo, mas sem esquecer o processo social estabelecido nas interações cotidianas de trocas, negociações e conflitos, para posicionar sua conceituação numa explicação mais ampla e macro.

Para a tradição norte-americana, desenvolvida a partir dos anos de 1960, a teoria de mobilização de recursos aponta que o envolvimento dos indivíduos em ações sociais está diretamente ligado aos benefícios que eles podem ter através dessas ações. A mudança nas oportunidades políticas propicia o confronto político por oferecer incentivos materiais e ideológicos, partidários ou baseados no grupo, de longa duração ou episódicos (TARROW, 2009, p. 27). Os confrontos dos últimos 40 anos mostram o poder e a importância dos movimentos sociais. As pessoas foram às ruas exigindo mudanças, frequentemente tiveram sucesso e, mesmo quando não tiveram, conseguiram impulsionar importantes mudanças políticas, culturais e internacionais (TARROW, 2009, p. 18). Tarrow indica que esses confrontos sempre existiram na história, mas cabe aos movimentos sociais prepará-los, organizá-los e mantê-los, o que seria a principal contribuição dos movimentos sociais.

o confronto político é desencadeado quando oportunidades e restrições políticas em mudança criam incentivos para atores sociais que não tem recursos próprios. Eles agem através de repertório de confronto conhecidos, expandindo-os ao criar inovações marginais. O confronto político conduz a uma interação sustentada com opositores quando é apoiada por densas redes sociais e estimulado por símbolos culturalmente vibrantes e orientados para a ação. O resultado é o movimento social. (TARROW, 2009, p. 18)

Para Tarrow (2009, p. 19), a ação coletiva de confronto é a base de todo movimento social. Ela torna-se confronto quando é empregada por pessoas que não têm acesso regular às instituições e quase sempre é o seu único recurso contra seus opositores. Elas agem em nome de exigências novas ou não atendidas compartilhadas pelo grupo que se comportam de maneira que, fundamentalmente, desafia os outros ou as autoridades. Observa-se explicitamente que, assim como em Melucci, nos argumentos deste autor apresenta-se como essencial uma teoria da ação e a importância de uma reflexão que não só dê sentido às ações, mas que também estabeleça ou fortaleça as identificações entre os atores e a construção de suas ideologias. As ações coletivas “têm poder porque desafiam os detentores de poder, produzem solidariedade e fazem sentido para grupos específicos da população, situações e culturas nacionais” (TARROW, 2009, p. 20).

Segundo Tarrow, o protesto ou a ação coletiva, os objetivos em comum, a identidade coletiva e a manutenção do confronto são as quatro propriedades básicas dos movimentos sociais. Sendo justamente no desenvolvimento do confronto que a ação coletiva explora as oportunidades políticas, organiza-se mobilizando atores que interagem elaborando ideologias, objetivos comuns e construindo suas identidades coletivas. Tarrow ressalta como as mudanças nas oportunidades e restrições políticas criam incentivos que estimulam a ação coletiva e os ciclos de confronto, gerando novas oportunidades para todos os atores envolvidos e não somente para os movimentos sociais. Essa perspectiva demonstra a importância que a motivação tem para seu conceito. Para ele, as pessoas se engajam em confrontos políticos quando mudam os padrões de oportunidades e restrições políticas e, então, empregando estrategicamente um repertório de ação coletiva, criam novas oportunidades que são usadas por outros, em ciclos mais amplos de confronto.

Quando suas lutas giram em torno de grandes divisões na sociedade, quando reúnem pessoas em volta de símbolos culturais herdados e quando podem ampliar ou construir densas redes sociais e estruturas conectivas, então esses episódios de confronto resultam em interações sustentadas com opositores especificamente, em movimentos sociais. (TARROW, 2009, p. 38)

Pensamos que a abordagem de Tarrow pode nos ser bastante útil para entendermos o repertório de ações do Movimento Humanista e nisto se inclui a própria realização da marcha, entre outras coisas, mas sobretudo a forma como foi construída e

as redes estabelecidas para a sua realização. Da mesma forma como a construção de significados e símbolos criados e divulgados através ou a partir da marcha e sua relação com as questões ligadas à mobilização.

Tarrow também refuta a ideia de movimentos sociais como um resultado da anomia e da desorganização social, expressos através do extremismo, privação e violência, herança de teóricos influenciados pelas ideias de Durkheim. A seu ver, os movimentos sociais se caracterizam por serem protestos coletivos, em sua maioria desafios contenciosos, com objetivos em comum, reivindicações compartilhadas pelos membros, solidariedade social (ou seja, a capacidade que seus membros têm de reconhecimento de seus interesses em comum) e, por fim, a interação sustentada, a manutenção do confronto político. Assim os movimentos sociais formam organizações, elaboram ideologias, socializam e mobilizam seus membros, e estes se engajam em autodesenvolvimento e na construção de identidades coletivas (TARROW, 2009, p.38).

Segundo Tarrow (2009, p. 39), os movimentos sociais são repositórios de conhecimento de rotinas particulares numa história da sociedade. Isso quer dizer que a ação e os repertórios de confrontos não são exclusivamente baseados em inovações, mas fazem parte de uma memória social, que exige, entre outras coisas, um esforço interpretativo dos atores sociais e é neste sentido que se apresenta a importância das identidades e ideologias de um movimento. É esse conjunto de significados compartilhados (discursos, mensagens e imagens) que transformam os descontentamentos em reivindicações mais amplas, constroem e definem os limites entre o movimento e seus inimigos e estimula a ação. Longe de ser um consenso, esse processo de enquadramento também é espaço de conflitos e tensões.

Embora os organizadores de movimentos se engajem ativamente no trabalho de enquadramento interpretativo, nem todos estes processos ocorrem sob seu controle. Além de trabalhar sobre entendimentos culturais herdados, eles competem com a mídia, que transmite mensagens que os movimentos devem tentar moldar e influenciar. (TARROW, 2009, p.41)

Nessa perspectiva, Snow (1994) tenta mostrar que a construção das identidades, independente de sua intencionalidade, é inerente às atividades relacionadas com a construção de *frames* ou quadros interpretativos nos movimentos sociais. Entenda-se por quadros interpretativos “um esquema interpretativo que simplifica e condensa o

‘mundo exterior’ ao identificar e codificar seletivamente os objetos, situações, acontecimentos, experiências e as ações que ocorrem no ambiente passado ou presente de cada indivíduo” (SNOW, 1994, p. 228). Para construir esses quadros e alcançar o consenso e a mobilização coletiva, as organizações do movimento precisam cumprir três tarefas fundamentais: a criação dos quadros de diagnósticos, ou seja, a identificação de alguns acontecimentos ou situações problemáticas que necessitam mudanças; os quadros de prognósticos, que consistem no estabelecimento de um plano para corrigir como e quem deve executar a mudança desejada; e os quadros de motivação, que implicam numa construção social, o desenvolvimento de um conjunto de razões irresistíveis para o agir de tal maneira.

Snow e MacAdam (2000) se aproximam da teoria das oportunidades políticas relacionando-a à noção de quadros interpretativos através dos processos identitários – entenda-se por isso que as ações criam, divulgam, mantêm e sustentam as identidades pela geração de significados dele mesmo, do movimento e dos outros. A tentativa desses autores consiste numa investigação de como, em diferentes momentos do movimento social, essas identidades individuais e as identidades coletivas relacionam-se com as mobilizações e o ativismo, digamos assim.

Estes autores parecem compartilhar da ideia de Melucci de que a identidade não é um dado, o sentimento de pertencimento não é simplesmente uma identificação pré-existente que facilita o ingresso em determinados grupos. Ela é um processo, uma construção que, para Snow e McAdam, é potencializada através de um conjunto de estratégias de alinhamento dos quadros interpretativos. Esses alinhamentos correspondem à congruência entre as ideologias e metas dos movimentos e os interesses, valores e crenças dos potenciais membros. A Marcha Mundial pela Paz e Não Violência pode ser entendida a partir desse esquema de quadros interpretativos de Snow, como estratégia de divulgação não só do movimento, mas de seus valores e crenças, como a sua metodologia de ação, a não violência ativa, fundamental para um momento de ameaça nuclear advinda com a possibilidade de guerras mundiais. “Podemos afirmar que estes processos de alinhamento de quadros podem considerar-se como estratégias de discurso com as quais se tenta produzir o alinhamento das identidades individuais e coletivas” (SNOW, 1994, p. 229).

Um aspecto importante, especialmente para nossa investigação e apresentado por Snow (1994), consiste no que ele chama de campo de identidade dos protagonistas e antagonistas, ou seja, uma série de significados atribuídos à identidade dos indivíduos e

grupos destinados a se converterem nos defensores e nos opositores da causa do movimento. No caso do campo de identidade dos protagonistas, geralmente inclui afirmações sobre a identidade coletiva e organizações aliadas. Aqui surgem atribuições individuais, como os heróis do movimento, os simpatizantes, os líderes etc., enfim, os papéis e status individuais dos atores, implicando também em fazer distinções sobre quem está dentro e fora dos movimentos, o “nós” e o “eles”, situando o movimento no espaço e no tempo, criando assim o que Snow chama de quadros delimitadores do movimento.

Os processos de atribuição de significados que delimitam um movimento e suas atividades no espaço e no tempo são essenciais na construção e manutenção das identidades individuais e coletivas dos atores das organizações de movimentos sociais. Mas este processo se pode compreender com maior clareza quando analisamos o processo de reconhecimento ou imputação dos aspectos que se referem à consciência e/ou ao caráter de seus seguidores (SNOW, 1994, p. 235).

Essa análise se apresenta importante, sobretudo para pensarmos os movimentos que têm algum caráter religioso, como parece ser o Movimento Humanista. Segundo Snow, estes movimentos apresentam como característica a conexão com alguma profecia ou período histórico, onde sua atuação é uma contribuição a um plano cósmico. Essas pretensões, para Snow, além de situar e justificar o movimento historicamente, também promovem a identidade conferindo um status especial a seus seguidores (SNOW, 1994, p. 234).

Klandermans (2004), utilizando-se da definição de movimentos sociais como “desafios coletivos baseados em objetos comuns e solidariedade social, numa interação sustentada com as elites, opositores e autoridades” (TARROW, 2009, p. 21), tenta desenvolver uma síntese entre as noções de identidades coletivas a partir de um diálogo entre as concepções que privilegiam os aspectos cognitivos da ação, a criação de marcos interpretativos e a perspectiva culturalista com a noção de identidade. Sua tentativa é de mostrar que a motivação dos indivíduos para participar de uma ação e de movimentos se relaciona com uma autocategorização dos atores, com a formação de uma identidade social baseada na interação dos atores e grupos e com os quadros interpretativos que os movimentos apresentam.

Para este autor, há três motivos básicos que levam uma pessoa a participar de movimentos sociais: a instrumentalidade, pois as pessoas desejam mudar as circunstâncias da sua vida; a identidade, porque as pessoas desejam atuar como membro

dos grupos dos quais fazem parte; e a ideologia, porque as pessoas desejam dar sentido ao mundo em que vivem (KLANDERMANS, 2004, p. 361). Também para Klandermans a questão das identidades se apresenta como central para as teorias da ação social, seja por contribuir para a compreensão de aspectos microsociais e as motivações para o engajamento, por estar no centro dos conflitos políticos, ou por revelar a importância, antes obliterada, das questões culturais. Mas essa centralidade que a questão das identidades hoje apresenta para as teorias dos movimentos sociais não a exime de sérios problemas, críticas e divergências entre autores e abordagens, agravando ainda mais a falta de consenso nessas teorias.

3.3 As dimensões e problemas da identidade

Para Laraña (1994), devemos nos preocupar com a necessidade de um maior aprofundamento no próprio conceito de identidade. Os movimentos sociais colocam a busca da identidade e sua dimensão transitória como eventos novos derivados das transformações estruturais das sociedades pós-industriais, mas para ele essa busca não pode ser explicada exclusivamente por essas mudanças, pois

a ênfase na busca da identidade nos novos movimentos sociais, é resultado da interseção de vários fatores, um dos quais consiste na chegada a uma certa idade, de um corte num contexto econômico e social que libera seus membros de preocupações materiais imediatas e lhes permite proceder a uma intensa introspecção em torno de sua identidade. (LARAÑA, 1994, p. 16)

Neste sentido, o autor desenvolve uma importante reflexão sobre alguns aspectos que envolvem o tema das identidades e que precisam ser considerados, são eles: a identidade individual, a identidade coletiva e a identidade pública. A identidade individual está diretamente relacionada à abordagem microsocial do interacionismo simbólico e consiste numa certa mescla de heranças ou características genéticas, sociais e psicológicas, além de uma forte atenção à imagem e à reflexão de si mesmo. Para Laraña, essa interdisciplinaridade significa o problema deste conceito, ao mesmo tempo em que representa justamente a sua fonte de força, pois ainda que essa identidade só se constitua através da interação com outros indivíduos e grupos, ou seja, dos processos

sociais, ela parece ser fundamental para explicar, por exemplo, a motivação que leva uma pessoa a entrar em um movimento social.

Em relação à identidade coletiva, este autor mostra que a maioria das teorias destacam sua natureza interrelacional e suas distintas dimensões. O conceito de identidade coletiva se refere à definição de pertencimento a um grupo, os limites e atividades que estes desenvolvem e esta definição é fruto de um acordo, geralmente implícito entre seus membros. Numa referência explícita à definição de identidade coletiva de Melucci, apresentada anteriormente, Laraña mostra que este conceito se fundamenta a partir do enfoque da construção social e tem três dimensões que resultam difícil sua aplicação empírica. Primeiro, porque ela surge através de uma contínua interpretação entre a identidade individual e a do grupo, depois por ela se apresentar como uma espécie de objetivo próprio e em movimento, mudando em diferentes períodos da evolução dos movimentos; e por último, pelos processos de criação e manutenção dessas identidades que se apresentam operativos. O autor percebe como mais um problema o uso corriqueiro do termo identidade coletiva, de caráter factual, que pode comprometer uma análise realmente séria.

Um uso frequentemente utilizado neste sentido, embora pareça mais usado como um truque retórico do que uma análise séria, consiste em falar da identidade coletiva como algo que se ergue acima dos atores sociais e os transcendem ao adquirir vida própria. (LARAÑA, 1994, p. 18)

Outra questão importante relacionada ao conceito de identidade coletiva que este autor aborda é que ela se distancia da importância dada ao indivíduo, direcionando-a para a organização, para os atores coletivos. Neste sentido, para Laraña, esse conceito de identidade muito se aproxima do “inconsciente coletivo” de Durkheim, indicando, por outro lado, que a identidade pode ser simultaneamente real, ou seja, baseada em experiências pessoais e memorizadas, e também idealizada, referindo-se aos comportamentos ideais dos indivíduos no desempenho de seus papéis sociais.

A identidade pública, segundo Laraña (1994), se refere à influência da forma como as pessoas de fora de um movimento percebem como os membros desse movimento veem a si mesmos. Tanto as identidades individuais quanto a identidade coletiva são afetadas pela interação com essas pessoas de fora e pelas definições do movimento feitas pelos organismos estatais, os contramovimentos e especialmente

pelos meios de comunicação, muito importantes nas sociedades contemporâneas. Essas influências incidem diretamente sobre a identidade de um movimento, principalmente pela importância dos meios de comunicação e seus vínculos ideológicos, que podem inclusive produzir uma dissociação entre as imagens internas e externas de um movimento. Neste sentido, parece bastante importante analisar as relações entre os membros de um movimento, sobretudo seus líderes e esses outros atores, sua influência e impacto social. “A pesquisa em psicologia social tem mostrado que quanto mais íntima, local e pessoalmente relevante é uma informação maior será sua influência na opinião dos indivíduos” (LARAÑA, 1994, p. 21).

Este autor também nos remete a uma reflexão sobre mais um problema relativo ao tema: a relação existente entre o movimento social e a forma em que sua identidade coletiva pode ser traduzida como ideologia. Laraña argumenta que, embora ideologia, reivindicações e identidade coletiva sejam elementos que precisam ser distinguidos como fins analíticos, também existe uma forte relação entre eles que tem sido ignorada nos tempos recentes, mas que hoje ocupa a primeira linha da teoria baseada nos novos movimentos sociais.

No passado, quando a plataforma econômica direcionava os programas, as demandas e as reivindicações formavam as bases ideológicas e, praticamente como consequência, a mobilização de um movimento. Com os novos movimentos sociais, as classes cedem importância ao status e a identidade parece mesmo assumir uma posição mais central, como já foi dito por Hall (2006), por exemplo, levantando a necessidade de novas análises e mostrando, por exemplo, que as reivindicações ou o senso de injustiça já não são suficientes para explicar como se constroem as mobilizações.

A reivindicação dos movimentos e a identidade coletiva de seus seguidores são coisas diferentes, mas a estreita relação que os une provem de um fato básico desde nossa perspectiva. O que os seguidores de um movimento pensam de si mesmo é em grande parte estruturado pela forma em que se vivem os problemas individuais, se interpretam e redefinem o contexto da interação dentro do grupo. (LARAÑA, 1994, p. 25)

Um possibilidade bastante discutida para os processos de mobilizações vem das redes sociais. Laraña (1994), assim como Melucci (2001) e Tarrow (2009), compartilham da percepção de que parece haver uma relação muito forte entre a influência de amigos e suas relações e atividades cotidianas sobre os membros ou

possíveis membros de um movimento, ainda que estas relações não caracterizem um compromisso explícito, ideológico ou mesmo uma busca de identidade.

As networks constituem um nível intermediário fundamental para a compreensão dos processos de mobilização. Os indivíduos interagem, influenciam-se, negociam no interior dessas redes e produzem os quadros cognitivos e motivacionais necessários para a ação. (MELUCCI, 2001, p. 67)

Para Tarrow (2009, p. 77-78), isso não significa que os laços fortes de um grupo homogêneo, como a classe trabalhadora, não sejam importantes (a classe foi o fundamento das solidariedades primárias desses movimentos), sobretudo em contextos menores como na fábrica, mas quando o grupo se expande e se apresenta mais heterogêneo isso pode diminuir a solidariedade.

Associações primárias e contatos face a face geram solidariedade para os movimentos sociais entre pessoas que se conhecem e confiam uma nas outras. Mas imprensa, associação e campanhas de coalizão constroem estruturas conectivas entre um número maior de pessoas e possibilitam difusão dos movimentos para novos públicos. Permitem, assim, a formação de coalizões sociais frouxas, frequentemente contingentes, lidando com questões afins ou paralelas e originando ciclos maiores de movimento. (TARROW, 2009, p. 78)

Para falar da extensão que envolve o conceito de redes sociais, Mercklé (2004) inicia uma descrição sobre as origens da análise de redes sociais (ARS) versando sobre os autores que ele considera precursores, pioneiros e os fundadores dessa abordagem, citando autores fundamentais como Georg Simmel (2006), com seu conceito de socialização e a importância das interações sociais, e Jacob Moreno e a criação da sociometria. A partir daí se constrói um distanciamento nas ciências sociais da noção de redes muito utilizada como metáfora, mesmo que ainda hoje possamos perceber a utilização dessa expressão facilmente em todas as instâncias da vida cotidiana.

A noção de 'rede' é o oposto de um neologismo: a palavra é antiga e a história de sua utilização na língua francesa desde a sua criação no início do século XVII, é extremamente instrutiva, na medida em que permite distinguir claramente os diferentes registros metafóricos que a noção de rede já recebeu e às vezes continua a veicular. (MERCKLÉ, 2004, p. 1)

Portugal (2007) assinala que o conceito de redes sociais nos anos 70 chegou a ser proposto como um novo paradigma por autores como Thomas Khun, mas para essa autora a contribuição da ARS está focada em dois debates fundamentais: “o primeiro tem a ver com o estatuto das análises micro na construção da macro-sociologia, o segundo com a relação entre a estrutura social e a ação individual” (PORTUGAL, 2007, p. 9). Ela ainda mostra que a teoria das redes pode proporcionar um olhar para três dimensões analíticas fundamentais: os recursos, as estruturas sociais e a ação.

Para uma melhor compreensão do conceito de redes sociais, também utilizamos a noção de Elias (1994, p. 35), para quem podemos pensar a sociedade como uma rede de tecido (ou seja, uma metáfora, como assinala Mercklé), ao mesmo tempo rígida e elástica, formada por indivíduos ligados por laços invisíveis. Não podemos, entretanto, compreender essa rede a partir de sua totalidade, tampouco a partir dos nós individuais que formam essa totalidade, mas sim a partir da maneira como esses nós se articulam e interagem permanentemente – “a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca”. Já para Castells (2007, p. 566), “Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada novos nós, desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação”.

A utilização do conceito de redes sociais relacionada aos movimentos sociais no Brasil foi previsto já no início dos anos de 1990, como perspectivas de consolidação de atuação em redes de movimentos sociais, por autoras como Scherer-Warren (2009) e Gonh (2007), ou seja, num momento em que nem a internet nem as ARS estavam desenvolvidas neste país.

Resta verificar em maiores detalhes, tanto nos meios de comunicação de massa como na imprensa alternativa, os espaços de massificação, de uniformização, de consolidação de ideologias dominantes versus espaços de contestação das formas de dominação ou discriminação, de difusão de propostas alternativas de vida social, de novos valores universalizáveis de acordo com os interesses de novos atores coletivos mencionados, bem como o espaço para formação e comunicação das redes de movimentos. (SCHERER-WARREN, 2009, p. 25)

Segundo a autora, as redes sociais surgem como área temática nas ciências humanas desde os anos de 1940 se ocupando das relações interpessoais em contextos comunitários, mas seu desenvolvimento acontece apenas nos anos de 1970, quando

acontece o seu *boom*, principalmente na sociologia com as teorias dos novos movimentos sociais e a teoria da mobilização de recursos (SCHERER-WARREN, 2005). Ainda segundo essa autora, as configurações das redes sociais apresentam três dimensões essenciais para sua compreensão: a espacialidade, a temporalidade e a sociabilidade.

Para vários autores, a ARS, seguindo uma influência direta da teoria simmeliana, proporciona às ciências sociais a superação de uma velha e importante dicotomia existente, a relação entre agência e estrutura. A dualidade da teoria de Simmel (2006) e presente na ARS possibilita entender, através da dinâmica das práticas associativas, a existência de uma ponte ligando uma certa margem de liberdade das escolhas individuais, todavia relativamente restrita ou vinculada à estrutura social. Essa possível contribuição pode ser estendida à problemática dos movimentos sociais que, de diversas formas, também é atingida pelo dilema da agência e estrutura. Como instrumento metodológico, é importante ressaltar, como nos mostra Hanneman (2001), uma tendência de compreensão dos atores de forma global, incluindo suas posições e motivos de escolhas. A ARS direciona sua abordagem a uma compreensão holística. Este autor mostra ainda, como grande diferença entre a ARS e os métodos mais tradicionais nas ciências sociais, a transferência da análise dos atributos individuais para os fatores relacionais (os atores e suas relações).

Segundo Diani (2003b), há uma tendência, pensamento compartilhado por autores como Scherer-Warren (2006), de formação de redes de movimentos sociais. Essa ideia, para Diani, sustenta-se sobre três bases fundamentais: 1º, são formadas sob uma densa rede informal de intercâmbio de recursos práticos e simbólicos entre indivíduos e/ou organizações; 2º, o engajamento de atores para promover ou se opor a mudanças sociais ocasionados por um conflito político, cultural ou social; 3º, a formação de uma identidade coletiva, desenvolvida a partir das interpretações e narrativas que permite que os atores se identifiquem para além de uma campanha, evento específico, gerando um reconhecimento mútuo entre os atores.

Atores formalmente independentes que estão situados em contextos locais específicos (...), produzem identidades específicas, valores e orientações e perseguem metas e objetivos, estando ao mesmo tempo, ligados através de formas de cooperação concretas e/ou reconhecimento mútuo em processos que vão além da ação de protestos específicos. (DIANI, 2003b, p. 301)

O fato é que, para os estudiosos das redes sociais, conhecer as normas, crenças, preferências ou motivos de um indivíduo para um determinado comportamento coletivo não nos dá uma condição suficiente para compreender os resultados dessa ação, sendo necessário um modelo de como essas preferências individuais interagem e se agregam, levando em conta a dinâmica do coletivo, numa abordagem direta nas redes sociais e em seus padrões de comportamento. Essa abordagem de redes nos interessa especialmente porque, como mostramos na descrição de nosso objeto, a Marcha Mundial pela Paz e Não Violência foi construída totalmente a partir de redes estabelecidas com outros movimentos, organizações e com o Estado. As estratégias utilizadas para sua realização, assim como sua divulgação, foram efetivamente potencializadas através das redes sociais da internet. Inclusive por ocasião da realização da Marcha, o movimento criou uma rede própria: www.marchamundial.net.

Assim, a mobilização também não pode ser considerada exclusivamente do ponto de vista individual, pois mesmo que parta do indivíduo, ela se desenvolve nos processos de interação. Em sua crítica à teoria de mobilização de recursos, Melucci (2001) coloca que essa teoria, ao evidenciar que as expectativas são construídas a partir de uma avaliação das possibilidades e limites da ação e do ambiente, deixa explícita a necessidade de uma percepção e avaliação da situação e possibilidades dos atores, uma reflexividade, em outras palavras, da construção de identidades. Dito assim, Melucci faz uma inversão onde o processo mesmo de construção e manutenção da identidade coletiva, que corresponde às complexidades internas dos atores e sua relação com os outros atores, na base das negociações conflitos, é também a própria base para a criação de expectativas, do cálculo dos custos e benefícios da ação, sendo ela mesma, talvez, a principal motivação para ação.

Essas são apenas algumas das questões relacionadas ao problema das identidades relativas ao tema aqui estudado. Seja qual for a abordagem escolhida pelo investigador, ele terá que lidar com essas e muitas outras preocupações que, mesmo sem ser algo realmente novo nas ciências sociais, encabeçam as listas das principais questões dos movimentos sociais nas sociedades complexas. Nosso interesse segue em buscar uma trajetória, uma direção que valorize, explicita e analise tanto as contribuições individuais quanto coletivas, sem esquecer as tensões dessa relação, que entendemos como chaves para compreender a importância da busca e da construção das identidades nos movimentos sociais contemporâneos.

4 METODOLOGIA

Autores como Melucci (2005) e Schwandt (2006), entre outros, compartilham a percepção de que, a partir dos anos 1970, surgiu no mundo acadêmico um interesse crescente por aspectos relacionados à pesquisa social, sobretudo à investigação e à pesquisa qualitativa. Para Melucci, trata-se de um processo onde se combinam questões teóricas e práticas que caracterizam a situação contemporânea. Nesse processo se apresentam novas formas de levantar questões relativas a novos atores e novos campos de pesquisa ou mesmo abordam questões mais tradicionais de forma diferente, demonstrando uma conexão, uma relação direta entre o desenvolvimento da teoria, da metodologia e das práticas da pesquisa social.

A entrada em cena da pesquisa qualitativa coloca em xeque as diferenças e críticas entre os defensores das abordagens quantitativas e qualitativas. Ainda que pareça, a princípio, uma discussão infértil, ela demonstra por si só severas críticas aos modelos clássicos e tradicionais de pesquisas sociais, que carregaram um forte caráter positivista, empiricista, desengajado e que predominou por muito tempo nas ciências sociais.

É como se as práticas de tipo qualitativo tivessem aberto a estrada para uma redefinição do campo no seu conjunto e começassem a produzir uma mudança dos velhos limites que separavam quantidade e qualidade; como se tivessem começado a superar a herança dualística da modernidade e operassem como fatores de inovação por todo o campo da pesquisa social. (MELUCCI, 2005, p. 32)

O novo enfoque recoloca e reorienta os interesses passando da capacidade de testar hipóteses generalizantes, sob um processamento de dados cada vez mais sofisticado desenvolvido pelos métodos quantitativos, a uma busca pelas relações práticas localizadas no cotidiano e envolvendo os mais distintos atores e grupos sociais na pesquisa qualitativa. Segundo Schwandt,

Investigação qualitativa é a denominação de um movimento reformista surgido no início dos anos 1970 no meio acadêmico. O movimento abrangeu múltiplas críticas epistemológicas, metodológicas, políticas e éticas da pesquisa científica social em campos e disciplinas que favoreceram estratégias de pesquisa experimental, quase experimental, correlacional e da pesquisa feita através de levantamentos. (SCHWANDT, 2006, p. 193)

Dessa forma, a pesquisa qualitativa coloca em cena a possibilidade de se trabalhar com distintos objetos, campos e bases epistemológicas, “assim é melhor entendermos a investigação como um terreno ou uma arena para a crítica científica social, do que como um tipo específico de teoria social, metodologia ou filosofia” (SCHWANDT, 2006, p. 194).

Este recente interesse pela pesquisa qualitativa pode estar relacionado de alguma forma às abordagens de diferentes perspectivas que incluem conceitos e experimentos, assim como experiências e atores distintos que envolvem as próprias práticas sociais no contexto onde os atores e pesquisadores estão inseridos. “A pesquisa é uma prática de observação que coloca em relação ação, linguagem e vida cotidiana dos sujeitos” (MELUCCI, 2005, p. 41). Melucci questiona como e de onde vem o interesse pelas pesquisas qualitativas, uma vez que elas vão de encontro à hegemonia do pensamento científico, enfrentando problemas de objetividade, de legitimidade e validade, entre outras coisas, pelo caráter experimental dos métodos e técnicas. Para o autor, os processos gerais que caracterizam as sociedades modernas nos dão as pistas necessárias para analisarmos esse recente movimento que sinaliza e acentua o interesse pela pesquisa qualitativa.

Segundo Melucci, essas transformações que caracterizam as complexidades das sociedades contemporâneas, acompanhadas pelas abordagens que tentam dar conta delas segundo suas ênfases nas diferenciações, compreensões e interpretações, são responsáveis por essa virada epistemológica, caracterizada acima de tudo pela importância da linguagem. A centralidade da linguagem, que passa a ser localizada, situada, definida em tempo e espaços específicos, impulsiona uma redefinição total da relação pesquisador e objeto, estabelecendo posicionamentos claros e diretos dentro das relações sociais e nas produções de conhecimento. Dessa forma, essa produção do conhecimento jamais poderia ser absoluta, visto que é contextualizada, particularizada, expondo no máximo interpretações plausíveis, ou ainda, interpretações localizadas sobre como os atores interpretam a própria ação e onde se valorizam aspectos antes omitidos ou não valorizados, como o poder presente nas relações sociais e na própria relação pesquisador/objeto.

Nas teorias interpretativas, construtivistas e na hermenêutica, a pesquisa qualitativa encontra terreno fértil para seu desenvolvimento. Basicamente essas três correntes intelectuais são responsáveis por uma visão que privilegia a necessidade de investigações qualitativas que deem conta de dimensões subjetivas, que compreendam o

sentido das ações nas relações cotidianas dos sujeitos/atores ou dos pesquisadores/consumidores. Esse contexto demonstra uma das razões pelas quais escolhi a abordagem qualitativa, pois este estudo privilegia essa dimensão subjetiva, uma vez que estou interessada nas opiniões, sentimentos, impressões dos membros do Movimento Humanista. É importante lembrar que essas abordagens redefinem os espaços de atuação e localização na relação pesquisador e objeto, gerando um outro nível de consciência e relação entre eles. Nesse ponto, parece consenso que essas mesmas teorias recebem uma importante contribuição das pesquisas de gênero e da epistemologia feminista, que valorizam a posição e a relação entre os atores/objetos.

A objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, mas não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto. Desse modo podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver. (HARAWAY, 1995, p. 21)

Haraway sugere, portanto, uma forma de ver a partir da periferia, do ponto de vista dos subjugados. Mas isso não é uma coisa fácil, é algo problemático, ainda que “nós habitemos o grande terreno subterrâneo dos saberes subjugados” (HARAWAY, 1995, p. 23). Essa visão pode permitir uma negação do núcleo crítico e interpretativo de todo o conhecimento, ao mesmo tempo em que oferece uma crítica aos relativismos e holismos. “Quero argumentar em favor de uma objetividade que privilegie a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e esperança na transformação dos sistemas de conhecimento e nas maneiras de ver” (Ibid, p.24). Segue a proposta de um conhecimento transformador, do controle rigoroso e de uma firme avaliação crítica da realidade objetiva.

Além disso, Haraway sugere a adesão a posicionamentos móveis e ao “distanciamento apaixonado” para se chegar ao ponto de vista dos subjugados, tendo em vista que esta posição não é inocente nem escapa das relações de poder e mesmo do desejo de ocupar o lugar do dominador. Assim a compreensão, ou o ver bem, está condicionado a processos interpretativos, mediados, críticos e móveis. A visão dos subjugados precisa ser decodificada, desconstruída e interpretada, pois “Não se pode ser uma célula ou uma molécula – ou uma mulher, pessoa colonizada, trabalhadora e assim por diante – se se pretende ver e ver criticamente desde essas posições. Ser é muito mais problemático e contingente” (HARAWAY, 1995, p. 25).

A importância e influência da epistemologia feminista, muito acentuadas no texto de Haraway (1995), colocam em evidência a dimensão ideológica e as relações de poder, presentes nas relações sociais e na construção do conhecimento, levando, assim como a pesquisa qualitativa, a importância do local e específico na formulação e construção do geral, fazendo uma crítica direta à maneira positivista de fazer ciência. Sem dúvida, a epistemologia feminista contribui não só por apresentar a necessidade de outras práticas de pesquisa, mas também no diálogo e construção de outras epistemologias. Também estabelece uma relação com a teoria dos Novos Movimentos Sociais, utilizada neste estudo, valorizando as diferenças, as pluralidades, a justiça e o reconhecimento social presentes nas lutas cotidianas e locais.

Mas, Melucci indica alguns problemas que permeiam essas abordagens reflexivas que devem ser levados em consideração e merecem uma preocupação e questionamento constante: o primeiro deles refere-se à relação entre realidade e representação, ou de realidade e subjetividade que desemboca sempre na capacidade dessas abordagens desenvolverem um conhecimento objetivo ou legítimo. Outro problema é a possibilidade constante de uma extensa pluralidade de interpretações que pode levar a um relativismo que desautoriza a elaboração de conceitos e consensos, já que nada pode ser considerado exclusivamente verdadeiro, porque existem muitas e infinitas verdades. A própria flexibilidade constante pode gerar outras verdades em diferentes níveis, num processo sem fim. Cabe à sociologia estar atenta aos limites, riscos e obstáculos que este quadro apresenta.

De qualquer maneira, a discussão em torno das práticas das pesquisas e dos conceitos não se limita exclusivamente à pesquisa qualitativa, mas faz parte de uma nova concepção da pesquisa social e da epistemologia das ciências sociais. Atingem da mesma maneira a utilização das pesquisas quantitativas. Em uma ou em outra forma de pesquisa não se pode hoje deixar de evidenciar as relações culturais que implicam na compreensão e interpretação das ações e interações sociais expressas em narrativas, linguagens reflexivas que demarcam a relação e intervenção dos atores-pesquisadores nos contextos localizados onde se inserem. A ação e o sentido desta ação na vida cotidiana passam a ser indicadores de novas regras que produzem não só conhecimento, mas levantam, acima de tudo, questões relacionadas à própria forma de fazer ciência.

É como se a pesquisa qualitativa desenvolvesse a partir do seu acontecimento particular uma função geral, um pouco como aconteceu com o movimento de mulheres que colocou o problema da diferença

como problema geral a partir de sua condição específica. (MELUCCI, 2005, p. 33)

Essas questões também expressam uma responsabilidade que não se limita a transformação política, econômica, social e cultural, mas também a uma mudança que desafia a produção teórico-metodológica. Da mesma maneira, como a abordagem de tantos temas envolvidos nestes argumentos necessitam de uma nova atenção teórica, os movimentos sociais como agentes fundamentais neste cenário de construção social também desafiam a imaginação sociológica ao evidenciar um campo temático rico em possibilidades, clássicas ou emergentes, relacionadas às dinâmicas das relações sociais e/ou de movimentos teóricos (MUTZENBERG, 2011, p. 138). Dessa forma justifico a opção pela pesquisa qualitativa nesse trabalho, acima de tudo, por acreditar que ela nos oferece a possibilidade de fazermos novas escolhas, inclusive a liberdade de dar uma nova direção a nossas investigações científicas.

Para entender a possível relação existente entre a realização da Marcha Mundial pela Paz e Não Violência, o Movimento Humanista e a construção de sua identidade coletiva, pensei em utilizar um método misto, ou seja, trabalhar conjuntamente os métodos quantitativos e qualitativos. A ideia era fazer um cruzamento entre os dados quantitativos levantados através de um questionário com participantes da marcha e os dados qualitativos extraídos de entrevistas com os ativistas mais antigos do movimento. No desenvolvimento deste projeto, esta construção se mostrou muito ampla e inviável, visto que já havia se passado alguns anos da realização da marcha e, por se tratar de um evento mundial, não haveria outra forma de compor uma amostra mínima, que não incluísse participantes de outras regiões do Brasil e de outros países. Mesmo que fossem usadas técnicas e ferramentas de pesquisas online, por exemplo, as exigências dos métodos quantitativos demandariam tempo e recursos não disponíveis para esta realização. Além disso, as discussões em torno da necessidade de novas metodologias para o estudo dos movimentos sociais contemporâneos me fizeram decidir exclusivamente pela utilização da metodologia qualitativa.

4.1 Características do campo

Conheci o Movimento Humanista no final de 2008, quando uma amiga de São Paulo me pediu que ajudasse, com dicas de trabalho e moradia, um colega seu que havia se mudado para o Recife. Em nosso primeiro encontro, conheci um dos coordenadores do movimento na época e, após discorrermos sobre alguns poucos assuntos, ele não tardou em me falar do Movimento Humanista. Houve outros encontros e a cada um deles me impressionava o entusiasmo com que esta pessoa falava sobre o movimento e suas expectativas em desenvolvê-lo no Nordeste brasileiro. Também logo compreendi que sua vinda a esta cidade tinha um objetivo maior que não se limitava a oportunidades profissionais e me foi explicado claramente que se tratava de uma “missão” para desenvolver as atividades do movimento nesta região. A partir daí, chegaram muitos outros ativistas do movimento ao Recife, para apoiar o que começava a ser construído em várias partes do mundo: a Marcha Mundial pela Paz e não Violência.

Assim, por simpatia e curiosidade, não exatamente ao Movimento Humanista, pois na ocasião o conhecia muito pouco, mas à ideia de construção de uma marcha mundial preocupada com a questão da paz e a disseminação da não violência, comecei a frequentar as reuniões para organizar o evento nas cidades de Olinda e Recife. Até aí, nada espantoso para alguém que vive em um Estado como Pernambuco, com índices de violência alarmantes. Nossas atividades variavam na divulgação da marcha em escolas, universidades, eventos públicos e na busca por organizações privadas e públicas que pudessem ajudar nessa empreitada. Foi neste momento também que comecei a pensar mais seriamente na possibilidade de estudar a Marcha e o Movimento. Infelizmente o afastamento do meio acadêmico não me inspirou a registrar de maneira mais sistemática, como observadora participante, tudo que vivi e percebi durante toda a realização deste evento e o final dele em Puntas de Vacas, na Argentina, onde estive aproveitando as férias do início do ano em 2010.

Dessa forma, a minha relação com os atores sociais envolvidos no meu objeto de estudo, assim como em muitos outros projetos nas ciências sociais, apresenta-se como inevitável e próxima, e por isso mesmo exigiu uma série de cuidados para evitar distorções excessivas. Inevitável porque foi essencial para escolha e definição do objeto de estudo e próxima porque não se pode pensar no momento de interação entre o pesquisador e o ator social como algo inerte, estagnado, externo e pronto para ser

tratado com a devida neutralidade axiológica da qual falava Weber. Acredito que experimentamos um momento de interação e influências múltiplas, que pode afetar ambas as partes.

A relação entre pesquisador e ator social, em outros termos, pode construir não só uma fonte de problemas metodológicos, mas também uma oportunidade preciosa oferecida ao pesquisador (e, provavelmente, também ao mesmo ator social) para observar aspectos pouco evidentes do fenômeno em estudo e para colocar à prova, graças ao confronto com interpretações de sentido comum, os próprios esquemas explicativos (RANCI, 2005, p. 45).

A partir daí e para evitar problemas futuros, optei por assumir, de maneira honesta, transparente e explicitamente aos atores envolvidos o meu interesse pelo desenvolvimento de um projeto de pesquisa acadêmica sobre o tema e que, por isso mesmo, continuaria ajudando na construção da marcha, mas isso não significava que me tornaria uma ativista do movimento. Acreditava, com isso, tomar o cuidado necessário para manter, sob “um certo” controle, a relação futura entre pesquisador e objeto. Da mesma forma, evitar algum possível mal-estar que afetasse tanto a confiança dos atores envolvidos, quanto a autonomia necessária para o desenvolvimento de um projeto científico.

Para operacionalizar o meu projeto realizei entrevistas semiestruturadas, em profundidade, com integrantes do movimento. Autores como Richardson (2008) defendem a importância dessa técnica por nos proporcionar uma maior aproximação com os entrevistados, inclusive na forma como pensam, vivem e se definem. Acredito que a entrevista em profundidade, com um roteiro semiestruturado, nos possibilita uma forma de coleta de dados mais aberta, havendo flexibilidade para mudança na ordem das questões, de acordo com o próprio desenvolvimento da entrevista, sem prejudicar a fluência e a espontaneidade do entrevistado. Além disso, ela nos permite um aprofundamento em alguns aspectos e significados, tanto intencional e anteriormente previsto, quanto outros percebidos durante a entrevista e que de outra forma, como em um questionário estruturado e fechado, por exemplo, não poderiam ser explorados.

Foram realizadas onze entrevistas, das quais: duas pessoas de Pernambuco, embora uma resida atualmente em São Paulo; quatro pessoas de São Paulo; uma pessoa da Argentina; duas do Chile e duas pessoas da Colômbia, onde uma dessas entrevistas foi respondida conjuntamente por dois membros do movimento. Para preservar a identidade dos respondentes usarei apenas as iniciais dos entrevistados durante a análise

dos dados. De uma forma geral, foram seis respondentes do sexo masculino e seis do sexo feminino, com idades de 23 a 61 anos.

Inicialmente havia pensado em realizar doze entrevistas com os coordenadores dos conselhos no Brasil, Chile e Argentina, mas o movimento durante a realização da Marcha, e até hoje, passa por uma reformulação em seu quadro organizativo, de forma que esses conselhos já não existem em alguns países e essa tentativa inicial teve que ser alterada. Em seu formato atual, e como será mostrado na análise de nossos dados, o movimento se apresenta hoje mais horizontal, o que dificulta a identificação de lideranças e/ou coordenadores. Mesmo no caso dos organismos existentes, parece haver um consenso de que as coordenações são pró-forma e dificilmente eu encontraria pessoas capazes de poder falar, assumindo a posição de direção ou coordenação desses organismos. Percebi também que, dessa forma, perderia a perspectiva dos novos membros, que passaram a atuar no movimento a partir da realização da Marcha. Assim optei pela realização de nove entrevistas com membros do movimento que já atuavam antes da marcha, independente dos cargos exercidos e tentando diversificar, na medida do possível, entre os organismos ou grupos dentro do próprio movimento, e duas entrevistas com pessoas que tomaram contato e passaram a atuar no movimento a partir da Marcha.

Os entrevistados foram selecionados utilizando os contatos que eu estabeleci durante a minha participação na organização da Marcha no Recife e em Olinda, com vários membros do movimento do Brasil e da Argentina. A ideia era que a cada entrevista realizada o entrevistado pudesse me fornecer os contatos de dois membros mais antigos e um contato de alguém que entrou por ocasião da Marcha, seguindo o método *snowball*. Dessa forma, cheguei a receber em torno de 20 nomes e seus contatos por telefone, correio eletrônico, Skype⁹ e Facebook¹⁰. Desses vinte contatos, recebi uma recusa, quatro pessoas não responderam às minhas tentativas de contatos, duas tiveram dificuldades para responder as entrevistas durante o período do campo – mas se mostraram disponíveis em ocasiões posteriores – e duas foram descartadas para não concentrar nossas entrevistas na cidade de São Paulo e também por um esgotamento nos

⁹ *Skype* é um *software* que permite comunicação pela internet através de conexões de voz sobre IP (VoIP).

¹⁰ *Facebook* é uma rede social baseada na internet, que conta atualmente com mais de 1,2 bilhão de usuários no mundo.

resultados obtidos nesta mesma cidade, que apresentou um perfil e perspectivas bastante semelhantes.

As entrevistas foram realizadas entre o final de dezembro de 2013 e o início de março de 2014. O período se estendeu mais do que o previsto, pensado inicialmente em dois meses, por se tratar de uma época de férias e festas como Natal, réveillon e carnaval. Pela necessidade de entrevistas com pessoas de outros estados e países, nove dessas entrevistas foram realizadas pelo Skype. Em alguns casos, além da voz, utilizamos o vídeo através de *webcam*. Esta ferramenta, apesar de possibilitar a realização das entrevistas com boa qualidade de áudio e vídeo, também apresenta dificuldades características das pesquisas realizadas pela internet. As entrevistas foram muitas vezes adiadas ou interrompidas por problemas como: falta de energia, mal-entendidos com relação ao horário devido a diferenças de fusos existentes entre regiões e países e interrupções por falhas e quedas na conexão à internet.

Três dessas 11 entrevistas foram realizadas presencialmente, face a face, uma no Recife e duas em Bogotá, na Colômbia, o que me proporcionou conhecer uma sede compartilhada por vários organismos do movimento naquela cidade. Nestas entrevistas da Colômbia tive a ajuda de uma amiga, doutoranda em sociologia e que também realizou uma das entrevistas no Brasil via Skype, porque dois entrevistados agendaram suas entrevistas para o mesmo dia e horário, fora dos quais não haveria outra disponibilidade. Obviamente depois de discutirmos meu roteiro, metodologia, objeto e objetivos. O projeto inicial previa a realização de entrevistas pessoais e presenciais com praticamente metade da amostra, mas com a desativação ou suspensão do projeto de construção do Parque de Estudos e Reflexão Igarassu, a frequência dos membros do movimento em Pernambuco, que antes era intensa, tornou-se esporádica ou quase inexistente, inviabilizando nossas tentativas face a face.

A escolha dos países para realização das entrevistas obedeceu critérios simples: o Brasil por ser um país onde o movimento está se desenvolvendo e pelos contatos que estabeleci com os ativistas; a Argentina por ter sido o local de origem do movimento; o Chile por ter uma forte atuação do movimento, inclusive com a participação do Partido Humanista em eleições presidenciais; e finalmente a Colômbia, pelo destaque que este país teve durante a realização da Marcha, seu histórico de conflitos sociais e políticos e oportunamente, para aproveitar minha passagem por este país durante o período do campo.

Na análise das entrevistas, utilizarei o método da análise de discurso. Segundo Fairclough (2001, p. 275), não haveria um esquema ou procedimento fixo para se fazer tal análise. “As pessoas abordam de diferentes maneiras, de acordo com a natureza específica do projeto e conforme suas respectivas visões do discurso”. A ideia é entender, a partir da prática discursiva dos entrevistados, como eles percebem o MH e a realização da Marcha Mundial pela Paz e Não Violência, relacionando sempre com a reflexividade as questões presentes nas teorias das identidades coletivas. No capítulo seguinte nos dedicaremos à análise de nosso campo.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Perfil do campo

Tendo em vista a complexidade que envolve o Movimento Humanista, em suas várias ramificações e atuações, tentamos diversificar o perfil dos nossos entrevistados com o objetivo de dar uma maior abrangência ao campo e tentar comportar, da melhor forma possível, as nuances que envolvem os atores, suas formas de atuação, organização e propostas desse movimento.

Como foi dito antes, com a suspensão nos últimos anos da construção do Parque de Estudo e Reflexão de Igarassu, o Estado de Pernambuco deixou de receber, com a mesma frequência e volume, as visitas de humanistas que antes estavam empenhados neste projeto que será melhor explicado posteriormente. Este fato inviabilizou a ideia de entrevistar mais pessoas, inclusive pessoalmente, diversificando os entrevistados segundo organismos, idades, sexo etc. Seguindo o método *snowball*, com as facilidades e as limitações que as pesquisas na internet proporcionam, conseguimos entrevistar um grupo de ativistas que, de alguma forma, nos permite dizer que é diversificado. Com o objetivo de proporcionar uma visão mais geral e, ao mesmo tempo, identificar o perfil de nossos entrevistados, apresentaremos algumas tabelas com as suas características mais gerais (para uma panorama mais completo, ver Anexo 2).

Tabela 2 – Perfil dos entrevistados por idade, sexo, grau de instrução e profissão

Entrevistados	Idade	Sexo	Grau de instrução	Profissão
C.P.	39	Feminino	Superior	Administradora
A.S.	40	Masculino	Superior	Jornalista
E.M.	32	Masculino	Superior	Professor
F.M.	41	Feminino	Superior	Jornalista
M.P.	25	Feminino	Superior	Estudante
W.L.	23	Feminino	Superior	Jornalista
D.E.	61	Masculino	Superior	Engenheiro
P.F.	61	Feminino	Superior	Intérprete
P.G.	49	Masculino	Superior incompleto	Desempregado
D.N.	61	Masculino	Superior	Engenheiro
A.S.W.	35	Masculino	Superior	Administrador
C.U.	56	Feminino	Superior	Professora

Fonte: Pesquisa direta.

Considerando que o movimento começou no ano de 1969, tentamos buscar diferentes faixas etárias e sexo com o objetivo de identificar possíveis diferenças de percepções e atuações. Assim, contemplamos todas as faixas etárias entrevistando ativistas que estão desde o ano inicial do movimento e que de alguma forma participaram de toda a história dele e também entrevistamos duas pessoas que passaram a participar do movimento a partir da realização da Marcha. Tomamos o mesmo cuidado com relação ao sexo dos entrevistados, pensando em possíveis diferenças nas experiências relacionadas ao gênero, entrevistando ao final, seis homens e seis mulheres. Mas no decorrer de nossas análises observamos não haver grandes diferenças nas respostas dos entrevistados com relação a essas duas categorias iniciais.

Observamos que esses ativistas possuem um grau de instrução elevado. Quase todos possuem nível superior completo, embora nem sempre trabalhem atualmente em suas áreas de formação. Nessa questão é interessante observar que apenas um entrevistado não possui nível superior e trabalho regular. Na verdade, ele estava desempregado por ocasião da entrevista. No decorrer de nossa análise, observamos que esta situação pode ter uma relação direta com a atuação deste ativista no movimento. Mesmo assim, esse entrevistado iniciou o curso de Direito e o abandonou, mais ou menos no mesmo período em que conheceu o Movimento. Dos entrevistados, ele é a pessoa que mais participou de missões, tendo circulado por muitos países e continentes trabalhando em prol do movimento.

P.G.: Tenho o ensino superior incompleto fiz até o segundo ano de direito aqui na universidade de Buenos Ayres... eu estou regressando do Brasil, depois de 10 anos morando lá em São Paulo, lá tava trabalhando numa pequena metalúrgica e agora estou regressando e estou numa fase de instalação né, há 30 anos que fui embora daqui então estou regressando, estou começando a construir meu barraco, construindo minha casinha e daqui ha um mês preciso encontrar um trabalhinho para me sustentar.

Tabela 3 – Perfil dos entrevistados por país, cidade, ano que ingressou no movimento e organismo/grupo em que atua

Entrevistado	País	Cidade	Ano de entrada no MH	Organismo/área em que atua
C.P.	Brasil	São Paulo	2001	Mensagem de Silo
A.S.	Brasil	São Paulo	1990	Mensagem de Silo
E.M.	Brasil	São Paulo	1999	Centro Mundial de Estudos Humanistas
F.M.	Brasil	São Paulo	1990	Mensagem de Silo
M.P.	Brasil	Recife	2009	Nenhum
W.L.	Brasil	Olinda	2009	Mensagem de Silo
D.E.	Chile	Santiago	1971	Mensagem de Silo
P.F.	Chile	Santiago	1969	Pressenza e Partido Humanista
P.G.	Argentina	La Pampa	1982	Partido Humanista
D.N.	Colômbia	Bogotá	1974	Mundo Sem Guerras e a Comunidade
A.S.W.	Colômbia	Bogotá	2004	Partido Humanista
C.U.	Colômbia	Bogotá	1977	Mensagem de Silo

Fonte: Pesquisa direta.

A Tabela 3 demonstra um dos recortes que tentamos fazer para ter uma compreensão mais ampla das formas de atuação do Movimento Humanista. Como explicamos anteriormente, tentamos focar parte de nossas entrevistas nos dois países em que ele está mais presente – Argentina e Chile, o primeiro por ser o país de origem do Movimento. O MH foi fundado justamente na fronteira da Argentina com o Chile, na Cordilheira dos Andes, onde Silo refugiava-se, fugindo da ditadura militar argentina. O Chile foi um dos primeiros lugares para onde o movimento rapidamente se expandiu e é muito forte hoje, inclusive chegou a lançar candidaturas próprias em eleições presidenciais¹¹. O Brasil foi escolhido por ter sido aqui o espaço onde tomamos contato

¹¹ Em 2005 os jornais apontavam que a candidatura de Tomás Hirsch à presidência do Chile pela coalizão dos partidos de esquerda Juntos Podemos Mais, que reunia o Partido Humanista, Comunista, a Esquerda Cristã, além de grupos de ecologistas, indígenas e sindicalistas, possuía 7% da preferência dos eleitores chilenos. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u90342.shtml>>. Último

com o Movimento e onde presenciamos um esforço muito grande dos ativistas em expandi-lo, como a chamada “Missão Nordeste”, realizada em Pernambuco e que analisaremos melhor mais adiante. Também levamos em consideração o fato de termos presenciado e participado da realização da Marcha neste Estado. A Colômbia surge nesse mesmo contexto do Brasil, onde até hoje existem esforços muito grandes de expansão do movimento e também por apresentar, assim como o Brasil, dados alarmantes de violência e, mais especificamente, um constante e desastroso conflito armado.

Este recorte geográfico se apresentou mais significativo em nossas análises por ajudar a compreender certas tendências e mudanças no Movimento e na atuação dos membros. A ideia inicial era entrevistar seis pessoas no Brasil, quatro membros com atuação mais antiga e dois que entraram no Movimento a partir da Marcha. Nos outros países pretendíamos entrevistar duas pessoas em cada um deles. Infelizmente, nossas tentativas de contato com os ativistas na Argentina, por diversos motivos, não obtiveram sucesso e, no caso da Colômbia, acabamos por optar em apresentar três perfis porque uma das entrevistas foi respondida por duas pessoas. A entrevista havia sido agendada com a entrevistada C.U., mas ao chegar no local combinado, observamos que a entrevistada pretendia transferir a entrevista para outras pessoas do movimento. Por outro lado, ela demonstrava um interesse muito grande em mostrar tudo que fosse possível sobre o MH na Colômbia. Assim, nos apresentou vários humanistas que poderiam compor perfeitamente a história do movimento naquele país, uma sede compartilhada de vários organismos e um projeto educacional que ajudavam a tocar. Depois de explicar que gostaríamos de entrevistar apenas uma pessoa, até porque a essa altura já havíamos realizado outra entrevista na cidade de Bogotá, a entrevistada elegeu A.S.W. por ter participado da equipe base da Marcha em alguns países, inclusive no Brasil e por ser o coordenador do projeto educacional que me apresentaram, como sendo a pessoa que deveria participar da entrevista. Ainda assim, C.U. permaneceu e participou respondendo nossas perguntas.

Como as faixas etárias foram diversificadas, acreditamos que isso tenha possibilitado também uma maior diversidade quanto ao ingresso dessas pessoas em diferentes épocas do Movimento. Nossa intenção era identificar se a escolha pela área

de atuação atual dentro do Movimento estava relacionada ao período de entrada, o que acabou por não se confirmar. Nosso leque de entrevistados contempla pessoas que estão no Movimento, pelo menos uma (P.F.), desde sua fundação até ativistas que entraram no Movimento no ano de 2009. É o caso das entrevistas com M.P. e W.L..

No capítulo 2 tentamos descrever brevemente o contexto latino-americano para compreendermos os movimentos sociais que surgiram no período de formação do MH, as formas, ideologias e mesmo as motivações para o ingresso de atores em movimentos de transformação social. As experiências latino-americanas com as ditaduras militares, o desejo de redemocratização e, principalmente, a necessidade de mudança social que caracterizaram os movimentos sociais entre os anos 1960 e 1980 demonstrados por Gonh (2004), Scherer-Warren (2005), Mutzenberg (2011) e Cardoso (1986), também estão presentes nos relatos de nossos entrevistados. Os estrangeiros deixam claro que os ativistas compartilhavam de uma mesma percepção e preocupação com a realidade político-social, assim como a busca por mudanças.

Para a entrevistada chilena P.F. “nada do que o sistema me oferecia me confortava, eu sentia necessidade de um mundo novo, o fracasso das expectativas me deixava em situação de busca e as opções que tinha à mão iam desde a droga ao terrorismo armado, passando por uma viagem a Katmandu, a psicanálise ou a teologia da libertação”. Este trecho faz parte de um livro de autoria da entrevistada.

D.N.: Estávamos numa época muito inquieta a toda essa onda de mudança que tinha nos anos 60... Os anos 60 e 70 foi uma época de muitas mudanças, não somente na música, que nos dizia que as pessoas passavam por muitas mudanças, como sabes se impulsionou e se criou uma maneira distinta nessa época... a sexualidade mudou, a sexualidade que tínhamos antes dos anos 60 passa a ser praticamente da liberdade sexual e o tema era a paz na terra... e havia os movimentos negros, sobretudo nos Estados Unidos com Martin Luther King e todas essas coisas e o que acontecia na Índia, o que estava acontecendo em nível global... Havia uma espécie de força em andamento que corria o mundo com esta visão.

A forma como os entrevistados tomaram contato com o movimento ainda revela alguns aspectos interessantes, pois em seus relatos muitos ressaltam que estavam em processo de uma busca por militância em movimentos sociais, partidos ou mesmo em religiões. Os entrevistados demonstraram uma busca individual por uma participação em grupos e, em muitos casos, para atuar coletivamente em prol de transformações

sociais. Esta fala aparece com muita força principalmente entre os ativistas com mais de 40 anos, sobretudo entre os argentinos e chilenos.

P.G.: Eu tava terminando o colegial no ano de 1982, coincidia com a saída, com o fim da última ditadura militar e o meu pique, a minha vontade, a minha necessidade era me expressar no social, era muito forte, eu tava a procura de algum movimento que se afirmasse. Bom, andando pelas ruas de Buenos Ayres encontrei o pessoal do Movimento Humanista que estava juntando adesões para que o serviço militar fosse optativo, não mais obrigatório. A gente vinha de pouco tempo atrás com muitas mortes de moleques, de adolescentes por causa dessa doideira da guerra das Malvinas.

D.E.: Eu conheci o movimento na década de 70, mais exatamente em 1971. Saindo da minha universidade, não, que universidade? Saindo de meu colégio no Chile, na época de Salvador Allende, com uma forte consternação que vivíamos em toda sociedade e ocorriam os primeiros anúncios de que a situação iria mudar muito com a ditadura militar.

A forma como esses entrevistados dizem ter tomado contato com o movimento já revela algumas ações e estratégias para atrair simpatizantes em escolas e universidades. Na Argentina, estavam em campanha pela não obrigatoriedade do serviço militar por ocasião da guerra das Malvinas. No Chile, estavam em campanha nas universidades preocupados com a situação política do Governo Allende e a possibilidade de um golpe militar. Já Colômbia e Brasil não apresentam essa preocupação com o contexto político. As aproximações se deram no campo com os projetos de expansão do Movimento desenvolvidos em comunidades e bairros. Alguns tomaram contato através de um projeto na área de educação. São poucos os relatos dos que tomaram contato com o Movimento através de redes sociais primárias, baseadas em família e amigos, ou seja, em laços fortes.

C.P.: Conheci o Movimento Humanista quando tava fazendo minha pós-graduação em educação aqui. Eu procurava um movimento social que me desse a oportunidade de fazer um voluntariado. Então eu procurei várias organizações aqui em São Paulo e me interessei muito por um projeto social voltado para educação que o Movimento Humanista fazia aqui na periferia em vários núcleos de educação inclusiva. E era gratuito, tinha pré-vestibular.

W.L.: Fiquei sabendo pela Marcha, num evento (de divulgação da Marcha) na Secretaria de Educação eu tomei esse contato com o pessoal do Movimento.

Parece que, como esses entrevistados entraram muito jovens no Movimento, poucos participaram de outros grupos, partidos políticos e mesmo religiões. Mas, como apontam os relatos, eles compartilhavam uma “busca” por engajamento coletivo ou espiritual, buscando algo em que acreditar para transformar a sociedade e se identificar pessoalmente. Alguns deles já tinham participado, ainda que rapidamente, do movimento estudantil, da UJS (União da Juventude Socialista), do movimento *punk* e também de grupo jovem da igreja. Isso no Brasil porque, nos outros países, os entrevistados entraram direto no Movimento Humanista. Encontramos essa busca em vários depoimentos.

Já com relação à participação em partidos políticos, nenhum entrevistado participou seriamente de outro partido a não ser o Partido Humanista. Alguns tiveram ou tentaram uma aproximação com partidos políticos de esquerda no Brasil, como o Partido dos Trabalhadores e o Partido Comunista Brasileiro, ou com o governo de Salvador Allende no Chile, mas ninguém alegou filiação ou uma atuação mais efetiva. Houve também quem expressasse repúdio a partidos políticos no momento da entrevista ou antes de entrar no Movimento, ainda que pareça contraditório, visto que o Movimento contempla a existência de um partido. Isso reflete um pouco uma tendência que se percebe nos movimentos sociais contemporâneos: uma certa recusa às formas institucionais de atuação e a vinculações partidárias.

D.E.: Não participava. Eu era simpatizante dos movimentos de esquerda, meus amigos estavam muito comprometidos com o governo Allende, esse era meu mundo digamos...

W.L.: Partido político, eu sempre fui contra partidos então no caso eu não nunca participei.

Quando se trata de religiões, observamos os mesmos relatos de buscas individuais que parecem ter sido resolvidas com a entrada no Movimento Humanista. Houve quem já frequentou grupos jovens da Igreja Católica, grupos de meditação, budismo, mas também sem muito envolvimento, como experimentações na busca de um encontro com algo em que eles realmente acreditassem.

C.P.: Eu procurava muito né e tive participações pequenas, eu mudava muito de cidade e cada cidade que eu ia, eu ia procurar quais eram as igrejas que tinham na cidade, eu tinha de frequentar todas pra saber.

W.L.: Então antes eu tava meia desesperada... minha mãe cada hora tava numa religião, em alguma coisa, então eu cresci sem saber o que eu podia buscar né, e aí ficou sempre muito confuso e agora que eu tô conseguindo formar os meus guias e que é até o próprio Silo... e outros como o budismo, eu frequentei várias coisas, até umbanda mesmo, é que me faziam bem.

P.G: Não, eu tava a procura né, já tinha andado um pouco por algumas religiões de corte místico, sei lá, tipo budismo, hinduísmo, tinha dado uma mergulhada, algumas práticas, algo de meditações.

O encontro com o Movimento Humanista parece ter resolvido a busca que os entrevistados experimentavam que, no mesmo grupo, conseguiram resolver seus dilemas de atuação coletiva, busca religiosa e a participação política. Não que todos estivessem buscando esses três pilares, mas em nenhum relato observamos qualquer crítica a nenhuma dessas instâncias dentro do movimento, pois mesmo quem relatou ser avesso a partidos políticos, pouco tempo depois de entrar no Movimento Humanista começou a trabalhar na promoção do Partido Humanista.

Atualmente, as expectativas dos entrevistados com o Movimento Humanista estão muito ligadas ou direcionadas aos organismos em que atuam. Esses organismos parecem seguir uma orientação que independe do país de atuação do ativista. No Brasil, a maioria dos entrevistados está na Mensagem de Silo, que tem um caráter mais espiritual e que não é um organismo. Estão interessados em organizá-la e expandi-la. No Partido Humanista, o interesse é por sua legalização, como na Colômbia. Na Argentina, apuramos um esforço particular de nosso entrevistado na construção do Parque La Pampa, sua terra natal. Temos também os esforços de novas missões no Chile e pela legalização de mais um grupo do Movimento que é a *Pressenza*¹². Na Colômbia, temos as expectativas de construção do Livro Laranja (são as análises e propostas de ação dos Partidos Humanistas nacionais), como base para legalização do Partido Humanista. No Brasil, fora a expectativa de desenvolvimento de seus grupos, damos destaque a uma tentativa de publicação da entrevistada W.L, pelo grupo da Mensagem, de um livro de desenho baseado na cultura mangá (nome dado a histórias em quadrinhos de origem japonesa), bastante apreciada pelos jovens.

¹² *Pressenza* é uma agência internacional de notícias especializada no tema da paz e não-violência, com escritórios em Milão, Roma, Londres, Paris, Nova York, Madri, Buenos Aires, São Paulo e Hong Kong. Disponível em: <<http://www.pressenza.com/pt-pt/>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

C.P.: Então eu queria linkar esse tema espiritual com as questões sociais, é um desafio grande, mas eu acredito que só a pessoa aprofundada nela mesma, em seu sentido espiritual maior de romper a violência real dentro dela é que a situação do mundo vai ser realmente não violenta.

D.E.: É atuar na Mensagem de Silo e uma ação social até a reconciliação das culturas, estou levando adiante um projeto em Israel, levando a Mensagem de Silo a Israel e à Palestina e quero fazer o mesmo aqui no Chile, tratando de ser possível a comunicação entre a cultura mestiça chilena e os povos indígenas, que há um forte conflito e violência e me parece que temos que realizar ações em busca da unidade dos povos.

Nota-se que nesses depoimentos que há um desejo expresso de expandir as atividades da Mensagem de Silo, de cunho espiritual, e ao mesmo tempo os ativistas expressam a vontade de continuar realizando projetos sociais, ou pelo menos tentar encontrar uma forma unificada de atuação, o que, ao que parece, apresenta-se como um desafio.

5.2 O Movimento Humanista – Formas de atuação e organização

Como explicado anteriormente, o Movimento Humanista é composto por cinco organismos e dois grupos. No quadro abaixo tentamos explicar em linhas gerais o que são esses organismos e grupos.

Tabela 4 – Organismos e grupos do Movimento Humanista

Organismos e grupos	Definições
Partido Humanista	Suas propostas partem da necessidade de liberdade que os seres humanos sentem e apontam para a transformação e superação social da violência que, nas suas diferentes formas, gera sofrimento e contradição nos indivíduos e povos.
A Comunidade	É o estudo, o desenvolvimento, a difusão e a instalação de uma nova cultura apoiada nas ideias fundamentais do Humanismo Universalista.
Centro Mundial de Estudos Humanistas	É uma organização dedicada ao estudo, investigação e difusão do pensamento e visão do Humanismo Universalista, assim como à sua aplicação aos problemas da sociedade e da ciência atuais. Auspícia qualquer tendência para o desenvolvimento do conhecimento, acima das limitações impostas ao saber por preconceitos aceitos como verdades absolutas e imutáveis, promovendo o pensamento estrutural, dinâmico, relacional e crítico.
Convergência das Culturas	Propõe-se a facilitar e estimular o diálogo entre as culturas, lutar contra a discriminação e a violência e levar a sua proposta a todas as localidades.
Mundo sem Guerras e sem Violência	É um movimento social cujo objetivo é a criação de uma consciência não-violenta mundial.
Mensagem de Silo	É expressão do "Profundo", da interioridade do espírito humano, capaz de transcender o cotidiano. É o meio capaz de por-nos em presença do Sagrado. Chegará a todos os rincões do mundo porque toca os corações precisados de sentido afeto e esperança.
Pressenza	É uma agência de imprensa internacional especializada em notícias sobre paz e não-violência.

Fonte: Sites dos organismos e grupos na internet.

As definições da Tabela 4 foram extraídas dos sites de cada um desses organismos, da Pressenza e da Mensagem de Silo. Observamos que os organismos buscam atuar nos diversos âmbitos na sociedade, no social, político, cultural, etc. Funcionam como braços operacionais do movimento. Em seus sites, observamos um formato institucional, com cargos e direção eleita pelos ativistas. Segundo a percepção de alguns entrevistados, eles são necessários por constituir entidades jurídicas e por proporcionar uma visibilidade concreta ao Movimento.

C.P.: O mundo como começou o movimento humanista em 1969 já não é o mesmo e se você coloca essa ideia, essa filosofia, sem esses braços muito bem fincados na realidade atual da sociedade que é ter um organismo, que é ter um CNPJ, ter uma missão clara de atuação, você fica meio imperceptível, muito irreal na sua inserção.

Porém, a maioria dos entrevistados afirma que essa estrutura institucional não representa exatamente a forma como o Movimento se organiza e funciona hoje, depois de uma mudança ocorrida por ocasião da realização da Marcha. O que se percebe é que existe um esforço entre os humanistas para construir um movimento descentralizado, horizontal, sem líderes, onde cada ativista se sinta autônomo para agir. Mas essa atuação, via organismos, reforça a concepção de Gohn (2004) de que a institucionalização não descaracteriza um movimento social.

E.M.: No início havia uma forma de organização interna que era um tanto quanto hierárquica, o Movimento se organizava por conselhos que a gente chamava. Esses conselhos tinham orientadores e outras duas figuras que junto com o orientador coordenavam equipes muito grandes, então passada a Marcha Mundial o Movimento deu início a uma nova forma de organização muito mais anárquica, muito menos hierárquica, foi organizar, se estruturar por núcleos, núcleos bastante descentralizados.

F.M.: Hoje o que eu quero dizer é isso, tá se tornando mais plural, até acompanhando um pouco o que acontece na sociedade.

C.U.: Mudou, ficou mais aberta, porque se supõe que os humanistas buscam que cada pessoa seja autônoma.

No relato de E.M. e de outros entrevistados brasileiros fica claro que, antes da Marcha, o formato organizacional do movimento contava com conselhos de base, que aqui no Brasil não existem mais. Também não foram identificados nas entrevistas da Argentina e Colômbia. Mas no Chile os entrevistados demonstraram, inclusive, um certo orgulho em falar que o movimento se organiza através das suas estruturas de base. Nesse país os conselhos ainda existem, mesmo que também expressem a preocupação com a transformação da estrutura anterior, centralizada.

D.E.: Eu te diria que a organização do movimento está tentando reformular-se com base na coordenação dos conselhos de base, estão tentando não ter uma estrutura centralizada, como foi sua primeira etapa, mas que está buscando uma forma de organização de base de forma muito descentralizada... Eu te diria que o movimento funciona nesse momento com base em seus organismos, onde há uma organização mais precisa, está nos organismos do Partido Humanista, no Centro das Culturas, na Comunidade para Desenvolvimento Humano, no Mundo Sem Guerras. Esses organismos têm sua organização e sua forma de ação, mas os conselhos de base atuam de acordo com seus interesses, de acordo com suas necessidades, não respondendo a um líder central.

P.F.: A forma organizativa de todos os 5 organismos nossos é igual. A forma é de base, conselhos de base descentralizados e tanto no Partido, como no Centro de Estudos, como na Comunidade, como no Mundo Sem Guerras, na Convergência das Culturas, em todos os organismos se formam os conselhos de base, por temas ou por lugares... E uma vez ao ano ou a cada dois anos, entre todos os conselhos de base de um país, se elege uma equipe que coordena, que não é uma liderança, é uma coordenação, e também a cada 2 anos se elege, entre todos os conselhos de base do mundo, uma equipe que coordena internacionalmente, que não é uma liderança, é uma coordenação.

O fato que já aparece nesses relatos de forma explícita é a necessidade de eliminação das lideranças através da descentralização. Segundo Laraña (1994), uma das características dos novos movimentos sociais é a organização, que tende a ser difusa e descentralizada. Essa característica é o elemento de “autorreferência” desses movimentos. As formas de liderança tendem a ser flexíveis e pouco profissionalizadas, com foco no local. Isto fica claro até mesmo nos relatos dos chilenos, que ainda trabalham com os conselhos de base. É um esforço para mudar uma estrutura mais rígida e hierárquica que existia no funcionamento desses conselhos antes da Marcha e explicada no relato abaixo.

C.P.: A questão do líder, quando começou a questão dos conselhos, o conselho 1 era o conselho que era orientado pelo Silo, depois que fez um x de conselhos básicos que começaram a fazer seus trabalhos, acredito que 12 conselhos ou 15, não lembro, o Silo se afastou dessa questão organizativa e disse: gente, agora eu vou me aprofundar num outro projeto que estou fazendo que depois a gente foi saber que era a Mensagem de Silo e essa orgânica dos conselhos funcionou durante um tempo e depois a gente percebeu que ela também não tava mais funcionando.

Apesar dessa recusa atual à formação de lideranças no Movimento Humanista, é inegável a importância e influência do seu mentor e fundador, Silo, ao qual os entrevistados não gostam de se referir como líder, mas pelo que apontam nossos dados, influenciou e parece ainda influenciar, passada a sua morte em 2010, em muitas decisões do movimento. Assim, alguns relatos indicam que essa decisão de mudança na organização não foi necessariamente uma construção coletiva do Movimento. Pode, antes, ter sido uma decisão de Silo.

A.S.: cada organismo se organizava da forma que é possível... Quem era a grande referência, nossa principal, era o Silo né, ele faleceu em 2010.

A.S.W.: Silo funda o Movimento Humanista e Silo sempre foi como um orientador, Silo dizia que essa estrutura já não... Por que não tem necessidade que haja um chefe ou alguém que te diga faça isso, não, cada um deve saber o que fazer dentro dessa estrutura e Silo fala isso.

Observamos, nos três últimos relatos, que o Movimento começa a mudar o seu formato, por uma decisão de Silo e por sua saída desses conselhos organizativos, da mesma forma como isso também pode significar o motivo pelo qual muitos ativistas passaram a atuar na Mensagem de Silo. Após a realização da Marcha, observamos uma espécie de migração, de mudança dos membros dos vários organismos para a Mensagem, principalmente no Brasil. A princípio, suspeitamos que essa migração estava relacionada à Marcha, mas alguns depoimentos indicam que esse acontecimento talvez possa ser melhor justificado pela tentativa dos humanistas de seguir o seu mentor.

A.S.: É o Silo, ele antes de morrer... O trabalho da Mensagem é o mais novo no Movimento, mas o Silo, ele tentou impulsionar a Mensagem. Ele já queria ter feito antes, mas eu acho que as próprias condições sociais... Havia outras prioridades, como eu te falei o trabalho político né. Também na década de 80, de 90, tinham uma emergência assim né, de priorizar aquilo lá e depois no final da vida dele, eu acho que ele colocou mais essa questão espiritual. É... Então acabou muita gente seguindo ele, e seguindo por necessidade também.

D.N.: Silo antes de morrer deixou a Mensagem que é um tratamento puramente místico com a intenção de sintonizar muita gente com esse contato com o sagrado, para que se vá buscar adequadamente, para que se trabalhe adequadamente...

Entrevistados	Organismo que atuava antes da Marcha	Organismo atual
C.P.	Partido Humanista	Mensagem de Silo
A.S.	Partido Humanista	Mensagem de Silo
E.M.	Centro M. de Estudos Humanistas	Centro M. de Estudos Humanistas
F.M.	Partido Humanista	Mensagem de Silo
M.P.	Entrou durante a marcha	Nenhum
W.L.	Entrou durante a marcha	Mensagem de Silo
D.E.	Comunidade e Partido Humanista	Mensagem de Silo
P.F.	Partido Humanista	Pressenza e Partido Humanista
P.G.	Nenhum especificamente	Partido Humanista
D.N.	Mundo sem Guerras e a Comunidade	Mundo sem Guerras e a Comunidade
A.S.W.	Não identificado	Partido humanista
C.U.	Comunidade	Mensagem de Silo

Fonte: Elaboração própria.

É importante ressaltar que a participação em um organismo do Movimento Humanista pode ter diferentes significados. Os atores podem estar realmente comprometidos e engajados em algum projeto específico daquele organismo ou, de uma maneira mais frouxa, eles podem momentaneamente ajudar em algum projeto específico, migrar para outro organismo ou ainda atuar em mais de um ao mesmo tempo. Observamos, por exemplo, o caso de P.G., que passou 20 anos de sua vida em missões. Antes da Marcha ele não estava vinculado oficialmente a nenhum organismo, justamente porque nas missões, além da divulgação das ideias humanistas de uma maneira mais geral, esses ativistas poderiam desenvolver atividades para qualquer um dos organismos. Em sua missão no Nordeste aparece essa diversidade de atuações, no caso a própria organização da Marcha (Mundo Sem Guerras), a construção de parques ou tentativas de legalização do Partido Humanista, por exemplo.

Essa migração para a Mensagem, apesar de ser reconhecida pela maioria, não é consenso entre os entrevistados e o mesmo acontece em relação à percepção dos motivos para tal ocorrência, como é mostrado no quadro acima e nas seguintes falas:

E.M.: Sim isso aconteceu em toda parte. A maioria do pessoal que eu conheci aqui no Movimento foi pra Mensagem, agora também foram por uma razão digamos muito manifesta, o próprio Silo se retirou do movimento e foi para a Mensagem, sendo que tanto a Mensagem quanto o Movimento são criações dele, mas ele nunca disse que o Movimento deveria ser extinto, muito pelo contrário, ele exortou e acompanhou em detalhe a modificação na estrutura que deveria ser feita e deu algumas dicas e tal e desejou que desse certo, mas ele explicou que ele pessoalmente iria se dedicar a um trabalho com a Mensagem, um trabalho espiritual.

C.U.: Sim, também na Colômbia, agora mesmo os organismos estão meio, podemos dizer, vazios porque muita gente passou para a Mensagem, também porque, olhem, estamos na coisa do parque, da construção do parque, de impulsionar o parque.

P.F.: Não, não sei, provavelmente ocorreu no Brasil, mas no Chile por exemplo, é muito forte o Partido Humanista, há aí muito fervor político em nosso país... Também sei que na Argentina há um grande fervor político... Pode ser que no Brasil seja mais difícil para organizar um partido, é tão grande o Brasil, é muito continental e então logo depois da Marcha pode ter sido mais efetivo, quem sabe, mover-se com a não violência ativa da Mensagem, mas não sei.

Observamos que alguns entrevistados, portanto, consideram a Mensagem como algo externo ao movimento. Outra possibilidade que nos aparece nos relatos como motivos para esta migração dos ativistas se refere justamente à flexibilidade organizativa da Mensagem que, justamente por não ser um organismo, os ativistas podem atuar mais livremente.

W.L.: Eu acredito que isso tá acontecendo pelo fato de que a Mensagem é diferente do organismo, ele é mais institucional, ele tem métodos, tem reunião, tem isso é... Tem atas, então uma coisa mais como uma ONG e a Mensagem não, a Mensagem é muito livre, você pode abrir uma comunidade em casa, você pode fazer uma reunião em casa, você pode fazer uma cerimônia em qualquer lugar, então nada é muito restrito entendeu? E é muito fácil, você fala pra pessoa na rua, olha você quer ir para uma reunião pra mandar boas energias pra sua família e tal, e eu acho que é até mais fácil de conversar com as pessoas, pra abordar, para mim no meu caso, eu acho mais interessante.

P.G.: É porque não é uma coisa institucional, não tem uma orgânica, não tem organização nenhuma, são pessoas que se juntam semanalmente, se reúnem entre amigos para falar um pouco das coisas que acontecem, da pele pra dentro delas, falar um pouco da vida, das alegrias que vão tendo, das dificuldades e como resolvê-las, meditam um pouco, fazem algumas pequenas, simples cerimônias pra se reconfortar e pra se fortalecerem internamente.

Por fim, segundo alguns entrevistados, os motivos que levaram esses ativistas a migrarem para a Mensagem pode estar numa procura ou numa introspecção individual ou, ainda, numa descrença com as vias mais tradicionais de atuação social. Laraña (1994) coloca que essas novas formas de ação coletiva nas sociedades industriais avançadas estimulou novas conceitualizações dos significados dos novos movimentos sociais, intensificadas pelo processo de deslegitimação que atravessam os partidos políticos na Europa no final dos anos 80 e que também parece acontecer aqui no Brasil, na visão de uma das entrevistadas.

D.E.: Porque eu não sei. Porque quando tu te perdes na vida, necessitas tomar contato com a verdade interior e dessa verdade interior vais reconstruindo tua situação, até tua família, teus próximos, até a sociedade e eu creio que o que está nos passando é que necessitamos, tomar contato com uma verdade profunda para reconstruir nossa ação até os demais e a Mensagem de Silo tem essa graça, como pensar qual a ação válida, qual a ação mais verdadeira.

F.M.: A não violência é uma coisa muito difícil, ela passa uma questão do você desenvolver no seu coração grande compaixão por você e pelos outros né, aprender a resistir à violência que tem em você e fora de você, quer dizer, não é uma coisa assim da boca pra fora mesmo... E no nosso caso não, por que essa coisa da reconciliação isso tá muito dentro da própria ideologia, da própria escolha que as pessoas fizeram, tinha a ver com isso, então eu acho que essa coisa de partido, dos organismos e tal, gera muito problema, muita disputa, muita coisa e isso acaba gerando essas contradições, então eu acho que quando surgiu essa coisa aí essencialmente espiritual, eu acho que as pessoas foram mais pra se fortalecer sabe?

M.P.: Eu acho que há uma decepção generalizada com o que a gente poderia chamar de uma política mais formal, de um universo político de partidos e principalmente no cenário brasileiro vinculado a corrupções e a muitas pessoas que acreditaram por muito tempo num determinado partido e este partido não correspondeu às expectativas, eu acho que isso também foi muito forte.

Aqui percebemos que a Mensagem de Silo funciona como uma busca por uma identidade individual consistente, profunda, que possa embasar novamente a identidade coletiva e a ação social. Os relatos não apresentam uma relação direta e clara com a intenção de mobilizar através do espiritual, ainda que seja mais fácil para a entrevistada W.L. recrutar pessoas através da Mensagem. Os ativistas não parecem ter o objetivo claro de busca por um reencantamento do mundo no sentido weberiano, na nossa percepção eles apresentam mais especificamente a compreensão da importância do

indivíduo e sua relação com a sociedade, como ponto de partida para as transformações sociais. Pensamos que está mais diretamente relacionada à explicação de Elias (1994) sobre esses processos de mudanças entre o individual e o coletivo

É que, a rigor, o modo como uma pessoa decide e age desenvolve-se nas relações com outras pessoas, numa modificação de sua natureza pela sociedade. Mas o que assim se molda não é algo simplesmente passivo, não é uma moeda sem vida, cunhada por milhares de moedas idênticas, e sim o centro ativo do indivíduo, a direção pessoal de seus instintos e de sua vontade; numa palavra, seu verdadeiro eu. O que é moldado pela sociedade também molda, por sua vez: é a auto-regulação destes. Dito em poucas palavras, o indivíduo é, ao mesmo tempo, moeda e matriz. (ELIAS, 1994, p. 52)

A mensagem passada aqui é que não é possível transformar a sociedade sem transformar o indivíduo, sem que um se subjuga ao outro, compactuando com a ideia de *habitus* deste autor, ou seja, a forma como as distintas pessoas de uma sociedade compreendem a si mesmas, a autoimagem e a composição social.

Essa autoimagem, a forma como os atores se veem e autodefinem sua relação com os demais grupos é entendida como fundamental para construção da identidade coletiva de um movimento. Para Melucci (2001, p. 65), “é necessária a presença de uma identidade coletiva, de um ‘nós’ com o qual é preciso identificar-se para poder dar consistência e continuidade à ação, para poder calcular custos e benefícios”. Assim, perguntamos aos nossos entrevistados como eles definem o Movimento Humanista. Essa definição está baseada nas ideias de Silo, ou no siloísmo como alguns relatam, e uma delas é a eleição do ser humano como o foco mais importante.

Essa ideia deve estar fundamentada na prática, num estilo de vida conquistado pela superação da dor e do sofrimento, essa conquista desenvolve o ser humano e assim ele consegue se transformar socialmente. Assim, o Movimento Humanista tenta estimular uma transformação individual que conseqüentemente provoque uma transformação social, construindo uma nação humana universal não violenta. Nas falas abaixo observamos as dimensões ideológicas presentes na definição do movimento e relacionadas ao pensamento de Silo, mas já apresentando uma preocupação com a ação e o social.

P.G.: Continua sendo uma grande utopia, uma tentativa de sermos melhores humanamente falando e tentar contagiar a outros, tudo isso na ação concreta.

F.M.: O Movimento Humanista é a expressão social dessa doutrina maior que é o siloísmo.

Nessas outras definições já observamos, mais diretamente, uma necessidade de unir a perspectiva ideológica a uma prática, um estilo de vida. Melucci (2001, p. 35) nos diz que alguns fenômenos coletivos implicam em solidariedade, que é a capacidade dos atores de um movimento em se reconhecerem e serem reconhecidos como parte de uma mesma unidade social. O que parece expressar-se bem nos depoimentos abaixo.

D.E.: Eu creio que o Movimento Humanista é um intento de construir organizações de base social com um denominador que é a busca de um novo ser humano que atue no mundo lutando contra a violência e buscando a liberdade dos povos e do ser humano. Mas me parece que o importante no Movimento Humanista hoje é ser uma construção real na base mesma da sociedade, não tanto uma superestrutura, mas algo muito verdadeiro que tem que ocorrer no coração das pessoas, de ser grupos autônomos, ir se coordenando e se sintonizando até a unidade comum que é a nação humana universal.

A.S.W: Eu o defino como um estilo de vida, uma maneira de relacionar-se, uma maneira de conhecer-se, descobrir-se, uma maneira de conceber o mundo porque o humanismo não é uma maneira de formar opinião... Só uma filosofia ou somente um partido, uma classe, mas uma maneira de viver, de conceber o ser humano como o mais importante.

Melucci (2001) explica que uma das características de muitos movimentos contemporâneos é a presença de uma utopia regressiva de conteúdo direta ou indiretamente religioso. Como o Movimento Humanista tem uma forma peculiar de ação, que tenta partir da transcendência individual para conseguir a mudança social, e em muitos aspectos apresenta um *ethos* religioso e uma possível tendência à espiritualidade promovida pelo grupo a Mensagem de Silo, perguntamos objetivamente aos nossos entrevistados se eles consideravam o Movimento Humanista como um movimento social. Mais uma vez, nossa intenção foi identificar como eles se percebem e se autodefinem. Nossa análise aponta que os entrevistados consideram esse movimento como sendo mais do que um movimento social. Há quem justifique a realização da Marcha como prova concreta de que ele é um movimento social. Ela aparece como uma afirmação coletiva e social.

C.P.: Eu acho que o Movimento Humanista tem um cunho filosófico muito forte e a partir dessa filosofia ele avança no meio social, como os braços que ele tem que são esses organismos, mas é fincado numa filosofia, numa ideologia muito forte, então eu acho sim que ele é um

movimento filosófico, movimento ideológico e movimento social, por que ficar só nas ideias e não ir para a ação né?.

P.F.: Sim e cultural e político e de muitos aspectos.

F.M.: Eu acho que sim, né, porque, a gente que participa do Movimento Humanista considera que sim, é um movimento social. Acho que até a Marcha é um indicador, né, que é um movimento social, mundial até. Se não fosse um movimento social a gente não teria conseguido fazer.

Mas para um de nossos entrevistados o Movimento Humanista ainda não é um movimento social, ainda que possa se tornar no futuro. Sua justificativa concentra-se talvez na observação de uma introspecção atual do Movimento, que aconteceu depois da Marcha.

E.M.: Não. Mas ele tem aspiração de se tornar um movimento social. O movimento social ele tem que estar para a vida, para o mundo e o movimento hoje está para dentro. Se retirou do cenário social depois da Marcha.

Estas definições se complementam quando os relatos falam sobre os objetivos do Movimento, que mais uma vez se fundamenta na crença da necessidade da superação da dor e do sofrimento, condição essencial, segundo os humanistas, para a transformação pessoal, para a humanização da terra e, finalmente, para a construção de uma nação humana universal não violenta.

C.P.: Eu acho que é ter essa inserção no meio, na sociedade, através de seus organismos. Então após a partida, o falecimento do Silo, ele deixou tudo muito pronto, para essa inserção das ideias dele de várias maneiras. Então se é político, social, cultural, ele deixou tudo pronto para essa inserção. Então hoje o Movimento Humanista tem essa amplitude, uma inserção para todos os bolsos de participação social e política, isso dá uma amplitude porque esse ideal de humanizar a terra é muito mais abrangente.

A.S.W.: O desenvolvimento pessoal, o crescimento pessoal e a transformação social.

E.M.: O fim é a superação da dor e do sofrimento pessoal e social.

F.M.: Eu acho que o objetivo é construir a cultura da não violência.

Para alcançar esses objetivos, parece haver um consenso entre os entrevistados de que cada organismo, grupo ou mesmo cada ator estabelece suas próprias estratégias.

De uma maneira muito geral, seguindo os princípios básicos do humanismo, alguns alegam que essa estratégia está na transformação pessoal e social. Há quem diga que, para isso, busca-se a difusão do pensamento humanista, tomando como referência a metodologia da não violência. As estratégias acabam sendo muito abrangentes e muitas vezes se misturam com a própria ideologia do movimento.

P.G.: O movimento é amplo, existe em mais de 100 países e trabalhamos livremente, cada um tem a liberdade de escolher os temas e ações que queremos fazer.

F.M.: Era influenciar nesses distintos campos sociais, levando, vamos dizer assim, colocando o que seria a não violência naquele campo.

C.P.: Romper a violência presente na consciência humana, cada organismo tem sua estratégia.

Neste sentido, os colombianos apresentam uma proposta bastante clara e objetiva ao incluir a filosofia humanista em uma rede de escolas que pertencem a um de nossos entrevistados. Apesar de termos identificado, no Brasil, parcerias ou tentativas de parcerias do Movimento com escolas no Rio de Janeiro, por exemplo, nossa pesquisa não identificou as reais condições desses projetos educacionais, sendo essa situação colombiana uma realidade bem específica em nosso campo.

A.S.W.: Não me parece estratégia, mas uma de nossas estratégias é a difusão do humanismo, e para difundir o humanismo, fazemos através das aulas, em parte, essas aulas têm o humanismo como matéria, não só como prática, tal como a teoria do humanismo, essa teoria do humanismo se realiza em 62 turmas.

C.U.: Ensinando o humanismo como matéria em 62 turmas.

O entrevistado A.S.W. é proprietário de uma rede de escolas em Bogotá. Essas escolas não são gratuitas, é cobrada uma mensalidade, segundo o entrevistado, inferior ao que é cobrado pelas escolas particulares da região e os valores recebidos são reinvestidos no Movimento e nas próprias escolas como, por exemplo, na edição de materiais didáticos e na construção de um Parque de Estudo e Reflexão. No que pudemos apurar essas escolas trabalham com dois programas de formação humanista, para adultos e crianças. As estratégias utilizadas, o repertório de ação e os projetos humanistas são difíceis de serem percebidos pelos entrevistados, eles aparentam não ter clareza sobre esses aspectos. Uma explicação possível é a grande variedade de grupos e

projetos autônomos, mas ao longo de algumas falas esses repertórios e estratégias vão sendo descritos sem que se usem essas terminologias.

W.L.: Eu faço parte da Mensagem de Silo né, eu tenho a minha própria comunidade que se chama Mangá onde a gente faz controle dos desenhos não violentos, então a gente incentiva os jovens a desenhar e buscar também quem não sabe para aprender a desenhar e mais pra frente queremos fazer um livro e animações com os conteúdos não violentos onde a gente pode mandar essa mensagem.

M.P.: São iniciativas individuais e coletivas que acontecem e que muitas vezes não se sabe explicar. Agora o que eu posso dizer é que há consequências da Marcha que foram muitos fortes e do Movimento obviamente, muito fortes no sentido de que extrapolam talvez uma concepção de movimento social, ou de alguma participação mais formal no movimento, que é por exemplo, o fato da gente estar desenvolvendo esse projeto de extensão na escola no Alto Santa Terezinha. A gente trabalha com 200 crianças hoje, trabalha semanalmente a capacidade de se colocar no lugar do outro, o desenvolvimento, junto com essas crianças a gente faz atividades pra desenvolver isso mutuamente, a gente, as crianças e as professoras. A gente desenvolve isso e numa perspectiva socioantropológica, numa perspectiva pedagógica, a gente sistematiza uma série de atividades e coloca isso em prática, então assim a minha ida a essa escola foi por conta da Marcha, por isso que eu digo, são determinantes, são coisas muito sutis assim.

A entrevistada M.P. realiza um projeto de extensão acadêmica, que trabalha os fundamentos da compaixão e não violência numa escola pública de ensino fundamental no Recife que conheceu quando trabalhava voluntariamente na divulgação da Marcha Mundial pela Paz e Não Violência. Lembrando que esta entrevistada não está vinculada a nenhum organismo, nem obedece a nenhum padrão ou norma do Movimento Humanista, mesmo assim considera que o projeto que realiza teve influência direta de uma outra ação do movimento, a Marcha Mundial.

Uma outra forma especial de atuação, que em nossa opinião caracteriza o Movimento Humanista, são as missões realizadas por seus ativistas, que têm como princípio básico divulgar as ideias humanistas e atrair novos adeptos. As missões representam o momento de tentativa de expansão do movimento e podem ser entendidas como estratégias, embora não foram citadas quando perguntamos diretamente sobre essa questão, sendo necessária uma pergunta específica sobre o seu significado. Elas são realmente missões como no sentido religioso, onde alguns ativistas vão, em grupo ou sozinhos, levar as ideias humanistas, divulgar o humanismo na terra, em culturas e

regiões onde nenhum deles chegou antes. Essas missões surgem por diversos motivos. Alguns de nossos entrevistados falaram de missões sugeridas por Silo, como no caso da Guatemala. Outras missões são decididas pelos ativistas, pelo fato da região ter altos índices de violência, ou mesmo para aprender com culturas diferentes.

P.G.: Representou pra mim e é claro está incluso o interesse do Movimento, pra mim significou devolver a gratidão que senti por ter encontrado os meus pares para tocar a vida... Então saí por alguns países da Ásia, da África e da Europa, não foram muitos, não me achei, não me senti muito bem na Europa, mas sim na América Latina. Era simplesmente encontrar pessoas como eu, com essa busca, com esse sonho, com essa utopia na cabeça, de um mundo melhor para todos, com essa bandeira da solidariedade, da não violência, da bondade.

W.L.: Porque as missões consistem em você ser um missionário mesmo, você vai conversar com as pessoas, é tentar incentivar a pessoa e explicar o que é a Mensagem.

Os ativistas brasileiros estão muito familiarizados com as missões, praticamente todos os entrevistados alegaram ter participado delas. Eles atuaram no Nordeste brasileiro, alguns também foram para o Rio de Janeiro, Guatemala e La Paz (Bolívia). Da mesma maneira, o tema das missões também é bem familiar na Argentina e no Chile, com ativistas alegando ter atuado em missões por vários continentes: Ásia, África, Europa e América Latina. Já na Colômbia, o tema das missões não parece existir, talvez pelas dificuldades enfrentadas pelos humanistas nesse país ou mesmo pelos conflitos internos que ele apresenta, dificultando sua expansão.

P.F.: Estive numa missão de 1973 a 1975 na Ásia e isto está no livro, Filipinas em 1975/1976, na França, em Paris em 1977/1983, na Itália, primeiro em Roma e depois em Milão, depois no Chile, onde estive não somente participando e trabalhando, mas o Partido Humanista entrou no governo e eu tive uma missão política no governo democrático chileno. E depois estive com missões e trabalhos, te diria, em todos os continentes. Estive na África, em todos os países da América Latina, estive nos Estados Unidos, em todos os países da Europa.

P.G.: Dos 30 anos no Movimento eu fiquei 20 anos em missão, eu consegui combinar um pouco a necessidade de expansão do Movimento Humanista que nasceu na Argentina, nasceu no continente sul-americano, e desde aqui a gente levou o Movimento a outros continentes e eu passei 20 anos em missão em alguns países no continente asiático, África, Europa Ocidental e na América Latina, até minha filha nascer no Brasil, em São Paulo, aí fiquei esses últimos 10

anos por aí no Brasil, a única missão que a gente conseguiu fazer nesse período foi aí no Nordeste.

A Missão Nordeste representou um esforço muito grande para esses ativistas brasileiros de São Paulo, praticamente todos os entrevistados estiveram envolvidos nessa missão que significou, como todas as outras, a tentativa de expansão do movimento, a construção da Marcha no Estado de Pernambuco, a divulgação do Partido Humanista e culminou com a tentativa de construção do Parque Igarassu, após a Marcha. Segundo alguns relatos essa não foi a primeira tentativa do Movimento de se expandir no Nordeste brasileiro, eles já haviam tentado nos anos de 1980. Talvez, as redes estabelecidas durante a Marcha e que estimularam a construção do parque, não se sustentaram após seu final. O terreno foi comprado e iniciaram o processo de construção dos elementos arquitetônicos e atividades necessárias a todos os parques do movimento, mas o parque não conseguiu se desenvolver e ter a continuidade esperada em Pernambuco. O projeto do parque foi temporariamente suspenso e, a missão, considerada um fracasso.

P.G.: O que houve com essa história das missões foi fundamentalmente ou principalmente... o que te leva a um lugar é contatar um cara ou uma mina que sintonize com a história, não que tu tenhas que converter essa pessoa, persuadir não, que apareça alguém que diga, eu tô nessa, sinto igual essa história e eu tô dentro, e não apareceu ninguém na Missão Nordeste, de dizer bom, agora você vai, volta para tua terrinha que eu me viro aqui, eu tomo conta da história. Então nesse ponto de vista tanto eu como os amigos e amigas aí do Brasil, a gente ficou muito curtido, curtido no sentido de, foi uma puta de uma experiência, foi muito esforço de todo tipo, pessoal econômico, muitas tentativas e no final de tudo só faltou que aparecesse uma pessoa, minimamente uma pessoa que falasse: bom pessoal, vocês podem ir agora para puta que pariu que eu tomo conta dessa história, não preciso de você aqui mais. Isso aconteceu em missões que fiz em Moçambique, mas em Pernambuco, no Nordeste não aconteceu, então... Mas é isso aí, não? Mil tentativas e a maioria não funciona e alguns poucos funcionam.

F.M.: A perspectiva da continuidade da Missão Nordeste não foi tão pra frente como a gente queria, no momento até as pessoas que participaram não conseguiram se conformar com o que aconteceu, ainda tão tentando integrar a violência interna do fracasso, o fracasso como coisa negativa, como frustração... Então foi muito duro, mas eu acho que a gente é que tem que vencer essa violência interna, de realmente falar, não é aquela coisa de falar como a gente foi incompetente, aquela degradação, tem que aprender, deveria até continuar de alguma forma, mas a gente ainda não conseguiu dar essa volta. Então fracassou nesse sentido sim, o parque tá suspenso por

dois anos, porque não foi possível continuar mantendo financeiramente. Agora se a gente conseguir dar a volta nesse buraco interno que é a frustração e aprender e tentar continuar, tipo fracassamos mas insistimos...

O sentimento de fracasso provocado pela Missão Nordeste também é expresso na fala de F.M. que, entre outras coisas, expressa as tensões e conflitos internos do movimento. Ao mesmo tempo em que o fracasso da missão representa uma ameaça ao movimento, é também espaço de construção e reconstrução de sua identidade coletiva, como explicam Melucci (2001) e Mutzemberg (2011).

Ainda como forma de investigar as estratégias para conseguir simpatizantes e conhecer um pouco melhor as estruturas organizativas, indagamos nossos entrevistados sobre como se dá o processo de entrada de novos membros no Movimento. Em outras palavras: como uma pessoa se torna humanista. As respostas variaram em função dos organismos e das idades. As entrevistas com as pessoas que entraram no movimento a partir da Marcha e que são as mais jovens, com menos de 30 anos demonstram, como acontece em muitos movimentos e manifestações contemporâneas, uma percepção de formas mais alternativas e espontâneas nas articulações e mobilizações, como nos indica Carneiro (2012). Em suas falas, elas mostraram uma visão mais flexível do Movimento, o que inclusive levanta questões em uma delas sobre sua situação como ativista ou não.

M.P.: Sistemáticamente eu não sei quais são os requisitos para o Movimento. Por um lado eu me considero fazendo parte do Movimento, assim eu tenho uma identificação, se me falarem do Parque e se me falarem do Movimento eu vou dizer sim, certamente eu sei o que é o Movimento, principalmente no que o Movimento tem de essencial, eu sei o que ele quer passar, eu tenho segurança e eu tenho certeza que eu não erraria nisso, certeza absoluta. Agora em relação, vamos dizer, a uma coisa assim sistemática, que fale M.P. é ativista do Movimento, eu não sei se eu sou assim.

W.L.: Eu acredito que para você se tornar um membro do Movimento Humanista você não tem que fazer nada, acho que você tem que simplesmente aderir a essa ideia e sentir, hoje é justamente isso, não tem um papel, não tem alguém que vai te dar um curso, cara, sempre temos seminário, retiro, mas você vai participando e se você acredita nesses ideais acho que é isso que te torna um humanista.

Esses depoimentos mostram como as entrevistadas acreditam no ativismo como uma forma de vida e não como uma atuação específica e pontual de uma ação coletiva tradicional. Outro elemento que fica claro nesses relatos é a força que a ideologia do

Movimento tem e que parece determinar a forma de vida dessas pessoas. A atuação confunde-se como forma de ser. Já para os ativistas mais antigos, o Movimento exige um cuidado e uma preparação para tornar um simpatizante realmente humanista. Esse contato inicial com o movimento pode ser feito de várias formas, inclusive porque as pessoas podem tomar contato pela internet, que é uma ferramenta bastante utilizada. A preparação ou capacitação para entrar no Movimento acontece através de seminários, cursos e práticas, seguindo um material específico para isso, um manual para formação humanista¹³.

E.M.: Ela tem que formar ou vir fazer parte de algum Centro de Estudos Humanistas existente, se ela vai começar do zero ela tem que convidar dois amigos que queiram, que conheçam a proposta. Existe um texto que apresenta, que descreve o que é esse organismo, os objetivos, a forma como ele se organiza, a forma como ele se mantém, a forma como ele realiza as suas eleições e tal, a pessoa se coloca a par disso e esse próprio documento explica como se dá concretamente a participação em termos objetivos, ou seja, ela faz parte, o nome dela entra pra uma lista, essa lista é comunicada é enviada para o CMEH e essa equipe de 3 pessoas, quando ela atinge um determinado tamanho, aquele Centro de Estudos Humanistas é considerado como formado, formalizado, oficializado.

F.M.: Então, a pessoa participa das reuniões, daquele organismo daquele lugar, outro requisito a pessoa colabora financeiramente uma vez por ano, uma vez a cada seis meses, é minimamente pras coisas que tem que fazer né, materiais, manter a legalização em dia, e às vezes as pessoas também, aí já uns um pouco mais e outros menos né, alguns fazem atividades pra manter o aluguel de um espaço, para, vamos dizer assim, as coisas mais pesadas, mas a pessoa pode ser participante, simplesmente participando de uma reunião e contribuindo, fazendo algumas atividades e outras acabam tendo um envolvimento maior por vontade própria.

No relato de F.M. aparece o tema das contribuições financeiras que nos remete a uma importante questão sobre o Movimento Humanista e os movimentos sociais de uma maneira geral: como se financiam esses movimentos. No caso do Movimento Humanista, é consenso entre os entrevistados que ele se autofinancia através de contribuições voluntárias de seus membros, familiares ou amigos. No caso dos membros mais engajados essas contribuições são mais regulares, eles também recorrem

¹³ O Manual de Formação Pessoal para Membros do Movimento Humanista está disponível nos sites do Movimento, assim como muitas outras produções humanistas. O manual aborda desde definições e história do humanismo, temas como a violência e a não violência ativa a sugestões de práticas, seminários e retiros.

a campanhas, como festas, bingos etc. para alguns projetos específicos, mas não para a manutenção de fundos permanentes. Em outras palavras, não existem fundos de reservas para eventuais necessidades. Os levantamentos de recursos são pontuais, devendo atingir os objetivos específicos de uma ação ou projeto. Isso acontece também nos diferentes organismos e grupos e em todos os países pesquisados, inclusive um dos entrevistados expressa uma preocupação em descartar qualquer possibilidade de vínculos com outras organizações.

P.G.: De muitas maneiras, mas só para começar com aquilo que não é, para descartar, a gente não aceita, nunca aceitamos financiamento de partidos políticos, de igrejas, de empresas, de governos... Nunca se coleta fundos, dinheiro para ter fundos, não funciona conosco esse critério, funciona ao revés, ao contrário, se uma pessoa, um grupo humanista, se coloca de acordo para encarar uma atividade, então em função dessa atividade, do custo dessa atividade, o pessoal vai juntar exatamente essa grana, nenhum centavo a mais nem a menos também.

F.M.: Vou te falar uma outra missão pra não ficar só em cima do Nordeste: a da Guatemala. Na Guatemala ficaram um ano lá, ficaram quatro meses colhendo doações de todo mundo que pudesse ajudar. A Guatemala era uma missão que o Silo tinha falado que era interessante. Como o Silo era um grande líder espiritual pra gente, muitas pessoas se aglutinaram então nesse projeto... aí elas juntaram um certo X de dinheiro, depois duas pessoas foram pra Guatemala e alugaram um apartamento lá perto da universidade, fizeram uma infraestrutura, e fizeram alguma coisa dentro daquele dinheiro que foi recolhido, e a passagem, todo mundo que foi pra lá pagou a própria passagem. As pessoas, o grupo que se postulou por um ano, cada pessoa ficou falando o calendário que podia: ia ficar quinze dias em julho, um mês em dezembro, cada um de acordo com as férias de trabalho e as pessoas custeavam as passagens e o apartamento e a alimentação já tava custeada com essa campanha que foi feita de quatro meses. Vamos dizer assim, de recolhimento de dinheiro, a gente recolhe entre nós mesmos, familiares e amigos, a gente tá sempre meio que pedindo dinheiro né, que é uma coisa que é uma prática constante, mas que é legal, por que eu acho que se assemelha um pouco aos processos das igrejas, assim dos próprios fiéis que mantêm a estrutura.

Uma outra estratégia interessante utilizada pelos membros da Mensagem de Silo para escapar dos onerosos aluguéis para utilizar as salas necessárias para suas atividades é compartilhá-las entre diferentes comunidades da própria Mensagem.

W.L.: A minha sala é dividida com outras 4 comunidades, que funcionam em dias diferentes e cada grupo faz suas contribuições voluntárias. Quando tá com dificuldade de pagar, fazemos bingos, festas pra arrecadar dinheiro.

O Movimento Humanista possui uma forma bem diversificada e eficiente para se autofinanciar. Isto se mostra de forma extremamente clara quando analisamos os relatos de financiamento dos Parques de Estudo e Reflexão, mas antes de explicarmos esse processo é importante explicitar o que são esses parques, segundo nossos entrevistados. Quando entramos em contato com o Movimento por ocasião da Marcha, o MH contava com aproximadamente 20 parques em todo o mundo. Quatro anos depois, contabiliza-se aproximadamente 50 parques. Ao contrário do que se pensa, eles não representam sua sede, nem espaços onde os organismos podem se reunir e se organizar. Mas são fundamentais para os humanistas. Como já foi dito anteriormente, a construção desses parques responde a rígidas regras, inclusive arquitetônicas, para sua criação e conceito. Nossa pesquisa levantou algumas questões interessantes sobre esses parques. É consenso para nossos entrevistados que eles representam um espaço, um âmbito especial para encontros e uma espécie de fortaleza humanista onde seus membros vão recompor as forças das batalhas e lutas diárias, da militância, das mágoas...

D.E.: São lugares onde se vai estudar e refletir sobre a verdade profunda, sobre aquilo que move os seres humanos e até onde vamos como pessoas e como sociedades. Hoje em dia não tem muitos lugares onde uma pessoa vá e se reencontre com ele mesmo. Tu vais hoje em dia a concertos e a grandes eventos, mas não necessariamente a lugares onde podes encontrar aquilo que te impulsiona, aquele propósito que te dá sentido a tua vida.

M.P.: É um espaço que ele afirma muita coisa, a gente tem poucos espaços além dos religiosos, além daqueles vinculados a religião, que valorizam uma noção de humanidade que você pode ao mesmo tempo, assim, não é que são pessoas puras e iluminadas que estão ali para viverem numa sociedade alternativa e que se encontram dia de sábado e domingo pra dividir... A questão não é essa, é um espaço que isso pode ser desenvolvido com pessoas que acreditam que a partir de atividades e reuniões e propostas e iniciativas de cada um, que é possível desenvolver essa nossa humanidade, que é exatamente essa capacidade de você dialogar, de colocar ideias divergentes pra conversarem.

A.S.W.: Significa um lugar como uma espécie de retiro, onde me encontro com o sagrado que há em mim, onde eu tenho um lugar onde eu entro numa reflexão com minha profundidade, da relação que tenho, dessa forma como eu busco o espiritual que há em mim, esse contato com o sagrado, com o espiritual.

Percebe-se, nessas falas, que os parques representam um retiro do cotidiano, para buscar o contato com uma verdade profunda, com o sagrado, são uma espécie de templo humanista. Em 40 anos de movimento, o número de parques mal chegava a 20,

em quatro anos esse número cresceu aproximadamente 150%, e justamente depois da Marcha que, como foi citado por um dos entrevistados, representou um divisor de águas no Movimento. Segundo os relatos, só na Argentina hoje existem em torno de 10 parques, na Colômbia dois. No Chile, o número de parques não foi apurado e, no Brasil, são três – Caucaia (SP), Retiro (RJ) e Igarassu (PE), estando o Parque Igarassu suspenso como já foi explicado. Mesmo assim, alguns entrevistados não relacionam esse crescimento à realização da Marcha, percebendo-o como um desenvolvimento exclusivo de um processo anterior dos humanistas.

C.P.: Então eu vejo o movimento assim né, a Marcha ela é totalmente pra fora, contatos com organizações sociais, campanhas no e-mail, correio, jornal, escola tudo muito externo e o movimento dos parques eu sinto esse movimento voltando pra edificação de algo, pra em algum momento ir pra fora de novo, eu percebo como um círculo. Então no movimento dos parques você tem que se recolher mesmo porque você tem que dar a estrutura do lugar, você tem que capacitar pessoas, você tem que dar um sentido pra aquele espaço, ir criando casa naquele lugar, pra em algum momento isso ir pra fora de novo, irradiar novamente pro mundo.

D.N.: Não, eu penso que os parques são efeitos do trabalho da gente, é como o efeito do trabalho dos humanistas pelo mundo, entendes? Como tomar contato com uma doutrina, que é a doutrina da vida interior e o desenvolvimento para tentar difundir isso, é como debater um tema místico, o tema da Marcha não tem reflexo.

Por outro lado, alguns entrevistados percebem essa relação entre o aumento do número de parques e a realização da Marcha:

F.M.: Eu acho que tá relacionado, sim, com o processo da Marcha, que era realmente esse meio de aprofundar essa questão da não violência nos lugares que a gente tocou né. Não que a Marcha em si tinha o objetivo, olha vamos abrir trezentos parques, mas acho que animou muito, entusiasmou muito.

P.F.: Os parques são os lugares onde todos convergimos. É um lugar onde nos encontramos, entre os que estão em um organismo ou em outros, ou na agência ou na Mensagem ou simplesmente somos humanistas, mas não estamos desenvolvendo uma atividade. Todos podemos estar nos parques e convergir e nos encontramos aí, é como uma praça, é como um lugar de encontro para os humanistas e seu meio, e essa necessidade de ter um lugar é muito clara, porque a Marcha terminou justamente no Parque Punta de Vacas, depois de ter passado por todos os parques que existiam até então. E a Marcha deu muita vida a esses parques e depois da Marcha seguiram criando parques. Hoje há mais de 50 parques em todo o mundo, quase 60, e sim, creio que a marcha teve uma influência porque demonstrou a

importância que é os lugares amplos e onde poder encontrar-se, onde poder intercambiar, poder ter um espírito comum.

Durante as visitas que fiz ao Parque Caucaia, em São Paulo, e ao Parque Igarassu, em Pernambuco, em ocasiões diferentes, encontrei os próprios militantes do movimento realizando serviços de manutenção e de construção. Segundo nossa pesquisa apurou, na medida do possível, esses espaços são construídos com a força de trabalho dos próprios humanistas, como podemos ver no depoimento sobre a construção do Parque La Pampa, na Argentina, que está em andamento.

P.G.: Há 3 anos que a gente comprou essa terrinha e agora com doações de materiais, não tinha nada, não tinha água, luz, ainda não tem água, sim água a gente fez uma perfuração agora, mas ainda não tem luz. A gente fez uma primeira construção muito simples, um salão multiuso assim, uma sala pra reunião, cozinha e banheiro, pra começar e materiais pra isso, a mão de obra a gente fez, essa construção a gente fez.

Esse voluntarismo e a criatividade são elementos importantes na organização humanista, eles se apresentam como fundamentais para a forma como os parques são comprados e como eles se mantêm, o que nos leva de volta à questão da sustentação financeira do movimento. Observamos uma estratégia bem interativa e eficiente. Sabemos que a criação dos parques segue normas rígidas, conceituais e arquitetônicas, por exemplo: eles necessitam um espaço grande para comportar todos os elementos necessários ao parque, como: o portal, o monólito, a fonte etc. Isso exige a compra de um terreno amplo, entre 5 e 15 mil metros quadrados. Para isso, os humanistas recebem aportes voluntários, parcelam a compra do terreno, delimitam a maior parte da área para cumprir as exigências dos parques. Com o excedente do terreno comprado, eles dividem em lotes que são vendidos aos próprios humanistas, amigos ou parentes, por um valor relativamente baixo. A compra desses lotes é percebida mais uma vez como doações, que são revertidas para os gastos com a construção e manutenção. No terreno comprado, alguns humanistas moram e ajudam nos trabalhos internos.

P.G.: Aqui em particular em La Pampa temos feito uma vaquinha entre aproximadamente 20 a 30 pessoas, eu diria, e ao longo de 4 parcelas de 20 mil pesos conseguimos comprar um hectare de terra bom ao preço de 80 mil pesos argentinos... Este ano a gente fez outra vaquinha entre amigos e estamos fazendo um loteamento com dois objetivos: por um lado eu e alguns amigos vamos morar aí do lado

desse espaço né, do Parque La Pampa e ao mesmo tempo vão ficar alguns terreninhos para vender e com a grana da venda desses terrenos vamos construir no parque uma sala de meditação, uma oficina com forno para trabalhar com fogo e um centro de estudos, então se tudo dá certo, com esses 10 terrenos que temos para vender aqui do lado do parque, vamos juntar o dinheiro que a gente precisa para construir o parque.

Este financiamento para construção e manutenção dos parques, assim como suas exigências para implantação parece ter uma flexibilização maior na Colômbia, onde existem dois parques. Observamos que o primeiro deles, o Parque Unión, foi construído com os aportes dos membros, assim como os demais parques que tivemos contato. Já o Parque La Sylvania está sendo construído com financiamento dos colégios humanistas, de propriedade do entrevistado A.S.W., e representa mais uma forma criativa de autofinanciamento.

A.S.W.: Particularmente este de La Sylvania está sendo construído, graças àqueles colégios que temos. Os colégios não são gratuitos, eles cobram e essa cobrança é destinada a um reinvestimento nas instituições e também para construção do parque, para publicar nossos livros e periodicamente estamos fazendo livros, materiais, cartilhas, revistas, então digamos que é o grupo de resultados econômicos que se reinveste no meio com os nossos recursos.

Como já dissemos, os colégios da Colômbia são particulares, mas segundo os relatos obtidos em nossa entrevista, cobram taxas muito baixas e que servem para um reinvestimento em material didático, pagamento dos funcionários e na manutenção e construção do Parque. Essa situação foge à regra de construção estabelecida pelo MH, sendo uma peculiaridade do movimento naquele país.

Tentamos identificar o estabelecimento de parcerias, o desenvolvimento de projetos com outros atores sociais, mas em nosso trabalho de campo não foi possível levantar dados sobre grupos ou organizações parceiras do Movimento Humanista. A direção que nossos dados apontam é que essa não parece ser uma intenção do Movimento ou seus ativistas não têm muito conhecimento a respeito do que está sendo realizados pelos demais grupos e organismos. Assim, perguntados sobre possíveis parcerias com outros movimentos ou organizações, a maioria dos entrevistados não soube informar. Algumas pessoas citaram alguns projetos sem, todavia, identificar especificamente os atores. Cabe questionar a forma como esse movimento se utiliza das

redes sociais e, na maioria das ações, nos parece que o Movimento valoriza os laços fortes, primários, para sua expansão e manutenção, como no caso do levantamento de recursos financeiros através de familiares e amigos e se utilizando de laços fracos apenas em campanhas internacionais, como foi o caso da Marcha.

W.L.: (depois da marcha) Eu sei que assim, o pessoal da comunidade que cuida de educação aqui de São Paulo é ... Eles conseguiram a parceria de umas escolas com o tema da educação humanista, né, mas eu não sei como foi pra outros lugares, mas a gente da Mensagem, realmente a gente não conseguiu não.

C.P.: Posso te citar o que vem na memória, o pessoal do Rio de Janeiro trabalha há muito tempo com uma campanha da Comunidade para o Desenvolvimento Humano que é a campanha da não violência nas escolas, educação pela não violência e eles fazem muita parceria com colégios. Tem também J., aqui de São Paulo, que é do Centro das Culturas. A J. é uma amiga nossa humanista que atua na Convergência das Culturas com o tema dos bolivianos, ela é boliviana casada com um brasileiro e ela atua com o tema dos bolivianos que aqui tem uma discriminação muito grande, falta de acesso à saúde.

C.P.: Na Marcha Mundial aquele instituto Brhamas Kumaris, tem aí em Recife e Olinda, como eles são mais centralizados, a organização central do Brhamas Kumaris teve uma experiência muito interessante em Portugal e desde Portugal todos os Brhamas Kumaris aderiram à Marcha Mundial, em todos os lugares que a marcha ia passar existia o grupo Brhamas Kumaris.

Nas campanhas internacionais, como a Marcha Mundial pela Paz e Não Violência, aparecem parcerias que tudo indica que foram pontuais, não tiveram sustentação ou continuidade, o que nos leva a crer que o Movimento Humanista tenta atuar em redes na divulgação das ideias, sobretudo na divulgação da não violência ativa, mas não no sentido de formação de redes de movimentos sociais como expressadas ao longo do extenso trabalho de autores como Scherer-Warren (2005; 2006; 2008; 2009).

5.3 A Realização da Marcha

A Marcha Mundial Pela Paz e Não Violência foi realizada pelo organismo Mundo Sem Guerras. Segundo nossa pesquisa esse organismo é responsável por uma pegada mais social do movimento e nossos entrevistados relatam que seus ativistas já estavam um pouco acostumados a organizar marchas na Europa. Como esse evento deu

bastante visibilidade ao Movimento e, em certo ponto, atraiu muitas pessoas, imaginava-se que essa ONG tivesse crescido depois da Marcha. Para nossa pesquisa, seria fundamental entrevistar o coordenador desse organismo e da Marcha Mundial pela Paz e Não Violência, Rafael De La Rubia, mas infelizmente nossas tentativas fracassaram. O fato é que percebemos, como já foi dito antes, que muitas pessoas migraram para a Mensagem de Silo e não foi possível detectar se houve alguma mudança significativa no Mundo Sem Guerras. A Marcha, como foi mostrado, teve início no ano de 2009 e percorreu vários países. Mais uma vez, nossa pesquisa identificou como mais uma ação originada através da influência de Silo. A solicitação do Silo atendia a algumas necessidades do movimento percebidas por ele:

C.P.: Então em 2007 foi feito um evento em Punta de Vacas chamado peregrinação e jornadas espirituais, eram 3 dias de peregrinação. E nesse ato o Silo falou pela primeira vez da questão da reconciliação e ele falava muito também da gente se reconciliar com o próprio movimento porque a gente tinha fracassado com o nosso intento de humanizar a terra e o mundo continuava com sua vertente de violência e foi muito forte né, então ele falava pra gente se reconciliar com a nossa luta. A gente não conseguiu nossos objetivos, mas se reconciliar era diferente do perdão e o perdão é muito melhor que a vingança. Mas a reconciliação era você se colocar no lugar do outro, enfim ele deu outro conceito pra gente em 2007 e no final do evento, foram muitas pessoas naquela ocasião, não me lembro quantas, mas aí ele jogou uma proposta pra gente, um desafio de ir 10 vezes mais pessoas para Punta de Vacas. A gente não sabia nada da marcha, a gente só tava preocupado em levar mais gente, 10 vezes mais gente pra Puntas de Vacas.

W.L.: Foi com o Silo, que numa reunião em Punta de Vacas, ele falou que um dia ele ia querer aquilo lotado, mais de cinco mil pessoas, pois o Rafael ele ficou pensando uma maneira de como juntar essas pessoas em Punta de Vacas, aí ele achou uma maneira que era justamente uma marcha pela paz e pela não violência.

A.S.: Eu acho que a marcha culminou todo esse trabalho que vinha sendo feito desde o partido, depois com o trabalho social, de conscientização, de educação. Eu acho que o Silo viu uma emergência, uma necessidade, por que tinha a questão das guerras, né, que estavam voltando, a guerra do Iraque mesmo. Os Estados Unidos tinham acabado de, ainda tava no governo Bush... Tava quase no final, mas tava aquela coisa toda, uma violência muito grande e começou a chegar a um certo ponto que tinha a questão da ameaça nuclear voltando. Teve um momento que tava bem séria a coisa. E aí, o Silo propôs, juntou o pessoal do Mundo Sem Guerras, o Rafael De La Rubia, que já tinha iniciativas, o Rafa, há muitos anos ele trabalhava com isso, sabe?.

O objetivo da Marcha, segundo mostram nossas entrevistas, era divulgar a importância da não violência, estabelecendo inclusive diferenças entre o que seria simplesmente desejar a paz ou optar pela metodologia utilizada pelos inspiradores do movimento, como Gandhi, Luther King, Althusser: a não violência ativa, que para os membros do Movimento trata-se de uma militância contínua, uma militância diária. Oficialmente, a Marcha tinha como reivindicações principais pressionar os governos pelo fim das guerras e o desarmamento nuclear, entre outras citadas anteriormente, mas na percepção dos nossos entrevistados os objetivos reais eram bem mais amplos.

D.E.: A Marcha Mundial tinha isso que digo: tomemos consciência de que aqui há um problema absurdo, ridículo e que podemos fazer algo para resolvê-lo, isto é, uma solução simples é obrigar o governo a eliminar a arma nuclear, esse era um pouco o sentido da marcha e eu te diria que foi belo, muito válido, todavia ainda temos caminhos a percorrer... Me parece que foi isso, que tentamos incendiar o planeta com o que consideramos mais urgente e mais importante e eu creio que em algum momento temos que tentá-lo de novo.

P.G.: Um objetivo era dar um sinal que sim, tem pessoas, agrupamentos, movimentos, partidos, mas sobretudo, pessoas que torcem e torcem ativamente, não só declamativamente pra que o processo de pacificação aconteça entre os povos, isto inclui campanhas de desarmamento, pressões a governos, enfim um montão de ações diretas. Em termos de militância acaba sendo uma complexidade e pretendia também um resgate, dar um sinal de uma metodologia da ação utilizada por Gandhi e por Martin Luther King, que o campo progressista no geral no planeta ainda não consegue incorporar como ferramenta de luta, que é a não violência ativa. Então a gente tá tentando ou tentou com essa marcha marcar uma diferença entre paz e não violência, como Althusser.

M.P.: O movimento ele tem uma ideia de rede, né, que é essa ideia de você sair pelo mundo inteiro e de colocar essas pessoas juntas e de mostrar isso, de mostrar que isso é possível. É rompendo barreiras sérias, barreiras complexas e difíceis de serem rompidas, ao mesmo tempo uma coisa muito contemporânea e muito nova que é difícil se colocar em palavras ainda e talvez até na teoria antropológica e sociológica do que seria esse tipo de ação, se é ao mesmo tempo 100% individual e 100% coletiva.

A fala da entrevistada M.P. parece traduzir as questões que permeiam este trabalho, a balança entre as identidades “eu” e as identidades “nós” de Elias (1994), assim como as questões levantadas por Laraña (1994) entre as identidades individuais e coletivas sem esquecer a importância de suas relações com as identidades públicas proporcionada com a construção da Marcha. As estratégias para sua realização se

concentraram, segundo indicam os relatos, na ação conjunta com outros movimentos, organizações e o Estado. A unidade necessária para essa mobilização estava na ideia da não violência, como base para criação de redes sociais com laços fracos.

A.S.: Desde o início foi proposta junto com outros grupos. E personalidades também, teve muito a adesão de personalidades, de políticos... Foi muito legal, eu lembro, eu fui para Brasília, imagina, ao Itamaraty! O Ministério das Relações Exteriores, eles fizeram um evento pra gente. Convocaram os embaixadores, todo o serviço diplomático dos países e fizeram uma recepção no Itamaraty.

P.F.: Com esforços conjuntos de muita, muita gente, com uma ideia muito simples que é: tu tens uma iniciativa com a não violência, põe em marcha, realiza-o, efetiva-o, faça-o, não fique pensando somente, mas também faça-o. E com a soma de muitas iniciativas se realizou o que foi a Marcha Mundial.

Um elemento facilitador para a realização da marcha foi a adesão que ela teve, desde o início, de personalidades sociais e políticas e de cidadãos comuns. O argumento de Tarrow (2009) é de que as mudanças nas oportunidades e nas restrições políticas criam os incentivos mais importantes para iniciar novas fases de confronto de um movimento, são as fissuras percebidas nas estruturas sociais que estimulam essa ação. Os dados indicam que os humanistas relacionam essa adesão à importância que o problema da violência tem no mundo atual e naquele momento específico, a ameaça da guerra e do uso de armas nucleares, que poderia destruir a humanidade. Outros elementos facilitadores foram percebidos na estrutura organizativa do movimento e na sua presença no mundo inteiro:

C.P.: O conflito da violência é um conflito muito grande e por isso que ele teve esse impacto, a gente sempre soube que era um conflito grande.

A.S.: É, eu acho que a não violência, colocar a não violência é um clamor assim, né, um clamor da nossa época. Não só as guerras, por que aqui no Brasil a gente não tem muito esse problema do conflito bélico.

D.N.: Que o Movimento Humanista estava presente em 120 países, então os humanistas de todos os países, fomos capazes de por em andamento no país a Marcha Mundial, de tal maneira que quando a marcha chegava a este país, havia a possibilidade da marcha acontecer.

Como dificuldades para realização da marcha, os entrevistados relatam diversas questões, mas fortemente aparecem os problemas de logística e financeiros para essa realização. A relação de parceria com o poder público também pareceu difícil em alguns lugares, mas o mais interessante são os relatos de confusão de identificação do Movimento Humanista tanto no Brasil como na Colômbia. Outro dado relevante expressa a dificuldade do movimento em lidar com outros grupos e organizações que pode significar uma falta de experiência na ação em rede.

C.P.: Nós ficamos 9 meses em contato com a Prefeitura de Olinda, 9 meses e realmente não avançava, não avançava, não avançava... tava muito difícil avançar, até que Marcelo Santa Cruz [vereador de Olinda] ajudou bastante, abriu os caminhos. A gente não sabia porque a gente não tinha aquela aderência e a gente foi no gabinete e eu não lembro com quem eu conversei e umas das pessoas falou: eu já vi na National Geographic essa marcha. Eu estou sabendo onde tá indo. A pessoa tinha visto pela TV a cabo, aí eu falei: é, a gente queria trazer pra cá também, mas tá muito difícil. Aí ela falou: a gente não pode trabalhar com vocês porque vocês têm uma vertente política e é o PHS [Partido Humanista da Solidariedade, que inclusive em Pernambuco defende a pena de morte]. Então nesse momento, depois de 9 meses, é que isso se explicitou e nos deu a oportunidade de falar que a gente não tinha nada a ver com o PHS. Então, realmente, a gente teve várias dificuldades, vários impedimentos. Mas depois que isso foi esclarecido isso se abriu.

C.U.: Também houve confusão de muitos lados, com comunistas ou quem seja, inclusive muitas pessoas se somaram a esta marcha sem saber nada sobre o humanismo e neste sentido este efeito foi espetacular.

P.G.: A gente teve que fazer um esforço muito grande porque a inclusão de tantos militantes, não só do Movimento Humanista, mas também de outras organizações, de tantos países, com tantas realidades diferentes e necessidades diferentes, obrigou a gente a ter muita flexibilidade, não foi fácil, não dava para homogeneizar.

A Marcha foi percebida pelos entrevistados sob vários aspectos, a maioria deles como sendo positivos. Entre esses aspectos podemos citar uma maior visibilidade e reconhecimento ao movimento, o crescimento de grupos do movimento como a Mensagem e a relação com outros atores sociais. Também identificamos o aumento no número dos parques, apesar de alguns entrevistados rejeitarem a relação existente entre o aumento no número de parques e a realização da Marcha, que aparece no depoimento abaixo. A própria realização deste trabalho foi citada como um efeito positivo da

Marcha para o Movimento, afinal o nosso interesse pelo MH surgiu a partir da construção da Marcha.

A.S.: Acabaram se multiplicando os Parques de Estudo e Reflexão, a Mensagem mesmo acabou se multiplicando né, se enraizando em vários lugares. E ficaram muitos contatos, nem sei te dizer onde continua ou não, no Mundo Sem Guerras, que foi o organismo que teve mais ativo na marcha, teve reconhecimento original da ONU.

D.E.: Que tu estejas fazendo essa entrevista por exemplo, rrsrrs ... Acredito que tenha ficado como uma pequena faísca que em algum momento possa acender uma fogueira me parece foi que uma coisa que a marcha deixou, mas também deixou o tema de que é possível realizar uma sintonia mundial e que essa sintonia mundial não precisa de uma grande organização.

P.F.: Diríamos que o saldo é a criação da consciência mundial da necessidade da não violência. Creio que todos os movimentos sociais que surgem na segunda década deste novo século estão inspirados nesta consciência não violenta. Foi um aporte do Movimento sim, da Marcha Mundial, sim porque a Marcha Mundial passou por todos os países árabes, onde aconteceu a Primavera. A Marcha passou por todos os países onde tem tido movimentos sociais não violentos e se criou muitíssima consciência nos jovens, uma nova sensibilidade.

D.N.: Porque isso aumentou o contato com outras organizações sociais, difundir mais o humanismo e teve muito contato com as pessoas da cultura, as pessoas da música, com os jornalistas. Basicamente o grande aporte da Marcha foi haver aumentado (...) muito o contato com eles, com tantas organizações.

Os depoimentos acima demonstram o potencial que um evento como esse, uma marcha mundial, pode ter para um movimento social, que passa desde a criação de redes que podem ser desenvolvidas continuamente e futuramente reforçando as ações conjuntas, como também criando símbolos e significados compartilhados, na construção de uma solidariedade que pode constituir a identidade coletiva de um movimento como coloca Melucci (2001). Ao mesmo tempo, como nos mostra Snow (1994), o próprio evento, como um marco, com seus significados e mensagens, estaria perfeitamente explicado dentro da criação de quadros interpretativos. Os argumentos mostram desde o crescimento do movimento, por atrair mais simpatizantes; o interesse acadêmico despertado pelo evento, como no caso desta pesquisa; a influência e compartilhamento da ideia da não violência por outros movimentos sociais e políticos, como acredita a entrevistada P.F. se referindo à possível influência da Marcha na Primavera Árabe e nos jovens; além de inúmeros contatos com outras organizações.

Sendo tão positivos os efeitos da Marcha para o Movimento Humanista, tal como parece ter sido um momento de afirmação, perguntamos por que a marcha não foi realizada em anos posteriores. A justificativa consiste em argumentos que vão desde as dificuldades físicas e financeiras, passando por entrevistados que não sabem o motivo, até o aspecto que mais nos interessa, que são mudanças acontecidas no MH a partir dessa realização. No argumento abaixo observamos a contextualização do momento vivido na história humana como sendo fundamental para justificar um esforço tão grande.

C.P.: Eu acho que as marchas continuam né, em alguns lugares que a gente passou, implementaram marchas, anualmente fazem, então algumas coisas continuam... Eu acho que a marcha aconteceu naquele momento porque precisava de um sinal forte naquele momento, assim como na década de 80 a União Soviética precisava de um sinal forte e o Movimento Humanista esteve na década de 80 próximo a Gorbachov, até a queda daquele sistema.

F.M.: Porque um esforço como essa Marcha Mundial é um negócio muito complicado, não é? Eu acho, não sei se a estratégia era pra ser feita todos os anos, a estratégia era pra criar um grande barulho, um grande agito e que isso continuasse nos países ou nos continentes, através da articulação.

Mas ao mesmo tempo em que a marcha parece potencializar uma maior visibilidade e crescimento ao movimento, ela também parece ter estimulado uma nova autorreflexão, uma avaliação da real situação em que se encontra o Movimento Humanista hoje.

D.N.: O movimento está num processo de internalização, no qual as pessoas do movimento estão procurando trabalhar no tema de nós mesmos, com um propósito maior e digamos que a parte mística do movimento se organiza no que chamamos “escola”.

P.G.: A marcha mais uma vez deixou claro a nossa capacidade e possibilidade de agir coordenadamente a nível institucional, com uma campanha, alguma atividade pontual, mas deixou em evidência ao mesmo tempo, a debilidade que tem o movimento ainda para se expressar localmente.

Segundo a percepção de um dos entrevistados, a Marcha representou um momento de mudança substancial no MH, que pode gerar consequências importantes. Em seu depoimento este entrevistado explica um dos recursos usados na formação do

MH em seu período de fundação e até hoje praticado, que são as “escolas e as disciplinas”:

E.M: O movimento conforme você deve saber ele passou por um momento divisor de águas que coincide justamente com a Marcha Mundial. O movimento era uma coisa antes da Marcha e passou a ser outra coisa depois da Marcha, a marcha foi como um rito simbólico que indica uma mudança de etapas significativas no movimento... o movimento antes da Marcha Mundial pela Paz e Não Violência ele tinha uma determinada forma de organização que não era mais condizente com o momento atual... O mundo era de um jeito, passaram-se anos ele manteve a mesma forma organizativa interna e chegou a um determinado momento que se fez necessária uma modificação porque havia um certo desfalecimento do conjunto, uma certa falta de ânimo do conjunto... passou essa quantidade de anos e o movimento tava num momento que a gente chama de síntese, tava se sintetizando ou morrendo ou o nome que você queira dar, houve uma origem, um desenvolvimento, um momento de apogeu lá pelos anos 90 e aí começou um momento de declínio... E isso era como fazer contato com a razão pela qual esse movimento se levantou nos anos 60... Então estou sintetizando e alguns amigos que se ocupam de observar esse tipo de coisa, advertiram sobre isso e entenderam que seria necessário a gente fazer um trabalho de qualificação pessoal e uma forte ação voltada pro meio como sempre foram as coisas, ao mesmo tempo em que a gente trabalha sobre nós mesmos a gente procurava levar em conjunto a ação pra fora, ação na ordem pessoal e social. Essa ação na ordem pessoal a gente chama de trabalho e desenvolvimento pessoal e a ação no mundo a ação de transformação social ou atividade de solidariedade social. E qual atividade foi essa de grande alcance social no meio? Foi a Marcha. E qual foi essa atividade feita na ordem pessoal? É o trabalho de nivelamento para as disciplinas. Com a marcha a gente tentou fazer uma coisa grande, uma coisa muito ousada pra fora e isso requeria uma forte capacitação pra dentro, entende? E aí a marcha correspondia a essa ação no meio e o trabalho de desenvolvimento pessoal correspondia ao nivelamento só que não era um trabalho de desenvolvimento pessoal qualquer, porque era a antessala para a entrada nas chamadas disciplinas, que já não têm muito a ver com o movimento. O movimento é uma coisa e as disciplinas pertencem a um outro âmbito que não é o movimento, mas em todo caso é a “Escola” que deu origem ao movimento.

C.U.: A Mensagem é uma forma de como refletir e ter ferramentas para manejar-se no mundo e a escola é uma atividade interna da doutrina humanista onde as pessoas podem fazer seminários dedicados a desenvolvimentos internos profundos, como as disciplinas, a Mensagem é social e a escola é onde nos capacitamos.

A fala de C.U. é importante por deixar mais claro o que representam a escola e as disciplinas na formação dos humanistas, como recurso de desenvolvimento pessoal, usados ainda hoje para fazer uma espécie de nivelamento entre os membros do movimento e utilizados depois da realização da Marcha na capacitação de membros

novos e antigos. O depoimento de E.D. assume uma importância fundamental, pois a Marcha aparece como recurso essencial na dinâmica de atuação do movimento, que tem a necessidade de uma ação interna e individual e, ao mesmo tempo, externa e social, como temos tentado mostrar. Além disso, a Marcha aparece como a possibilidade de dar um novo gás, fôlego e estímulo aos membros do MH, evitando, inclusive, a finalização desse movimento.

Observamos que tanto o Movimento Humanista quanto a Marcha Mundial apresentam uma construção de importantes significados. Snow (1994) nos lembra que esses significados delimitam no tempo e no espaço tanto as ações como o próprio movimento, sendo essenciais para construção e manutenção das identidades coletivas e que isto pode ser melhor expressado quando se analisam os aspectos relacionados à consciência ou ao caráter de seus seguidores. É o que parece se apresentar nos relatos dos entrevistados.

P.F.: Me parece que estamos num momento de tal desestruturação e tal crise mundial que é fundamental construir referências e o pensamento nosso o pensamento humanista é uma referência indispensável hoje em dia, por isso pessoalmente eu me aplico na difusão dessas ideias, para dar um sinal permanente de que se pode pensar de outro modo, sentir e atuar coerentemente com este pensamento, mas creio que hoje em dia o mundo está muito, muito necessitado de humanismo.

D.N.: A Marcha foi como uma síntese do trabalho que fazemos no Movimento Humanista durante muitos anos. Não havia como organizá-la obviamente senão pelo Movimento Humanista, ninguém mais podia organizá-la, não havia um movimento tão compartilhado no mundo e com tanta capacidade organizativa para fazer uma marcha mundial, sim? E sem ambições políticas, econômicas e outras coisas, mas completamente participativa, aberta.

C.P.: Hoje eu interpreto assim, é muito pessoal o que estou passando, eu acho que ele [Silo] já tava vislumbrando a necessidade de um sinal e eu acho que o Movimento Humanista ele tem um papel fundamental, ele não é tão protagonista nas suas causas. Eu acho assim, em termos de movimentos históricos, ele não vai ser tão protagonista, “o movimento que mudou tal coisa”. Existem momentos cruciais para a humanidade em que ele dá um sinal, e eu acho que a Marcha Mundial foi esse sinal. Foi um momento na humanidade em que existia um certo perigo, talvez exista até hoje, mas naquela época eu acho que ele percebeu essa necessidade de dar um sinal mais forte.

Em outros momentos, os entrevistados também se orgulham de ter realizado a primeira Marcha Mundial pela Paz e alguns acreditam que esta Marcha influenciou a

realização de outras marchas mundiais. O depoimento de D.N., em outro trecho, traz também a dimensão espiritual que é dada ao Movimento Humanista, onde aparece a consciência da grandiosidade de sua importância, inclusive sendo comparado algumas vezes, para servir como exemplo, ao cristianismo e ao islamismo.

D.N: A proposta de Silo foi que... mostrar-nos a nós mesmos, buscar tomar contato com o sagrado de alguma maneira para que o sagrado se expresse e de expressar-se no sagrado se pode fazer muitas coisas e chegar a muitas pessoas. Isso era uma coisa que ele propunha não porque lhe parecia bem, mas porque foi o que aconteceu com a maioria dos grandes humanistas no mundo... por exemplo: o Islamismo, nasceu em Meca, no sul da Arábia e começou com uma coisa muito pequenina, mas esta gente estava como que inspirada... Por ter trazido esta mensagem com alguma força, não com discurso, mas como um conto que passas a outras pessoas... Em muitas partes e isso se formou a religião e se tornou um mito, ao que se chamava de Budha... E o mesmo foi com o cristianismo... na época do Império Romano...

Snow (1994, p. 234), ao analisar movimentos religiosos, diz que “enquanto que a conexão com alguma profecia ou período histórico do passado pode ser uma característica desses movimentos, tais marcos se fazem também evidentes em outros movimentos mais secularizados e políticos”. Assim, temos que esse *ethos* religioso não se expressa objetivamente como recurso mobilizador e agregador, mas como um marco delimitador que está condicionado à interpretação que seus membros têm do próprio movimento e sua importância.

Nesse contexto, parece fundamental fazer algumas considerações a respeito da importância que Silo, o fundador, mentor e líder espiritual tem para este movimento. Em toda a nossa análise, mostramos como suas ideias e vontades inspiraram e direcionaram a forma e organização do movimento, sua ideologia e suas ações. Mesmo a Marcha Mundial Pela Paz e Não Violência surgiu a partir de uma solicitação sua. Percebemos mesmo através da fala de alguns entrevistados que a sua morte, assim como a realização da Marcha e as mudanças ocorridas no movimento, ainda não foram devidamente sintetizadas, absorvidas e analisadas pelos membros do MH. Como nos diz C.U.:

C.U.: E depois morre, sai Silo baseado nas estrelas e as pessoas necessitam tempo para mastigar, para entender tudo que está acontecendo em tão pouco tempo.

6 Considerações finais

O estudo realizado sobre o Movimento Humanista e a Marcha Mundial pela Paz e Não Violência, sob a análise das abordagens da questão da identidade, nos aponta algumas importantes observações no campo dos movimentos sociais. A mais importante diz respeito a uma característica pertinente a nossas sociedades contemporâneas: a constatação que a permanente tensão entre as identidades individuais e coletivas afeta diretamente os movimentos sociais, podendo dificultar a manutenção e a continuidade de suas ações e mesmo a permanência do próprio movimento. A busca, a construção e a manutenção das identidades coletivas mostram-se possíveis para este movimento a partir de um fortalecimento ou ascensão das identidades individuais, numa estreita e contínua interrelação entre esses dois âmbitos.

O fenômeno das marchas, que vem acontecendo no mundo todo, tem uma importância que vai além da visibilidade conquistada pela ocupação dos espaços públicos. Demonstra a força e organização do movimento, sua capacidade de criar redes sociais, de contato com outros atores, de criar significados, símbolos que possam ser compartilhados por atores ainda que não atuem dentro dos movimentos. As marchas podem ampliar e afirmar ideologias. Mas a exposição proporcionada por uma marcha mundial, esse contato com outros atores, organizações, outros movimentos sociais, o Estado e cidadãos comuns, pode levar o movimento realizador a um momento de forte reflexão interna provocada mesmo pela percepção de diferentes identidades, entre o “nós” (o movimento) e os “outros” (tudo que não é o movimento), entre o estabelecimento de posições e construção de suas ideologias, entre o que está no cotidiano e além dele, entre o local e o global. Pode levar o movimento a uma introspecção que pode fortalecê-lo internamente, mas que também pode levá-lo à sua destruição. Pois a afirmação das identidades coletivas conseguida com a sua exposição na realização de uma marcha mundial pode provocar, no movimento social, uma exigência, um esforço muito grande para mantê-la e desenvolvê-la internamente e localmente. Pode levar a uma reflexão que reforça de novo a reconstrução de suas atividades e identidades, como diz Melucci (2001), num processo contínuo e permanente de trocas, negociações e conflitos que existem nas interações, fundamentais para as identidades coletivas e finalmente para os movimentos sociais.

No caso da Marcha Mundial pela Paz e Não Violência, o evento foi considerado pelos próprios ativistas como um “divisor de águas”, uma oportunidade para expansão

dos parques, embora não tenha sido este o objetivo original, tampouco a expansão do próprio movimento. A ideia era criar uma consciência em torno da necessidade da não violência. Mas, ao mesmo tempo em que a realização da marcha mostrou a capacidade organizativa deste movimento, originando uma autopercepção de uma ação global, isso aparentemente gerou uma tensão interna nos ativistas expressa nas suas dificuldades de ações locais. Esta tensão pode ter estimulado, entre os membros, uma introspecção, um voltar-se para dentro, no intuito de se fortalecer internamente e individualmente, para só depois disso voltar-se novamente para o externo, ou seja, para o social.

A experiência da ausência de um líder, como Silo (falecido em 2010), aliada à realização da Marcha Mundial pelo Movimento Humanista, ao mesmo tempo em que gerou um sentimento de orgulho e uma forte impressão positiva da capacidade organizativa, além da sensação de uma importante conquista obtida com a propagação de seus ideais, como jamais haviam conseguido antes, gerou a necessidade de uma introspecção e uma reflexão interna, que pode ser percebida como uma busca, uma reafirmação de seus princípios, de suas crenças, de suas possibilidades reais, de sua atuação local, enfim, de um fortalecimento das identidades individuais para outra vez reconstruir e demonstrar a força de sua identidade coletiva através de suas ações na sociedade.

Assim, o sucesso conseguido pela Marcha, traduzido no aumento de números de parques, visibilidade social, criação de redes sociais e propagação de suas crenças, pode por um lado provocar um crescimento muito grande no movimento e, por outro lado, essa exposição de suas ideologias, de sua estrutura organizativa confrontada com a presença de outros atores e organizações, estimulando a percepção de conflitos internos e locais, pode provocar importantes mudanças sociais, mas também pode provocar grandes mudanças internas no movimento.

A ideologia deste movimento, suas reivindicações e, até mesmo, seus repertórios de ação, baseados na não violência ativa, buscados através de uma militância cotidiana e contínua que tenta se transformar num estilo de vida, refletem-se em sua identidade coletiva. Como sua ideologia se fundamenta exatamente na consciência da construção de um mundo humano e não violento, o movimento parece tentar, ainda que não se perceba muito claramente em termos sociológicos, uma harmonia entre indivíduo e sociedade, uma transformação e fortalecimento individual, uma mudança individual que proporcione ao indivíduo a consciência humana e, sendo humana é, por excelência, coletiva. Em outras palavras: uma mudança social. A forma como este movimento lida

com as identidades individuais e sua identidade coletiva demonstra a importância que esta questão teórica e empírica tem para os movimentos sociais e, conseqüentemente, para a sociologia. Daí podemos tentar compreender por que alguns movimentos sociais na atualidade, com expressivas manifestações e protestos gigantescos, como por exemplo, os que aconteceram em junho de 2013 no Brasil, não conseguem se manter mesmo com possibilidades claras de conquistar o que reivindicam.

Apesar de existir um *ethos* religioso muito forte no movimento, principalmente a partir da influência de seu guia espiritual, Silo, a análise dos dados não demonstrou claramente que o Movimento Humanista se utiliza dessa perspectiva como fenômeno agregador e mobilizador. A impressão que temos é que esse caráter espiritual é encarado como forma de transcendência individual, visto que a problemática da violência é, primeiramente, interna, embora esteja presente em todas as lutas sociais. A questão da não violência pode gerar um capital simbólico importante que pode ser compartilhado pelos membros deste movimento com os demais atores.

No caso do Movimento Humanista, que busca uma transformação nas identidades individuais, uma transcendência individual como algo necessário à transformação social, ou seja, um movimento que reflete muito bem essa tensão entre indivíduo e sociedade no mundo contemporâneo, um fenômeno como a Marcha Mundial Pela Paz e Não Violência só reforçou a necessidade de uma afirmação das identidades individuais, de sua transformação interna na construção e reafirmação de sua identidade coletiva. A abordagem desse tema reflete ainda, como tentamos demonstrar ao longo deste trabalho, não especificamente os problemas metateóricos das ciências sociais – isto teria de ser tema de um estudo mais aprofundado –, mas atenta na direção em que a problemática relação entre indivíduo e sociedade se reflete nos diversos âmbitos da vida, sendo percebida onde quer que olhamos, cientificamente ou não. Como não poderia ser diferente, essa problemática também está presente nos movimentos sociais, na ação social e, conseqüentemente, nas mudanças sociais. Não esquecendo sua existência no olhar sociológico de quem, na perspectiva de indivíduo e humano, estuda os fenômenos sociais. Está presente nas teorias e nas metodologias das ciências sociais. Não me cabe aqui apontar uma saída para esse dilema teórico-metodológico, mas ressaltar a importância dessa tensão e a necessidade de mais estudos na busca por caminhos que possam minimizar os impactos da limitação de abordagens exclusivistas.

REFERÊNCIAS

BRUCKMANN, Mónica; DOS SANTOS, Theotonio (2005). Los movimientos sociales en America Latina: un balance historico. In: **Seminário Internacional REG GEN: Alternativas Globalização**. Rio de Janeiro, Brasil UNESCO. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/reggen/pp13.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

CANCLINI, N. G. (2004). Diferentes, desiguales o desconectados. **Revista CIDOB D'AFERS INTERNACIONAL**, n. 66-67.

CARDOSO, R. C. L. (2004). A trajetória dos movimentos sociais. In: DAGNINO, E (org.). **Anos 90: Política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense.

CARNEIRO, Henrique Soares (2012). Apresentação: rebeliões e ocupações em 2011. In: HARVEY, D. et al. **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo/Carta Maior.

CASANOVA, P. G. (2002). La dialéctica de las alternativas. **UMBRALES: Revista del Postgrado en Ciencias del Desarrollo, CIDES-UMSA**, n.11.

CASTELLS, Manuel (2007). **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**, Volume I, A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra.

COHEN, Jean (1985). Strategy or Identity: New Theoretical Paradigms and Contemporary Social Movements. **Social Research**, V 52, N 4, p. 663-716.

DAGNINO, E. Confluência perversa, deslocamentos de sentido, crise discursiva. In: GRIMSON, A. **La cultura en las crisis latinoamericanas**. Buenos Aires, Clacso, 2004. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/grupos/grim_crisis/11Confluencia.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2014.

DALLE NOGARE, Pedro (1985). **Humanismo e anti-humanismo**. Petrópolis: Vozes.

DIANI, M. (2003). Networks and Social Movements: a Research Program. In: DIANI, M. & MCADAM, D. (eds.). **Social Movements and Networks**. Relational Approaches to Collective Action. Oxford: Oxford University.

DOMINGUES, José Maurício (2007). **Aproximações à América Latina: Desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

ELIAS, Norbert (1994). **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FAIRCLOUGH, Norman (2001). **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

GOHN, Maria da Glória (2004). **Teoria dos movimentos sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola.

_____ (2007). **Movimentos sociais no início do século XXI: Antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Vozes.

_____ (2008). Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais no estudo dos movimentos sociais na América Latina. **Caderno CRQ**, Salvador, v. 21, n. 54.

HALL, Stuart (2006). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A.

HANNEMAN, Robert A. (2001). **Introducción a los Métodos del Análisis de Redes Sociales**. Riverside: Universidad de California.

HARAWAY, Donna (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. no 5, p. 07-41.

HEIDEGGER, Martin (1991). **Carta sobre o Humanismo**. São Paulo: Moraes.

HIRSCH, Tomás (2008). **O fim da pré-história: um caminho para a liberdade**. São Paulo: Expressão Popular.

HUNT, S.; BENFORD, R.; SNOW, D. (1994) Marcos da acción colectiva y campos de identidad en la construcción social de los movimientos. In: LARAÑA, E.; GUSFIELD, J. (Eds.). **Los nuevos movimientos sociales de la ideología a la identidad**. Madrid, CIS. p. 221-249.

JUHNSTON, H.; LARAÑA, E. GUSFIELD, J. (1994). Identidad, ideología y vida cotidiana en los nuevos movimientos sociales. In: LARAÑA, E.; GUSFIELD, J. (Eds.). **Los nuevos movimientos sociales de la ideología a la identidad**. Madrid, CIS. p. 3-40.

KLANDERMANS, Bert (2004). The demand and supply of participation: social-psychological correlates of participation in social movements. In: SNOW, David A.; SOULE, Sarah A.; KRIESI, Hanspeter (eds). **The Blackwell Companion to Social Movements**. Oxford: Blackwell.

LACLAU, Ernesto (1986). Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 1, n. 2, out. p. 41-47. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_02/rbcs02_04.htm>. Acesso em: 19 jul. 2014.

MANEIRO, Maria (2006). Movimentos sociais e Estado: uma perspectiva relacional. In: DOMÍNGUEZ, J.M; MANEIRO, M. (Orgs). **América Latina hoje: conceitos e interpretações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

MANDOLFO, Rodolfo (1964). **El humanismo de Marx**. México: Fondo de Cultura Económica.

MARTÍN-BARBERO, J. (2006). Projetos de modernidade na América Latina. In: DOMÍNGUEZ, J.M; MANEIRO, M. (Orgs). **América Latina hoje: Conceitos e interpretações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

MATO, D. Redes transnacionales de actores globales y locales em la producción de representaciones de ideas de sociedade civil. In: MATO, Daniel (org.). **Políticas de ciudadanía y sociedade civil em tempos de globalización**. Caracas, FACES, Universidad Central de Venezuela, 2004, p. 67-93. Disponível em: <<http://www.globalcult.org.ve/pub/Rocky/Libro2/Mato.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

MELUCCI, A (1994). Movimentos sociais, inovação cultural e o papel do conhecimento. **Novos Estudos**, São Paulo, CEBRAP.

_____ (1996). Juventude, tempo e movimento sociais. **Revista Young**, v. 4, n.2, p.3-14. Estocolmo.

_____ (2001). **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis: Editora Vozes.

_____ (2005). Busca de qualidade, ação social e cultura – Por uma sociologia reflexiva. In: _____ (Org.). **Por uma sociologia reflexiva: Pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis: Editora Vozes.

MERCKLÉ, Pierre (2004). **Les origines de l'analyse des réseaux sociaux**. CNED.

MOUFFE, Chantal (2003). Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. Política e Sociedade. **Revista de Sociologia Política**, UFSC, v.1, n.3, Florianópolis.

MUTZENBERG, Remo (2002). **Ações coletivas, movimentos sociais: aderências, conflitos e antagonismo social**. Tese (Doutorado em Sociologia). UFPE, Recife.

_____ (2011). Movimentos sociais: entre aderências, conflitos e antagonismos. In: **SINAIS – Revista Eletrônica - Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.09, v.1, Junho, p.127-143.

OLIVEIRA, Francisco (2007). Política numa era de indeterminação: opacidade e reencantamento. In: OLIVEIRA, Francisco; RIZEK, Cibele Saliba (Orgs.). **A era da indeterminação**. São Paulo: Boitempo, Coleção Estado de Sítio.

PIERUCCI, Antônio Flávio (1998). Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.13, n.37. São Paulo.

PORTUGAL, Sílvia (2007). Contributos para uma discussão do conceito de rede a teoria sociológica. **Oficina do CES**, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, n. 271, Coimbra.

PULEDDA, Salvatore (1996). **Interpretaciones del humanismo**. Santiago do Chile: Virtual Ediciones.

RANCI, Costanzo (2005). Relações difíceis: a interação entre pesquisadores e atores sociais. In MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis: Vozes. p. 43-66.

RICHARDSON, Robert Jarry et al (2008). **Pesquisa social: Métodos e técnicas**. São Paulo: Editora Atlas.

RUBIA, Rafel de la (Org.) (2010). *Marcha Mundial por la Paz y La No-Violencia/The World March for Peace & Nonviolence*. Madri, Espanha.

SADER, E (1991). **Quando novos personagens entram em cena: falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980**. Rio de Janeiro: Paz e Terra

SCHERER-WARREN, Ilse (2006). Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, v.1, p. 109-130. Brasília.

_____ (2005). Redes sociales y de movimientos en la sociedad de la información. **Nueva sociedad**, 196 Abril/Março 2005. Disponível em: <http://www.nuso.org/upload/articulos/3250_1.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2014.

_____ (2008). Rede de movimentos sociais na América Latina – Caminhos para uma política emancipatória? **Caderno CRQ**, v. 21, n.54. Salvador.

_____ (2009). **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola.

SCHWANDT, Thomas A. (2006). Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.) **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. São Paulo: Artmed/Bookman.

SILO (1994). **Carta a mis amigos**. Capital Federal: Centauros Ediciones.

_____ (1996). **Diccionario del nuevo humanismo**. Capital Federal: Magenta Ediciones.

_____ (2002). **Habla Silo**: recopilación de opiniones y conferencias 1969-1995. Santiago do Chile: Virtual Ediciones.

SIMMEL, Georg (2006). **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SNOW, David; McADAM, Doug (2000). Identity work processes in the context of social movements: Clarifying the identity/Movement Nexus. In: STRYKER, Sheldon; OWENS, Timoth; WHITE, Robert. **Self, identity, and social movements**. Minnesota: University of Minnesota Press.

STAVENHAGEN, R. (1997). Treinta años después. **Análisis Político**, n. 31. Instituto de Estudios Políticos y Relaciones Internacionales (Iepri), Universidad Nacional de Colombia.

SZTOMPKA, A (2005). **Sociologia da mudança social**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira.

TARROW, S. (2009). **O poder em movimento**: movimentos sociais e confrontos políticos. Petrópolis: Vozes.

TOURAINÉ, Alain (1997). **Podremos vivir juntos?** Buenos Ayres: Fondo de Cultura Económica.

_____ (2006). Na fronteira dos movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, v. 21, n. 1, Brasília.

WEBER, Max (1963). A política como vocação e A ciência como vocação (1922). **Ensaio de Sociologia**. Organização e Introdução de H. H. Gerth e C. Wright Mills. Rio de Janeiro: Zahar.

_____ (2007). **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret.

<http://www.marchamundial.net>

<http://www.marchamundial.org/>

<http://humanismo.multiply.com/>

http://www.diariouno.com.ar/contenidos/2010/01/02/noticia_0007.html

<http://www.ph.org.br/>

<http://www.internationalhumanistparty.org/es>

<http://www.convergenceofcultures.org/>

<http://www.movimento-humanista.org>

<http://www.silo.net/>

<http://www.vivapernambuco.com.br>

<http://www.reclaim-the-streets.net/>

<http://www.theworldmarch.org>

<http://revistaplaneta.terra.com.br/secao/espirtualidade/parques-de-estudo-e-reflexao>

<http://www.amensagemdesilo.org.br/index.htm>

<http://www.pressenza.com/pt-pt>

<http://www.mundosinguerras.org>

<http://www.lacomunidadmundial.org>

<http://www.parquecaucaia.org.br>

<http://www.cmehumanistas.org>

ANEXO 1

ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS MEMBROS DO MOVIMENTO

1º BLOCO – ATUAÇÃO PESSOAL NO MH

Vamos começar falando um pouco sobre você e sobre sua atuação pessoal dentro do Movimento Humanista.

- 1 – Qual a sua idade, sexo, profissão, grau de instrução e qual a sua cidade de origem?
- 2 – Como você entrou em contato com o MH, como se tornou ativista e quando foi isso?
- 3 – Qual a sua função dentro do MH hoje, o que faz, em que organismo atua? Onde atua e onde já atuou, ou seja, para onde viajou e quais atividades você costuma realizar para o MH?
- 4 – Quais as suas expectativas como ativista dentro do MH? O que pensa em fazer, que projetos pensa ou gostaria de desenvolver?
- 5 – Você já participou ou participa de algum outro movimento social? Partido político? Religião?

2º BLOCO – GERAL: MOVIMENTO HUMANISTA

Agora eu gostaria de entender um pouco o que é o Movimento Humanista, como funciona, como se organiza, objetivos etc.

- 1 – Vamos começar falando sobre o MH de uma maneira geral, como você definiria o movimento, para você o que é o MH? Qual é o principal objetivo/qual o seu principal foco? (explorar se considera o MH um movimento social)

2 – Quais são as estratégias comumente desenvolvidas para atingir esse objetivo (Quais são as formas de atuação do MH/ Como ele se expressa)?

3 – Como o MH está organizado, existe alguma hierarquia? Como os ativistas estão estruturados/organizados (Quem são os líderes do movimento hoje no Brasil/ Como eles são escolhidos ou quem são os responsáveis que podem falar pelo MH hoje no Brasil)

4 – Como uma pessoa pode se tornar um humanista ou um ativista humanista? Existe alguma capacitação? Como funciona?

5 – Existem 5 organismos hoje dentro do MH, além da Mensagem de Silo, como o movimento chegou a essa formação? O que representa e como funciona cada um desses organismos?

- CENTRO MUNDIAL DE ESTUDOS HUMANISTAS
- CONVERGÊNCIA DAS CULTURAS
- A COMUNIDADE
- O PARTIDO HUMANISTA
- MUNDO SEM GUERRAS E SEM VIOLÊNCIA
- A MENSAGEM DE SILO

6 – Pessoalmente percebo que a maioria dos ativistas que conheço passou para a Mensagem de Silo, você acha que essa é a tendência do MH? Porque esse grupo vem atraindo mais ativistas? Essa tendência está sendo seguida em outros países? Por que esse grupo não é considerado um organismo como os outros?

7 – O que são os Parques de Estudo e Reflexão, seriam sedes? Como funcionam? Como são criados? Como eles se mantêm? Como o movimento se financia, como se mantêm?

8 – Desde que o MH chegou ao Recife, muitos ativistas de fora têm morado algum tempo na cidade, inclusive alguns ativistas usam a expressão “missões”? Como funciona isso? Quem e como se elegem os locais e a pessoas que fazem essas missões?

9 – O MH possui alguma parceria/ intercâmbio com algum outro movimento social?

3º BLOCO – MARCHA MUNDIAL PELA PAZ E NÃO VIOLÊNCIA

Agora eu gostaria que você falasse um pouco sobre a realização da Marcha Mundial Pela Paz e Não Violência.

1 – Como surgiu a ideia de fazer a Marcha? Quais eram os principais objetivos da Marcha? O que o MH pretendia com ela?

2 – Como foi possível a realização dessa Marcha? Quais foram as estratégias utilizadas para a sua realização?

3 - Quais foram as principais dificuldades para a realização da Marcha? E o que você poderia mencionar como elemento facilitador? Qual o saldo, o que ficou para o MH depois da Marcha? (se parecerias e projetos, quais?)

4 – Na sua opinião o que representou a realização dessa Marcha para o MH?

5 – Porque o MH não realizou a Marcha nos anos seguintes?

6 – Antes da Marcha existiam aproximadamente 20 Parques, quantos parques existem agora? Você acha que isso está de alguma forma relacionado à Marcha?

– INDICAÇÕES

– Para completar as entrevistas qualitativas que preciso para a minha pesquisa, vou precisar entrevistar 3 ativistas em cada um desses países: Brasil, Argentina, Chile e Colômbia. Você poderia me indicar algumas pessoas?

ANEXO 2

Perfil geral dos respondentes

Entrevistado	País	Cidade	Idade	Sexo	Grau de instrução	Profissão	Ano de entrada no MH	Organismo/ área em que atua
C.P.	Brasil	São Paulo	39	Fem.	Superior	Administradora	2001	Mensagem de Silo
A.S.	Brasil	São Paulo	40	Masc.	Superior	Jornalista	1990	Mensagem de Silo
E.M.	Brasil	São Paulo	32	Masc.	Superior	Professor	1999	Centro Mundial de Estudos Humanistas
F.M.	Brasil	São Paulo	41	Fem.	Superior	Jornalista	1990	Mensagem de Silo
M.P.	Brasil	Recife	25	Fem.	Superior	Estudante	2009	Nenhum
W.L.	Brasil	Olinda	23	Fem.	Superior	Jornalista	2009	Mensagem de Silo
D.E.	Chile	Santiago	61	Masc.	Superior	Engenheiro	1971	Mensagem de Silo
P.F.	Chile	Santiago	61	Fem.	Superior	Intérprete	1969	Pressenza e Partido Humanista
P.G.	Argentina	La Pampa	49	Masc.	Superior incompleto	Desempregado	1982	Partido Humanista
D.N.	Colômbia	Bogotá	61	Masc.	Superior	Engenheiro	1974	Mundo Sem Guerras e a Comunidade
A.S.W.	Colômbia	Bogotá	35	Masc.	Superior	Administrador	2004	Partido Humanista
C.U.	Colômbia	Bogotá	56	Fem.	Superior	Professora	1977	Mensagem de Silo

Fonte: Pesquisa direta.